

ANEXOS
1 a 21

ANEXO 1. Factos Relevantes na História da Avaliação Educativa

ANO	FACTO HISTÓRICO
2000 a. C.	Os chineses já utilizam exames para o acesso como funcionários ao serviço público do estado
Século V a. C.	Sócrates, entre outros, utiliza o questionário avaliativo como parte da sua metodologia didáctica
1599	Os Jesuítas publicam uma série de normas sobre a forma de preparar exames escritos
1869	F.Galton publica <i>Hereditary Genius</i> onde para além das diferenças individuais, aplica pela 1.ª vez conceitos estatísticos de curva normal a dados psicopedagógicos
1894	J.M. Cattell passa a administrar uma série de provas mentais e físicas aos alunos que ingressavam no Columbia College
1897	Corman apresenta alguns testes para medir a ortografia
1898	J.M.Rice realiza o primeiro estudo de ortografia com 33000 alunos, considerado como avaliação em contexto escolar
1904	Spearman publica vários artigos que são considerados como o nascimento formal da Teoria Clássica dos Testes
1904	R.L.Thorndike publica <i>Introduction to the Theory of Mental and Social Measurement</i>
1905	Binet e Simon publicam em França a primeira escala métrica para medir a inteligência
1910	R.L.Thorndike cria a escala para medir a caligrafia
1910	Ayres e Freeman constroem escalas de escrita
1911	Claparède cria na Suíça um laboratório de Psicologia experimental e publica <i>Psicologia da infância e pedagogia experimental</i>
1913	R.L.Thorndike coloca a necessidade das medições absolutas nas provas de rendimento
1915	Funda-se a AERA – American Educational Research Association
1916	Terman publica <i>A Escala Stanford-Binet</i> e introduz o conceito de Coeficiente Intelectual CI
1920	Surge na França a Docimologia
1923	Publicação da primeira edição dos <i>Stanford Achievement Tests</i>
1932	R.W.Tyler inicia o estudo denominado <i>Eight Year Study of Secondary Education</i>
1942	R.W.Tyler publica <i>General Statement of Educacion</i>
1947	Criação da ETS – Educacional Testing Service
1950	R.W.Tyler publica <i>Basic Principles of Curriculum and Instruction</i>
1956	B.S.Bloom e seus colaboradores publicam <i>Taxonomy of Educational Objectives.Cognitive Domain</i>
1963	J.L.Cronbach publica <i>Course Improvement Through Evaluation</i> , onde apresenta uma nova concepção de avaliação como instrumento para a tomada de decisão e melhoria
1963	R.Glaser publica <i>Instructional Technology and the Measurement of Learning:Some Questions</i> , onde estabelece as diferenças entre a avaliação normativa e sumativa

1964	Krathwohl, Bloom e Masia publicam <i>Taxonomy of Educational Goals .Affective Domain</i>
1964	Cria-se nos EUA a NAEP – National Assessment of Educational Progress cujo primeiro director foi R.Tyler
1966	Campbell e Stanley publicam <i>Experimental and Quasi-Experimental Designs for Reserch</i> , que é considerado como introdutório à noção de cientificidade em avaliação educativa
1967	M.Scriven publica <i>The Methodology of Evaluation</i> , onde se se define pela primeira vez os conceitos de avaliação formativa e sumativa
1967	E.A.Suchman publica <i>Evaluative Research</i> onde assentam as bases da investigação avaliativa
1967	Metfessell e Michael publicam <i>A Paradigm Involving Multiple Criterion Measures for the Evaluation of Effectiveness of Scool Programs</i> , onde propõem um novo modelo de avaliação derivado de Tyler
1967	A AERA – American Educational Research Association publica o primeiro número da série monográfica <i>Evaluation of Curriculum</i>
1969	M.C. Alkin publica <i>Evaluation Theory Development</i> onde apresenta o modelo de avaliação C.S.E – Center for the Study of Evaluation
1969	Popham publica <i>Objective and Instruction</i> onde apresenta o modelo de objectivos instrutivos
1971	O Phi Delta Kappa cria o National Study Committee on Evaluation
1971	D.L.Stufflebeam <i>et al.</i> publicam <i>Educational Evaluation and Decision-Making</i> onde apresentam o seu modelo de avaliação CIPP – Context, Input, Process, Product
1971	M.Provus publica <i>Discrepancy Evaluation for Educational Program Improvement and Assessment</i> , onde apresenta o seu modelo de avaliação de discrepância
1972	Parlett e Hamilton publicam <i>Evaluation as Illumination: A new Approach to the Study of Innovatory Programmes</i> , onde apresentam o modelo avaliativo de avaliação como iluminação
1973	M.Scriven publica <i>Goal Free Evaluation</i> , onde apresenta o modelo de avaliação orientado para o consumidor e livre de objectivos
1973	R.M.Rippeey publica <i>Studies in Transactional Evaluation</i> onde propõe o modelo de avaliação transaccional
1973	T.R.Owens publica <i>Education Evaluation by Adversary Proceeding</i> onde propõe o modelo de avaliação contraposto
1973	D.L.Hammond publica <i>Evaluation at the Local Level</i> , onde se apresenta o modelo de avaliação EPIC que tenta completar o modelo de Tyler
1974	R.L. Wolf publica <i>The Citizen as Jurist: A New Mode of Educational Evaluation</i> onde propõe o modelo de avaliação judicial

1974	Aparece pela primeira vez o termo Investigação Avaliativa no Index Educaional
1974	Cria-se a IAEA – International Association for Educational Assessment
1975	B.Mcdonald publica <i>Evaluation and the Control of Education</i> onde propõe a avaliação democrática
1975	O Instituto de Ciências da Educação da Universidade de Kiel (Alemanha), a Escola de Educação da Universidade de Tel Aviv e o Centro de Avaliação da Universidade da Califórnia publicam o primeiro número da revista <i>Studies in Educational Evaluation</i> considerada como a primeira no campo da avaliação educativa
1975	R.E. Stake publica <i>Program Evaluation, Particularly Responsive Evaluation</i> , onde apresenta o modelo de avaliação respondente/responsiva
1975	É criado o Joint Committee on Standards for Educational Evaluation
1976	MacDonald´s apresenta o modelo de avaliação democrática
1976	Eisner publica <i>Educational Connoisseurship and Criticism: Their Form and Functions in Educational Evaluation</i> , onde propõe um procedimento de avaliação por peritos
1979	A AERA publica o primeiro número da revista <i>Educational Evaluation and Policy Analysis</i>
1981	O Joint Committee on Standards for Educational Evaluation publica <i>Standards for Evaluation of Educational Programs, Projects, and Materials</i>
1982	J.L Cronbach publica <i>Designing Evaluations of Educational and Social Programs</i> , onde apresenta o modelo de avaliação UTOS – Evaluation Units, Treatment, Operations
1983	Brinkerhoff, <i>et al.</i> , publicam <i>Program Evaluation: A Practioners´Guide for Trainers and Educators</i> , onde propõem o modelo de avaliação formativa
1985	W.E.Eisner publica <i>The Art of Educational Evaluation. A Personal View</i> , onde apresenta o modelo de avaliação de crítica artística
1986	Cria-se a American Evaluation Association
1989	Guba e Lincoln publicam <i>Fourth Generation of Evaluation</i>
1990	Walberg e Haertel publicam como editores <i>The International Encyclopedia of Educational Evaluation</i>
1991	Scriven publica <i>Evaluation Thesaurus</i> onde considera a avaliação uma nova disciplina, autónoma com um corpo próprio de conhecimentos
2000	J. Mateo publica <i>A Avaliação educativa sua prática e outras metáforas</i>

Fonte: Lukas e Santiago (2004)

ANEXO 2 – Seis Grandes Épocas De Evolução Da Avaliação

Época	Descrição
Antecedentes remotos (2000 a.c. – 1900)	Nesta época podemos encontrar: exames para aceder à Administração do Estado na China; utilização de questionários avaliativos como parte da metodologia didáctica na Grécia; realização de estudos de Psicometria e Psicologia experimental na segunda metade do século XIX; avaliação não com bases teóricas mas para responder às práticas rotineiras; início do interesse pela medição científica do comportamento humano; forte influência do paradigma positivista e experimental
Etapa da eficiência e dos testes (1901 – 1929)	Época marcada pela integração crescente entre os desenhos da investigação educativa de procedimentos estatísticos; desenvolvimento de métodos estatísticos e aplicação de testes métricos; ligação com o desenvolvimento da sociedade industrial e com a necessidade de seleccionar estudantes de acordo com os seus conhecimentos; desenvolvimento da medição de variáveis psicológicas aplicadas à construção de provas de conhecimento e aptidões escolares; utilização do conceito de avaliação e medição como sinónimos; avaliação e medição inseridos no paradigma quantitativo característico das Ciências Naturais; avaliação e medição utilizadas como fonte de informação sobre os sujeitos, os programas escolares e o desenvolvimento do currículo; avaliação e medição utilizados como medidas tipificadas e baseadas em grupos normativos; o papel do avaliador era encarado como o de técnico que forneceu instrumentos de medida; influência das teorias evolucionistas; desenvolvimento de uma grande variedade de testes estandardizados relacionados com a medição das capacidades escolares com ligação a objectivos externos explícitos.
Etapa de Tyler (1930 – 1945)	Período em que a avaliação era tida como um processo para determinar o alcance das metas preestabelecidas; avaliação como necessidade de emissão de um juízo de valor sobre a informação recolhida; a emissão do juízo de valor baseava-se nos objectivos específicos preestabelecidos e operacionalizados e que serviam de critérios de avaliação; os objectivos definidos operacionalmente eram a base de suporte para os processos de instrução e avaliação; o objectivo da avaliação permitiria constatar o progresso verificado nos alunos; Tyler considerado o pai da avaliação por ser o primeiro a perceber a necessidade de uma visão metodológica para a avaliação e a sublinhar a necessidade de uma avaliação científica para ajudar a qualidade da educação. A sua avaliação não se limitava a uma simples medição mas supunha já um julgamento de valor da informação recolhida. Os objectivos preestabelecidos definidos em termos comportamentais deviam marcar o desenvolvimento individual dos alunos dentro de um processo de socialização.

<p>Etapa da inocência (1946 – 1957)</p>	<p>Neste período pós II Guerra Mundial verificou-se o desenvolvimento de testes estandardizados, de técnicas de medida e de fundamentação no desenho de testes; a retracção do interesse pela avaliação; o atraso no desenvolvimento de técnicas de avaliação; o grande desenvolvimento de testes estandardizados e de taxonomias de objectivos de que é exemplo a taxonomia de Bloom; o uso amplo do modelo de avaliação de Tyler.</p>
<p>Etapa do realismo e da expansão (1958 – 1972)</p>	<p>Esta etapa ficou essencialmente marcada pelos trabalhos de Cronbach (1963) – <i>Course Improvement Through Evaluation</i> e de Scriven (1967) – <i>The Methodology of Evaluation</i>; pelo modelo CIPP de Stufflebeam; pelo modelo CSE de Alkin e o modelo <i>Countenance</i> de Stake em 1967; pelo associar do conceito de avaliação à tomada de decisão defendido por Cronbach; pelo despertar para o interesse do valor da avaliação como contributo para a melhoria da educação; por uma pressão no sentido da prestação de contas marcada pela aprovação nos EUA em 1965 do <i>ESEA – Elementary and Secondary Education Act</i>; pela implementação de uma avaliação orientada para os indivíduos (ao alunos e professores); pelo assinalar pela primeira vez por Scriven das funções da avaliação: <i>formativa</i> – cujo propósito é melhorar um programa em fase de desenvolvimento e <i>sumativa</i> – propósito de comprovar a eficiência de um programa quando terminado; por Scriven defender o carácter comparativo da avaliação; por Scriven distinguir entre avaliação intrínseca (valoração do objecto em si mesmo) e avaliação extrínseca (valoração dos efeitos que produz o objecto); pela necessidade sentida de avaliar tanto os resultados esperados como os não esperados; pela importância sentida de emissão de um juízo sobre o mérito e valor; pelo desenvolvimento de um vocabulário e literatura avaliativos; pelo desenvolvimento de um vocabulário e literatura avaliativos; pelo desenvolvimento de inúmeros “modelos” de avaliação formalizados.</p>
<p>Etapa da profissionalização (1973 – até aos nossos dias)</p>	<p>Etapa que apresenta como pontos marcantes a proliferação de modelos/abordagens avaliativas que vão enriquecer consideravelmente o vocabulário avaliativo; o aparecimento de novas revistas especializadas em avaliação; a criação de associações relacionadas com o desenvolvimento da avaliação; o aparecimento de cursos em avaliação a nível universitário; a consideração definitivamente da avaliação orientada para tomada de decisão; a consolidação da avaliação como um âmbito específico da investigação educativa e a aparição de novas abordagens de avaliação de cariz essencialmente qualitativo.</p>

Fonte: Madaus, Stufflebeam e Scriven (1991, 2000)

ANEXO 3 – As Quatro Gerações De Avaliação

Geração	Descrição
1.ª Geração – da medida	Corresponde a um contexto histórico de emergência das ciências sociais e de aplicação do método científico aos fenómenos humanos e sociais. Ligada ao uso de testes psicométricos e testes para classificar os estudantes e verificar o seu progresso. O papel do avaliador é essencialmente técnico e instrumental com a finalidade de medir o objecto de avaliação. Era esperado que o avaliador soubesse aplicar uma panóplia de instrumentos disponíveis de molde a que qualquer variável sob investigação pudesse ser medida. Conexão estreita com o paradigma científico ou positivista da investigação.
2.ª Geração – da descrição	Dentro de um contexto histórico de emergência da avaliação de programas. Relacionado com a verificação do alcance dos objectivos dos programas e com a descrição de padrões de forças e fraquezas relacionadas a alguns objectivos traçados. O papel do avaliador é essencialmente de narrador com o intuito de descrever resultados relativamente a objectivos. Conexão estreita com o paradigma científico ou positivista da investigação.
3.ª Geração – do julgamento	Numa época de reconhecimento da avaliação como descrição e julgamento. Acrescenta ao acto de medir e descrever o papel de julgar o mérito ou valor do objecto sob avaliação. Realizados esforços para efectuar julgamentos. O papel do avaliador é essencialmente o de um juiz que julga o mérito ou valor do objecto sob avaliação. Conexão estreita com o paradigma científico ou positivista da investigação.
4.ª Geração – da negociação e construção	Dentro de um contexto histórico influenciado pelo paradigma construtivista. Avaliação do tipo construtivista que utiliza uma metodologia do tipo hermenêutica e qualitativa. O papel do avaliador é essencialmente de um negociador que procura alcançar consensos. É uma avaliação do tipo relativista em que as pessoas interagem, explicam, argumentam, interpretam. A avaliação segue uma via dialéctica – os avaliadores ajudam os avaliados na sua construção da realidade e respondem às preocupações dos avaliados, às suas críticas e sugestões.

Fonte: Guba e Lincoln (1989)

ANEXO 4 – Mapa Síntese De Algumas Das Principais Abordagens Avaliativas

Abordagem	Autor	Ano	Propósito Avaliativo	Paradigma dominante	Objecto de Avaliação	Papel do Avaliador
Objectives Oriented	Tyler	1940	Medida de alcance dos objectivos	Quantitativo	Resultados	Técnico Externo
Evaluative Research	Suchman	1967	Medida do sucesso ou falhanço de um programa	Quantitativo	Resultados	Técnico Externo
CIPP	Stufflebeam	1971	Informação para a tomada de decisão	Quantitativo / Qualitativo	Programas	Técnico Externo
Goal-Free Evaluation	Scriven	1973	Satisfação das necessidades do consumidor	Quantitativo / Qualitativo	Programas	Técnico Externo
Evaluacion as Illumination	Parlett/Hamilton	1972	Estudar programas	Qualitativo	Programas	Participativo
UTOS	Cronbach	1982	Valoração do processo e do produto	Quantitativo / Qualitativo	U –Units T-Treatment O-Operations	Técnico Externo
Discrepancy Evaluation	Provus	1971	Detectar discrepâncias num programa	Quantitativo	Programas	Técnico Externo
Adversary Evaluation	Owens/Wolf	1973	Confrontar opiniões	Qualitativo	Programas	Confrontador de opiniões
Responsive Evaluation	Stake	1975	Resposta às necessidades dos <i>stakeholders</i>	Qualitativo	Programas	Participativo
Democratic Evaluation	Macdonald	1975	Valoração do processo e do produto	Qualitativo	Programas	Participativo
Educational Connoisseurship	Eisner	1976	Conhecimento e crítica educacional	Qualitativo	Programas	Perito
Deliberative Democratic Evaluation	House/Howe	1998	Determinar o valor do que é certo e justo	Qualitativo	Programas	Participativo
Fourth Generation of Evaluation	Guba/Lincoln	1989	Construir a realidade com os <i>stakeholders</i>	Qualitativo	Programas	Negociador/Orquestrador
Utilization Focused Evaluation	Patton	1978	Promover a utilização	Quantitativo / Qualitativo	Programas	Participativo
Participatory Evaluation Model	Bradley Cousins	1992	Promover o melhoramento	Quantitativo / Qualitativo	Instituições	Facilitador
Empowerment Evaluation	Fetterman	1996	Promover o melhoramento e a auto-avaliação	Quantitativo/Qualitativo	Programas	Facilitador adicional/ Treinador/Orientador
Transformational Learning	Hallie Preskill/Rosalie Torres	2001	Aprendizagem organizacional e desenvolvimento	Quantitativo / Qualitativo	Instituições	Facilitador/ Guia
Interactive Evaluation in Practice	Jean King	2004	Aprendizagem organizacional e desenvolvimento		Programas/ Políticas	Actor e Prático reflexivo

Fonte: adaptado a partir de Escudero 2003

ANEXO 5 – 22 Abordagens Avaliativas Para o Século XXI

Categoria	Abordagem
Pseudoavaliações	Estudos inspirados nas avaliações públicas
	Estudos politicamente controlados
Avaliações orientadas pelas questões/métodos	Estudos baseados nos objectivos
	Estudos pagos em função dos resultados
	Programas de testagem de objectivos
	Avaliação do valor acrescentado
	Testagem de performance
	Estudos experimentais
	Sistemas de informação para a gestão
	Análise custo-benefício
	Audiência de clarificação
	Estudos de caso
	Criticismo e conhecimento
	Avaliação baseada na teoria
	Métodos mistos
	Avaliações orientadas para a melhoria/prestação de contas
Orientada para os consumidores	
Acreditação/certificação	
Avaliações orientadas para a agenda social/advocacia	Avaliação respondente/responsiva
	Avaliação construtivista
	Avaliação deliberativa democrática
	Avaliação focada na utilização

Fonte: Stufflebeam (2000)

ANEXO 6

Critérios de Avaliação Presentes nos Principais Modelos Orientados Para a Qualidade

NORMAS ISO 9000 (1994-EUROPA)	DEMING PRIZE (1951-JAPÃO)	MALCOLM BALDRIGE QUALITY AWARD (1987- EUA)	EUROPEAN QUALITY AWARD (EFQM) AUTO-AVALIAÇÃO (1991-EUROPA)	COMMON ASSESSMENT FRAMEWORK (CAF) AUTO-AVALIAÇÃO (2000-UNIÃO EUROPEIA)
FOCALIZAÇÃO NO CLIENTE	POLÍTICAS	LIDERANÇA	LIDERANÇA	LIDERANÇA
LIDERANÇA	ORGANIZAÇÃO	PLANEAMENTO ESTRATÉGICO	GESTÃO DAS PESSOAS	ESTRATÉGIA E PLANEAMENTO
ENVOLVIMENTO DAS PESSOAS	INFORMAÇÃO	FOCALIZAÇÃO NO MERCADO E NOS CLIENTES	POLÍTICA E ESTRATÉGIA	GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS
ABORDAGEM POR PROCESSOS	ESTANDARDIZAÇÃO	INFORMAÇÃO E ANÁLISE	RECURSOS	PARCERIAS E RECURSOS
ABORDAGEM À GESTÃO ATRAVÉS DE UM SISTEMA	FOCO NOS RECURSOS HUMANOS	DESENVOLVIMENTO E GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS	PROCESSOS	GESTÃO DOS PROCESSOS E DA MUDANÇA
MELHORIA CONTÍNUA	ACTIVIDADES DE GARANTIA DA QUALIDADE	GESTÃO DE PROCESSOS	SATISFAÇÃO DAS PESSOAS	RESULTADOS ORIENTADOS PARA O CIDADÃO CLIENTE
ABORDAGEM À TOMADA DE DECISÕES BASEADA EM FACTOS	ACTIVIDADES DE MANUTENÇÃO/ CONTROLO	RESULTADOS DE NEGÓCIO	SATISFAÇÃO DOS CLIENTES	RESULTADOS RELATIVOS ÀS PESSOAS
RELAÇÕES MUTUAMENTE BENÉFICAS COM FORNECEDORES	MELHORIA		IMPACTO NA SOCIEDADE	RESULTADOS NA SOCIEDADE
	RESULTADOS		RESULTADOS DE NEGÓCIO	RESULTADOS DE DESEMPENHO CHAVE
	PLANOS FUTUROS			

Fonte: Adaptado a partir de Carapeto e Fonseca (2005)

Embora com origens diferentes e desenvolvidos de forma independente estes modelos apresentam enfoques comuns tais como: a liderança, a orientação para os processos da organização, a gestão de recursos humanos, os resultados, a satisfação das utentes, a melhoria contínua.

ANEXO 7 - Indicadores de Qualidade da União Europeia (2001)**I Níveis atingidos/Rendimento Escolar**

1. Matemática (competências analíticas, lógicas e raciocínio)
2. Leitura (leitura e compreensão de textos)
3. Ciências (análise, experimentação, pensamento crítico, compreensão do meio ambiente).
4. Tecnologias de informação e de comunicação (utilização de software educativo, da Internet, competências dos professores).
5. Línguas estrangeiras (nível de proficiência).
6. Aprender a aprender (competências nas aulas, no trabalho de casa, na resolução dos problemas no dia-a-dia, no estudo individualizado e em grupo).
7. Educação cívica (conhecimentos, crenças e atitudes em relação à cidadania, identidade nacional, coesão social, direitos iguais, tolerância).

II Sucesso e transição

8. Taxas de abandono (saída da escola sem conclusão da educação obrigatória, saída da escolaridade obrigatória sem qualquer certificação, não frequência de formação profissional após a saída da escola).
9. Conclusão do ensino secundário superior (% em determinado grupo etário).
10. Participação no ensino superior (% em determinado grupo etário).

III Monitorização da educação escolar

11. Avaliação e orientação da educação escolar (dispositivos de avaliação interna e externa, publicação de resultados).
12. Participação dos pais (áreas, formas e níveis de participação).

IV Recursos e estruturas

13. Educação e formação dos professores (formação inicial – duração, relação formação geral e formação prática pedagógica – e formação contínua).
14. Participação na educação pré-escolar (taxa de pré-escolarização).
15. Número de estudantes por computador.
16. Despesas em educação por aluno (por nível de ensino).

ANEXO 8 - Indicadores De Qualidade Do Projecto ESSE/SICI**1. Visão e estratégia****1.1 Objectivos e valores**

- adequação e clareza dos objectivos e dos valores
- articulação com os processos de auto-avaliação e melhoria

1.2 Estratégia e política de auto-avaliação e de melhoria

- estratégia de concretização dos aspectos principais da auto-avaliação
- estratégia de planeamento da melhoria da escola
- procedimentos de consulta e de comunicação

2. Avaliação e melhoria dos pontos essenciais dos recursos**2.1. Recursos humanos**

- procedimentos de caracterização dos recursos humanos
- desenvolvimento dos recursos humanos
- ligação entre o desenvolvimento dos recursos humanos e a auto-avaliação e o planeamento

2.2. Recursos físicos e financeiros

- acompanhamento e revisão do uso do orçamento da escola e dos outros recursos
- suporte financeiro às medidas de melhoria da escola

3. Avaliação e melhoria dos pontos essenciais dos processos**3.1. Políticas, orientações e níveis de referência**

- políticas e orientações para processos e procedimentos
- uso das políticas e das orientações no processo de auto-avaliação

3.2. Planeamento e concretização das actividades de auto-avaliação

- actividades de auto-avaliação
- avaliação das perspectivas dos stakeholders
- rigor e fiabilidade das actividades de auto-avaliação
- uso de uma perspectiva externa para sustentar o processo de auto-avaliação

3.3. Planeamento e implementação da acção para a melhoria

- selecção das prioridades
- planeamento da acção
- implementação dos planos de melhoria

4. Avaliação e impacto dos pontos essenciais dos resultados

4.1. Avaliação e aplicação dos pontos chave

- envolvimento do pessoal
- uso da informação estatística e dos dados de referência
- monitorização directa dos progressos dos alunos
- uso sistemático dos indicadores de qualidade
- uso do retorno nas visões dos stakeholders

4.2. Impacto da auto-avaliação na melhoria dos resultados

- progresso na utilização dos indicadores estatísticos dos resultados através da auto-avaliação
- progresso no aumento da satisfação dos stakeholders relacionada com as questões escolhidas para melhoria através da auto-avaliação.

ANEXO 9 – Experiências De Avaliação De Escolas Em Portugal

Nome do Projecto	Descrição
<p align="center">Observatório da Qualidade da Escola (1992-1999)</p>	<p>Este Observatório teve a sua origem no estudo sobre Monitorização e Indicadores de Desempenho das Escolas, efectuado pelo DEPGEF (Departamento de Gestão Financeira do Ministério da Educação) e decorreu em paralelo com o Projecto INES (<i>Indicators of Education Systems</i>). Tendo funcionado no âmbito do PEPT (Programa de Educação para Todos), propunha um conjunto de dezoito indicadores organizados em função de quatro dimensões: a) contexto familiar; b) recursos educativos; c) funcionamento; d) resultados. Os grandes objectivos deste Observatório eram a produção de informação sistemática sobre as escolas, a promoção da qualidade da escola, a mobilização das comunidades em torno das suas escolas e a introdução de uma reforma cultural na gestão escolar, tornando-a transparente e rigorosa, dotando-a de planeamento estratégico e de competências de avaliação dos seus resultados.</p>
<p align="center">Modelo de certificação de Qualidade nas Escolas Profissionais (1997-2001)</p>	<p>Este modelo de certificação de qualidade para o ensino profissional que, se pretendeu aceite e reconhecido socialmente e pelas instâncias tutelares, nasceu no âmbito de uma parceria internacional, foi coordenado pela ANESPO (Associação Nacional de Escolas Profissionais) e foi apoiado pelo Programa Leonardo da Vinci. Os objectivos específicos eram os seguintes: identificar modelos de certificação da qualidade já existentes, a partir da experiência dos parceiros internacionais e nacionais; elaborar uma proposta de modelo de certificação da qualidade para o Ensino Profissional, suportado por um conjunto de instrumentos adequados à sua implementação; promover junto das escolas, a ideia da qualidade como possibilidade de melhoria do subsistema educativo; aplicar o modelo proposto, às escolas profissionais, através de metodologias de investigação-acção, que conduzam ao aperfeiçoamento do mesmo; creditar o modelo junto de diferentes actores com fortes responsabilidades, quer no Sistema Educativo, quer na Certificação da Qualidade, quer ainda no mundo empresarial; avaliar o projecto e disseminar os resultados junto de redes nacionais e internacionais, ligadas ao ensino profissional e ao mundo do trabalho. As fontes teóricas deste modelo são as normas <i>ISSO</i>, os modelos de excelência, os documentos de monitorização da IGE e o modelo da instituição Escocesa Stow College – <i>Quality Improvement Through Self-Evaluation</i>. O modelo identificou quatro áreas de análise: gestão e direcção; estudantes; práticas de formação; controlo e avaliação da qualidade e seleccionou quatro categorias de referência da qualidade: concepção, operacionalização, implementação e aquisição.</p>

<p>Projecto Qualidade XXI (1999 – 2002)</p>	<p>Este projecto foi uma iniciativa do IIE (Instituto de Inovação Educacional), tinha como objecto as escolas dos 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico e as Escolas Secundárias, e visava em dois níveis diferentes de complexidade, primeiro fazer o diagnóstico da situação em cada escola e em segundo para as escolas com mais experiência utilizar os resultados da avaliação para a melhoria da qualidade. Em cada escola o Projecto era conduzido por um Grupo Monitor, que integrava além de professores, representantes dos funcionários, dos alunos, dos encarregados de educação e contava ainda com a colaboração de um consultor externo. A função deste grupo era a de chegar a um consenso sobre a qualidade da escola, sendo que, a partir daí, se encontravam áreas para estudo mais aprofundado com vista à melhoria posterior. Os resultados do processo de auto-avaliação das escolas eram comunicados nomeadamente ao Conselho Pedagógico para que os analisassem e tomassem as medidas julgadas adequadas e em conformidade. Este Projecto incidia sobre quatro áreas fundamentais: a) resultados da aprendizagem; b) processos internos ao nível da sala de aula; c) processos internos ao nível da escola; d) relação com o contexto. É de assinalar ainda que no âmbito deste projecto foram realizadas várias actividades de formação dos professores, nomeadamente oficinas de formação.</p>
<p>Programa de Avaliação Integrada das Escolas (1999 – 2002)</p>	<p>A avaliação Integrada das Escolas foi indubitavelmente o programa mais vasto até hoje realizado em Portugal no âmbito da avaliação de escolas. Abrangeu entre 1999 e 2002, cerca de 1200 escolas de Norte a Sul do país e foi levado a efeito pela IGE. Este programa inseriu-se numa perspectiva de modelo de intervenção inspectiva que partindo da análise dos processos de mudança e de melhoria das escolas que mostravam que: os alunos e as suas aprendizagens são a principal razão para se querer melhorar a escola; os professores são fundamentais na realização das mudanças mais importantes na escola; as mudanças; as mudanças para serem reais precisam de ser bem geridas e bem conduzidas; nem todas as escolas têm capacidades iguais para mudar ou melhorar o seu desempenho; as mudanças nas escolas são processos lentos; tentou: passar de uma análise formal de comparação com a norma para uma análise substancial onde se procuram buscar dados que devolvidos às escolas e após sujeitos ao contraditório destas, as pudessem ajudar a reflectir e a melhorar. Esta Avaliação Integrada das Escolas, encontrou a sua justificação: a) na necessidade estratégica de informação que permitia gerir melhor os recursos humanos; b) na obrigação de, em democracia, prestar contas do estado da educação; c) na responsabilidade colectiva no que se refere à qualidade das escolas e das experiências de aprendizagem dos alunos, na convicção de que as escolas, por si só, têm menos</p>

	<p>condições de se desenvolverem, se não se articularem umas com as outras, ou se não se estabelecerem parcerias com outras entidades locais, ou se não se apoiarem nas respectivas comunidades; d) na não responsabilização de uns pelos outros se não houver informação, pelo que a recolha sistemática de dados através da observação local do desempenho escolar feita por agentes especializados tem uma função estratégica indispensável; e) na importância que se vem atribuindo aos diferentes mecanismos e modalidades de avaliação das organizações escolares numa perspectiva de sustentação da qualidade, implicando pensamento e desenvolvimento estratégico local com avaliação sistemática, que envolva agentes internos e externos às escolas, ou agrupamentos de escolas. A Avaliação Integrada assentou em quatro domínios estratégicos devidamente contextualizados pelo enquadramento sócio-familiar dos alunos com base no nível de escolaridade dos pais, na caracterização sócio-profissional dos pais e no nível de carência económica. Esses quatro domínios são: a) a avaliação dos resultados, que compreendia as dimensões taxa de sucesso, qualidade do sucesso, valor acrescentado e fluxos escolares; b) a organização e gestão escolar, que compreendia as dimensões estrutura organizativa, gestão de recursos, plano de acção educativa e clima organizacional; c) a educação, o ensino e as aprendizagens, que compreendia as dimensões relação do ensino e das aprendizagens, avaliação dos alunos e apoios educativos; d) o clima de escola ou ambiente educativo interno, que compreendia as dimensões relacionamento interpessoal, participação, interacção com o meio e liderança. Como objectivos da Avaliação Integrada destacam-se os seguintes: desempenhar uma das funções de regulação do funcionamento do sistema educativo escolar, que compete ao estado, no contexto da crescente autonomia das escolas e da descentralização do sistema; desenvolver informação de regulação para as escolas, identificando os pontos fortes e fracos do seu funcionamento e contribuindo para a manutenção dos níveis de qualidade já alcançados ou para o seu aperfeiçoamento; induzir processos de auto-avaliação como a melhor estratégia para garantir a qualidade educativa, consolidar a autonomia das escolas e responsabilizar os seus actores; valorizar as aprendizagens e a qualidade da experiência escolar dos alunos; disponibilizar informação e caracterizar o desempenho do sistema escolar através de um relatório nacional</p>
--	---

<p align="center">Projecto Melhorar a Qualidade (2000 - 2004)</p>	<p>Projecto de parceria entre a associação dos estabelecimentos de ensino particular e cooperativo (AEEP) e a empresa QUAL – Formação e Serviços em Gestão da Qualidade, Lda, que adapta o modelo EFQM – European Foundation for Quality Management, também ele referencial da CAF Common Assessment Framework. Em cada escola é designado um Animador de Melhoria e constituída uma equipa de auto-avaliação, que conduzem o processo com o apoio de um consultor da QUAL.</p>
<p align="center">Programa AVES – Avaliação de Escolas (2000 -)</p>	<p>O Programa AVES (Avaliação do Ensino Secundário) é uma iniciativa da Fundação Manuel Leão com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e tem como base um programa testado por um Instituto Espanhol – IDEA (<i>Instituto de Evaluación y Asesoramiento Educativo</i>) criado pela <i>Fundación Santa Maria de Espanha</i>, e como princípios que lhe subjazem: a articulação da avaliação externa com a avaliação interna; a formatividade; a participação voluntária das escolas; a integração a garantia de confidencialidade; o valor acrescentado de cada escola; as escolas como organizações aprendentes e a longitudinalidade, pois o programa baseia-se em dados colhidos em função do ciclo de estudos de 3 anos de cada conjunto de alunos de uma escola. Este programa assenta nas seguintes dimensões: a) contexto sociocultural da escola; b) organização da escola e clima organizacional; c) resultados escolares dos alunos; d) estratégias de aprendizagem; e) processos de ensino e de organização pedagógica da escola.</p> <p>Os objectivos deste programa são os seguintes: conhecer os processos educativos de cada escola assim como os resultados que obtêm os alunos, tendo em conta as características da escola e o nível académico dos alunos; descrever as mudanças que se produzem nos diversos campos da organização escolar, considerando determinado período temporal; analisar o impacto das mudanças nas diferentes componentes das escolas: gestão, processos educativos, relações sociais internas, satisfação, rendimento escolar dos alunos; analisar e informar as escolas do “valor acrescentado” que produzem; permitir que cada escola e cada professor analisem os resultados obtidos e os comparem com os de outras escolas de características similares, desenvolvendo uma cultura de auto-avaliação e estimulando o uso dos resultados para a tomada de decisões; elaborar, a partir da informação obtida, modelos explicativos que estabeleçam relações entre variáveis; colaborar na formulação e aplicação de uma estratégia de melhoria qualitativa do desempenho social das escolas; conhecer melhor os factores de qualidade na educação, em Portugal, tendo em vista divulgá-los a todas as escolas do país.</p>

<p align="center">Programa de Aferição da Efectividade da Auto-Avaliação das Escolas (2004 – 2006)</p>	<p>Projecto de responsabilidade da IGE, em cumprimento do Decreto-Lei n.º 31/2002, de 20 de Dezembro, que adapta os instrumentos do Projecto <i>Effective School Self-Evaluation – ESSE</i>, promovido pela conferência Internacional das Inspeções de Educação (SICI), entre 2001 e 2003, com o apoio da Comissão Europeia. A questão orientadora deste projecto é a seguinte: Qual é a efectividade da auto-avaliação que a escola faz da qualidade do seu funcionamento e dos serviços que presta, de molde a desenvolver acções que contribuam para reforçar os seus pontos fortes e superar os pontos fracos? Trata-se de uma actividade de avaliação externa, sob a modalidade de meta-avaliação. Os objectivos desta actividade são: a) contribuir para o desenvolvimento de uma cultura de aperfeiçoamento institucional focalizado e estratégico; b) acompanhar o desenvolvimento de dispositivos externos de suporte à auto-avaliação nas escolas; c) desenvolver uma metodologia inspectiva de meta-avaliação, tendo em conta a diversidade dos modelos possíveis de auto-avaliação das escolas, utilizando como referência metodologias já utilizadas e testadas; d) identificar aspectos-chave a partir da aferição da auto-avaliação, recolhendo experiências de avaliação interna desenvolvidas pelas escolas, por forma a obter uma panorâmica do estado actual das dinâmicas de auto-avaliação enquanto actividade promotora do desenvolvimento das escolas; e) promover nos estabelecimentos e ensino uma cultura de qualidade, de exigência e responsabilidade, mediante uma atitude crítica de auto-questionamento, tendo em vista o incremento da qualidade dos processos e dos resultados. Esta actividade assenta num modelo conceptual composto por quatro campos de aferição que abarcam nove indicadores de qualidade. Os campos de aferição são: visão e estratégia da auto-avaliação; auto-avaliação e valorização dos recursos; auto-avaliação e melhoria dos processos estratégicos; auto-avaliação e efeitos nos resultados educativos. Deste processo de aferição será produzida informação de retorno para a escola, a qual deverá constituir um factor indutor de uma cultura institucional de qualidade e aperfeiçoamento.</p>
<p align="center">Projecto QUALIS – Qualidade e Sucesso Educativo (2006 -)</p>	<p>Projecto aprovado pelo Conselho Coordenador do Sistema Educativo Regional dos Açores nos termos do disposto no art.º 7.º do Decreto Legislativo Regional 29/2005/A, de 6 de Dezembro, <i>a auto-avaliação traduz-se num relatório anual, visando o ano escolar anterior.</i> É um processo com um ciclo de desenvolvimento de dois anos mas com relatórios anuais: num ano, cada unidade orgânica procede à auto-avaliação da sua acção, resultando desse trabalho um relatório de auto-avaliação e um plano de acções de melhoria; no ano seguinte, cada unidade orgânica procede à auto-avaliação da implementação das</p>

	<p>acções de melhoria previstas no plano de acções de melhoria.</p> <p>O objectivo geral é criar e implementar um instrumento de auto-avaliação das unidades orgânicas do arquipélago como ferramenta de melhoria da qualidade e sucesso escolar.</p> <p>O projecto QUALIS consiste numa adaptação da CAF e foi desenvolvido por uma equipa da Universidade Católica Portuguesa, intervindo a Direcção Regional de Educação na elaboração de um relatório de síntese a nível regional.</p>
<p>Avaliação Externa das Escolas – 1.º ciclo (2006 - 2011)</p>	<p>Desenvolvido pela IGE desde 2006, após a realização de uma fase piloto, da responsabilidade de um grupo de trabalho (Despacho Conjunto n.º 370/2006, de 3 de Maio), da Ministra de Educação, incide sobre dezanove factores organizados em cinco domínios-chave de avaliação: 1) Resultados: sucesso académico; Participação e desenvolvimento cívico; Comportamento e disciplina; Valorização e impacto das aprendizagens. 2) Prestação do serviço educativo: articulação e sequencialidade; acompanhamento da prática lectiva em sala de aula; diferenciação e apoios; abrangência do currículo e valorização dos saberes e da aprendizagem. 3) organização e gestão escolar: concepção, planeamento e desenvolvimento da actividade; gestão dos recursos humanos; gestão dos recursos materiais e financeiros; participação dos pais e outros elementos da comunidade educativa; equidade e justiça. 4) liderança: visão e estratégia; motivação e empenho; abertura à inovação; parcerias, protocolos e projectos. 5) Capacidade de auto-regulação e progresso da escola: auto-avaliação; sustentabilidade do progresso.</p> <p>São objectivos desta actividade: fomentar nas escolas uma interpelação sistemática sobre a qualidade das suas práticas e dos seus resultados; articular os contributos da avaliação externa com a cultura e os dispositivos de auto-avaliação das escolas; reforçar a capacidade das escolas para desenvolverem a sua autonomia; concorrer para a regulação do funcionamento do sistema educativo; contribuir para um melhor conhecimento das escolas e do serviço público de educação, fomentando a participação social na vida das escolas.</p>

ANEXO 10 – Declaração SYNEVA (Promover a qualidade através da sinergia entre as avaliações interna e externa)

Declaração	Descrição
1 – Todas as crianças têm o direito de frequentar escolas com uma cultura de melhoria baseada na sinergia entre os processos de avaliação interna e externa	A avaliação em educação nas salas de aula, nas escolas, em regiões, e a nível nacional e Europeu, apoia e facilita as melhorias na Educação. As avaliações internas e externas podem e devem apoiar-se mutuamente e surgirem integradas.
2 – Todos têm o direito a participar nos processos de avaliação, partilhando as responsabilidades com os outros	Qualquer que seja o contexto é fundamental aceitar o direito de todos à co-responsabilização. Tal baseia-se em princípios democráticos e promove o apoio mútuo, que desenvolve o conhecimento e o talento de todos os que participam no processo. Nas escolas, é essencial que os órgãos de gestão estruturarem os processos de avaliação, para que todas as partes interessadas se envolvam adequadamente.
3 – Todos os que estão envolvidos num processo de avaliação, devem partilhar a sua perspectiva do mesmo	É essencial dialogar para dar um sentido à visão e para delinear os objectivos. Todos os que estão envolvidos num determinado processo de avaliação devem ter uma perspectiva devidamente articulada do objectivo. Tal perspectiva deve emergir de um diálogo aberto.
4 – A avaliação tem de ser aberta e respeitar os direitos de todos que nela participam	A conduta do processo necessita de se apoiar em valores claros, que reconheça a importância de todos os envolvidos e os seus direitos, como indivíduos, de serem ouvidos e de serem co-responsáveis pela avaliação e de terem os seus contributos reconhecidos, valorizados e utilizados de modo a influenciar os resultados finais.
5 – A avaliação deve conduzir à melhoria da aprendizagem e do ensino	O objectivo da avaliação deve permitir que os professores melhorem as suas práticas e que os alunos melhorem as suas aprendizagens.
6 – A avaliação é um processo permanente que tem de se tornar parte do quotidiano da escola	É importante que a avaliação seja um processo permanente, enraizado e cooperativo, constituindo parte do trabalho regular de todos os que estão envolvidos com a escola. Nesta perspectiva, a melhoria é uma atitude e uma forma de estar e não um acto isolado.
7 – A sinergia em avaliação requer que sejam planeadas oportunidades para partilha de práticas e construção de conhecimento	É importante a criação de oportunidades estruturadas para trabalhar em torno de objectivos comuns com regularidade.
8 – A melhoria das escolas requer o desenvolvimento profissional permanente de todo o pessoal docente e não docente	A melhoria da qualidade relacionada com a avaliação contínua da escola tem de ser desenvolvida com um elevado nível de competências de avaliação.

9 – Os resultados dos estudos comparativos nacionais e internacionais devem ser apresentados em conjunto com a avaliação interna, para que a sinergia possa ocorrer	A perspectiva externa ajuda cada escola a clarificar os seus próprios padrões de qualidade e a posicionar-se num contexto mais vasto.
10 – O papel de todos os que estão envolvidos em processos de avaliação tem de ser clarificado, desde o início, para que a sinergia possa ocorrer.	Para o desenvolvimento de aspectos com a abertura, a confiança, a co-responsabilização é fundamental a clarificação de todos os envolvidos na avaliação.
11 – A sinergia em avaliação exige confiança, a confiança requer diálogo, e o diálogo conduz-nos a um entendimento partilhado.	A confiança emerge numa atmosfera e cultura de diálogo democrático, que é muito mais do que o direito de falar e ser ouvido.
12 – Os resultados da avaliação de um agente, não são mais legítimos do que de qualquer outro.	Ambas as avaliações, interna e externa, contribuem para garantir e melhorar a qualidade. Talvez o mais eficaz seja a sinergia das duas.

Fonte: Syneva.net (União Europeia, 2004)

ANEXO 11 - Quadro de referência para a avaliação de escolas e agrupamentos de acordo com a Inspeção-Geral de Educação (2006-2011)

I - Os cinco domínios-chave

1. Resultados
2. A prestação do serviço educativo
3. A organização e gestão escolar
4. Liderança
5. Capacidade de auto-regulação e melhoria da escola

II - Fatores que contribuem para estes domínios

1. Resultados
 - 1.1 Sucesso académico
 - 1.2 Participação e desenvolvimento cívico
 - 1.3 Comportamento e disciplina
 - 1.4 Valorização e impacto das aprendizagens
2. A prestação do serviço educativo
 - 2.1 Articulação e sequencialidade
 - 2.2 Acompanhamento da prática lectiva em sala de aula
 - 2.3 Diferenciação e apoios
 - 2.4 Abrangência do currículo e valorização dos saberes e da aprendizagem
3. A organização e gestão escolar
 - 3.1 Concepção, planeamento e desenvolvimento da actividade
 - 3.2 Gestão dos recursos humanos
 - 3.3 Gestão dos recursos materiais e financeiros
 - 3.4 Participação dos pais e outros elementos da comunidade educativa
 - 3.5 Equidade e justiça
4. Liderança
 - 4.1 Visão e estratégia
 - 4.2 Motivação e empenho
 - 4.3 Abertura à inovação
 - 4.4 Parcerias, protocolos e projectos
5. Capacidade de auto-regulação e melhoria da escola
 - 5.1 Auto-avaliação
 - 5.2 Sustentabilidade do progresso

Relativamente a este quadro de referência a IGE aponta como domínios obrigatórios para a auto-avaliação das escolas os seguintes:

1. Projecto Educativo
2. Organização e Gestão
3. Clima e Ambiente Educativos
4. Participação da Comunidade Escolar
5. Sucesso Educativo

ANEXO 12 - Domínios, Campos De Análise e Referentes Da Avaliação Externa Da IGE para 2011/2012 (novo ciclo de avaliação)

I – Os três domínios-chave

1. Resultados
2. Prestação do serviço educativo
3. Liderança e gestão

II – Fatores que contribuem para estes domínios

RESULTADOS

Resultados académicos

- Evolução dos resultados internos contextualizados
- Evolução dos resultados externos contextualizados
- Qualidade do sucesso
- Abandono e desistência

Resultados sociais

- Participação na vida da escola e assunção de responsabilidades
- Cumprimento das regras e disciplina
- Formas de solidariedade
- Impacto da escolaridade no percurso dos alunos

Reconhecimento da comunidade

- Grau de satisfação da comunidade educativa
- Formas de valorização dos sucessos dos alunos
- Contributo da escola para o desenvolvimento da comunidade envolvente

PRESTAÇÃO DO SERVIÇO EDUCATIVO

Planeamento e articulação

- Gestão articulada do currículo
- Contextualização do currículo e abertura ao meio
- Utilização da informação sobre o percurso escolar dos alunos
- Coerência entre ensino e avaliação
- Trabalho cooperativo entre docentes

Práticas de ensino

- Adequação do ensino às capacidades e aos ritmos de aprendizagem dos alunos
- Adequação dos apoios aos alunos com necessidades educativas especiais
- Exigência e incentivo à melhoria de desempenhos

- Metodologias ativas e experimentais no ensino e nas aprendizagens
- Valorização da dimensão artística
- Rendibilização dos recursos educativos e do tempo dedicado às aprendizagens
- Acompanhamento e supervisão da prática letiva

Monitorização e avaliação das aprendizagens

- Diversificação das formas de avaliação
- Aferição dos critérios e dos instrumentos de avaliação
- Monitorização interna do desenvolvimento do currículo
- Eficácia das medidas de apoio educativo
- Prevenção da desistência e do abandono

LIDERANÇA E GESTÃO

Liderança

- Visão estratégica e fomento do sentido de pertença e de identificação com a escola
- Valorização das lideranças intermédias
- Desenvolvimento de projetos, parcerias e soluções inovadoras
- Motivação das pessoas e gestão de conflitos
- Mobilização dos recursos da comunidade educativa

Gestão

- Critérios e práticas de organização e afetação dos recursos
- Critérios de constituição dos grupos e das turmas, de elaboração de horários e de distribuição de serviço
- Avaliação do desempenho e gestão das competências dos trabalhadores
- Promoção do desenvolvimento profissional
- Eficácia dos circuitos de informação e comunicação interna e externa

Autoavaliação e melhoria

- Coerência entre a autoavaliação e a ação para a melhoria
- Utilização dos resultados da avaliação externa na elaboração dos planos de melhoria
- Envolvimento e participação da comunidade educativa na autoavaliação
- Continuidade e abrangência da autoavaliação
- Impacto da autoavaliação no planeamento, na organização e nas práticas profissionais

Neste novo ciclo de avaliação da agora IGEC as escolas no prazo de dois meses após a publicação do relatório na página da IGEC, devem apresentar à administração educativa um plano de melhoria. Este plano a ser publicado na página da internet da escola deve de forma sintética explicitar as ações a desenvolver nas áreas identificadas como prioritárias em sede da avaliação externa.

ANEXO 13 – Proposta de Investigação aos Diretores das Escolas**INVESTIGADOR:**

Rui Manuel Santos Pereira Gonçalves, BI n.º 6571175, emitido em 11-08-2007 e válido até 11-06-2018

- Licenciado em Gestão pela Universidade Autónoma de Lisboa
- Diploma Universitário de Especialização em Ciências da Educação, na área de Supervisão Pedagógica, pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa
- Pós-graduado em Finanças e Gestão do Sector Público, pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa
- Pós-graduado em Direito da Educação, pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa
- Pós-graduado em Administração e Gestão Escolar, pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa
- Mestre em Ciências da Educação, na área de Teoria e Desenvolvimento Curricular, pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa
- Doutorando em Educação, na área de Avaliação em Educação no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, orientado pelo Professor Doutor Domingos Fernandes
- Director do Agrupamento de Escolas Professor Egas Moniz, em Massamá - Sintra

ENQUADRAMENTO E OBJECTIVO DA INVESTIGAÇÃO:

A autoavaliação das escolas tem vindo a impor-se cada vez mais como um dos fenómenos centrais da agenda educativa neste início de século XXI.

As escolas têm manifestado uma relação de certa forma ambígua com a avaliação. Se por um lado reconhecem a sua necessidade e utilidade, por outro desconfiam dos seus objetivos e parece não a estarem a utilizar de uma forma continuada e sistemática como ação estratégica de melhoria organizacional e pedagógica.

Assumindo a escola como uma organização complexa e aprendente, como uma organização onde convivem no seu seio o político, o burocrático, o social, o cultural e como uma construção social de relevância fundamental das sociedades democráticas, a principal finalidade desta investigação é a de discernir sobre a forma como as escolas constroem o seu sistema de autoavaliação e qual o seu impacto no sentido da melhoria.

Estará a autoavaliação das escolas a ser utilizada numa perspetiva de carácter formativo que, no essencial, possa orientar, fundamentar e melhorar os processos e os resultados obtidos pelas escolas com o foco nas aprendizagens dos alunos e sem descurar a contribuição para a descodificação do que se passa ao nível das práticas de sala de aula?

Assim, através de uma investigação de carácter qualitativo, no contexto de duas escolas secundárias, tentar-se-á compreender, analisar, interpretar, o processo de construção e utilização do sistema de autoavaliação em cada uma das escolas.

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO:

A metodologia utilizada assenta num estudo de carácter qualitativo, descritivo e interpretativo e foi concebida para ter lugar em duas escolas secundárias com características diferentes e que revelaram abertura à colaboração com o investigador e interesse na construção e utilização do sistema de autoavaliação.

A pesquisa qualitativa e de enfoque interpretativo inclui a análise documental, a observação e as entrevistas aos principais *stakeholders*, numa perspetiva intensiva e não extensiva.

Por outro lado, está presente uma preocupação com as questões éticas da investigação, que passa pelo acesso ao local de pesquisa e a reciprocidade, o consentimento informado e voluntário, a confidencialidade da informação, o bem-estar das pessoas envolvidas e o papel do investigador que, inicialmente ajudará à sensibilização para o tema.

COLABORAÇÃO SOLICITADA:

Autorização aos Diretores para a realização da investigação.

Possibilidade de trabalhar com a equipa de autoavaliação das escolas.

Possibilidade de acesso a espaços, documentos e pessoas para as entrevistas.

Autorização para divulgação da investigação e dos seus objetivos.

COLABORAÇÃO DISPONIBILIZADA:

Possibilidade para trabalhar com as equipas de autoavaliação.

Acesso aos espaços e às pessoas para a realização das entrevistas.

Acesso a documentação diversa.

CALENDARIZAÇÃO:

O trabalho nas escolas e com as escolas está programado para ocorrer com maior intensidade nos anos lectivos de 2009/2010 e 2010/2011, com a possibilidade de prolongar-se durante parte do primeiro período do ano lectivo de 2011/2012, tendo em conta imponderáveis e contingências próprias de um trabalho aberto e flexível com este.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Acreditamos que para além dos benefícios para o investigador decorrentes do seu aumento de experiência e conhecimento sobre o objeto sob investigação, as escolas terão também a ganhar na sua colaboração com os investigadores num trabalho transparente que possibilite a articulação entre a teoria e a prática, na construção de uma escola de qualidade.

ANEXO 14 – As Questões de Investigação**QUESTÃO CENTRAL DA INVESTIGAÇÃO:**

Como é que as escolas constroem e utilizam o seu sistema de autoavaliação institucional?

SUB-QUESTÕES DA INVESTIGAÇÃO:

1. Como se organizam as escolas para a autoavaliação?
2. Como é que as escolas envolvem os diferentes *stakeholders* no processo de autoavaliação?
3. Como se poderão caracterizar os principais factores de sucesso e bloqueio associados à construção e implementação dos sistemas de autoavaliação?
4. Como e de que forma se fez sentir o efeito da autoavaliação nas práticas dos órgãos instituídos?
5. Como e de que forma se fez sentir o efeito da autoavaliação na ação educativa (e.g., estratégias de ensino-aprendizagem; supervisão da prática lectiva; avaliação das aprendizagens; desenvolvimento profissional; formas de atenuar os efeitos desiguais das condições de partida dos alunos, quer no interior da escola quer no interior da sala de aula)?

FOCOS DE ANÁLISE:

- 1 – A construção do sistema de autoavaliação
- 2 – O impacto do sistema de autoavaliação na ação educativa
- 3 – O impacto do sistema de autoavaliação na organização escolar

ANEXO 15 – Folheto da Oferta Formativa da Escola A

ANEXO 15

Ofertas Educativas e Formativas

ENSINO BÁSICO

↓ 2º CICLO do ENSINO BÁSICO
3º ano

Língua Estrangeira I - Inglês

↓ 3º CICLO do ENSINO BÁSICO
7º/ 8º/ 9º anos

Língua Estrangeira II:
Francês/Espanhol

Educação Artística: Oficina de Projecto Artístico/Teatro

↓ ENSINO SECUNDÁRIO
10º, 11º e 12º anos

- ✓ CURSOS CIENTÍFICO-HUMANÍSTICOS
 - Ciências e Tecnologias
 - Línguas e Humanidades
 - Artes Visuais
 - Ciências Socioeconómicas
- ✓ CURSO TECNOLÓGICO DE DESPORTO
- ✓ CURSOS PROFISSIONAIS
 - Técnico de Apoio à Infância
 - Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos

CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

CURSOS – T2

- Acompanhante de Acção Educativa
Duração do curso: 2 anos

CURSOS – T3

- Assistente administrativo
Duração do curso: 1 ano

Certificação:

- ★ Certificado de Conclusão do 3º Ciclo
- ★ Certificado de qualificação Profissional de Nível II.

Destinatários:

- ☒ Jovens com idade entre os 15 e os 18 anos e sem o 3º ciclo do Ensino Básico;
- ☒ Que pretendam, para além da escolaridade obrigatória (3º ciclo), uma qualificação profissional de Nível II.

ENSINO SECUNDÁRIO

ENSINO BÁSICO

Educação e Formação de Adultos - B2 (certificação escolar)

Educação e Formação de Adultos - B3 (certificação escolar)

Destinam-se a adultos com idade ≥ a 18 anos que pretendam o certificado do 3º ciclo do ensino básico.

ENSINO SECUNDÁRIO

Recorrente:

Módulos capitalizáveis:

- Ciências e Tecnologias
- Ciências Sociais e Humanas

EFA Secundário, certificação escolar (condição de acesso: 9ºano ou 10ºano)

EFA Secundário Dupla Certificação (condição de acesso: 9º ano)

↓ Técnico de Instalação e Manutenção de Sistemas Informáticos (IMSI)

Formação Modular


Português para Todos

Contacte-nos

Tel: 21490...
Fax: 21497...
E-mail: ...@mail.com
http://www...@artesanal.htm

ANEXO 16 – Exemplo de Questionário à Satisfação dos Serviços, Escola A

ANEXO 16



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

ESCOLA SECUNDÁRIA c/ 2º e 3º CICLOS

Inquérito aos Alunos

É para a Escola fundamental conhecer o grau de satisfação dos alunos quanto aos serviços prestados. Só deste modo, poderemos melhorar!
Assim, solicitamos a tua colaboração no sentido de responderes anonimamente e de forma sincera a este inquérito.

1. Ano de escolaridade:

7º	8º	9º	10º	11º	12º	1ºCef	2ºCef	1ºC.Prof.	2ºC.Prof.	3ºC.Prof.
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2. Sexo:

M F

3. Como classificas a disponibilidade da Direcção da Escola para ouvir os alunos?

1- Muito fraco	2- Fraco	3- Razoável	4 - Bom	5- Muito bom
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4. Como classificas o apoio dado pela Direcção às actividades culturais e desportivas propostas pelos alunos?

1- Muito fraco	2- Fraco	3- Razoável	4 - Bom	5- Muito bom
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5. A Direcção preocupa-se com a manutenção da disciplina na Escola?

1- Muito fraco	2- Fraco	3- Razoável	4 - Bom	5- Muito bom
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Vira se faz favor

1

6. A Direcção assegura a comunicação aos alunos dos assuntos do seu interesse em tempo oportuno?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

7. Os professores preocupam-se com os alunos.

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

8. Consideras que as aulas de acompanhamento são úteis?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

9. Consideras que o número de aulas de apoio é suficiente?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

10. O horário das aulas de apoio satisfaz os teus interesses?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

11. Como classificas o horário da Secretaria?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

12. Como classificas a qualidade do atendimento na Secretaria?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

13. Os Assistentes Operacionais (funcionários) estão atentos ao que se passa nos corredores?

1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5-Muito bom

14. Os Assistentes Operacionais (os funcionários) estão atentos ao que se passa no pátio?

1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom

15. Os Assistentes Operacionais (funcionários) estão atentos ao que se passa nos balneários?

1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom

16. Como classifica a segurança na Escola?

1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom

17. A Portaria contribui para uma maior segurança?

1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom

18. A Portaria impede a saída dos alunos não autorizados?

1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom

Vira se faz favor

19. Na Portaria a vigilância é permanente?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

20. Os funcionários da Portaria têm uma atitude correcta para com os alunos?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

21. Como classificas o horário da Biblioteca Escolar?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

22. Como classificas o espaço Biblioteca Escolar?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

23. Como classificas o atendimento do(s) funcionário(s) da Biblioteca Escolar?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

24. Como classificas os recursos informáticos existentes na Biblioteca Escolar?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

25. Como classificas a variedade das obras existentes na Biblioteca Escolar?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

26. Como classificas a tua assiduidade enquanto utente da Biblioteca Escolar?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

27. Como classificas o horário do Bar?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

28. Como classificas a qualidade do atendimento no Bar?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

29. Como classificas a variedade dos produtos do Bar?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

30. Como classificas a qualidade dos produtos do Bar?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

31. Como classificas a qualidade do atendimento no Refeitório?

- 1- Muito fraco 2- Fraco 3- Razoável 4 - Bom 5- Muito bom
-

Vira se faz favor

32. Como classifica a qualidade das refeições no Refeitório?

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1- Muito fraco | 2- Fraco | 3- Razoável | 4 - Bom | 5- Muito bom |
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

33. Como classifica o horário da Papelaria?

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1- Muito fraco | 2- Fraco | 3- Razoável | 4 - Bom | 5- Muito bom |
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

34. Como classifica a qualidade do atendimento na Papelaria?

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1- Muito fraco | 2- Fraco | 3- Razoável | 4 - Bom | 5- Muito bom |
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

35. Como classifica a variedade dos materiais disponíveis na Papelaria?

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1- Muito fraco | 2- Fraco | 3- Razoável | 4 - Bom | 5- Muito bom |
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

36. Como classifica o horário da Reprografia?

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1- Muito fraco | 2- Fraco | 3- Razoável | 4 - Bom | 5- Muito bom |
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

37. Como classifica a qualidade do atendimento na Reprografia?

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1- Muito fraco | 2- Fraco | 3- Razoável | 4 - Bom | 5- Muito bom |
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

38. Como classifica o horário do ASE?

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1- Muito fraco | 2- Fraco | 3- Razoável | 4 - Bom | 5- Muito bom |
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

39. Como classificas a qualidade do atendimento no ASE?

1- Muito fraco

2- Fraco

3- Razoável

4 - Bom

5- Muito bom

Sugestões relativas ao funcionamento dos Serviços.

Utiliza tópicos.

Obrigado(a) pela tua colaboração

ANEXO 17- Guiões das Entrevistas 1.ª Fase

1. GUIÃO DA ENTREVISTA COLETIVA – EQUIPA DE AUTOAVALIAÇÃO

OBJETIVOS GERAIS:

- PERCEBER como a equipa de autoavaliação efectivou o processo de construção e utilização do sistema de autoavaliação
- IDENTIFICAR os principais obstáculos e constrangimentos sentidos pela equipa durante todo o processo
- IDENTIFICAR as principais aprendizagens efectuadas pela equipa durante todo o processo
- RECOLHER as expectativas da equipa em relação ao futuro e perceber os principais resultados e reflexões efectuadas

ASSUNTOS	OBJETIVOS	TÓPICOS
Legitimação	Explicar os objectivos e o processo da entrevista	Um de cada vez Interacção Devolução da transcrição
Apresentação	Obter dados relativos a cada um dos entrevistados	Nome Habilitações académicas Disciplina que lecciona Tempo de serviço Cargos que exerce
A decisão de implementação da autoavaliação	Perceber de quem partiu a iniciativa de realização da auto-avaliação: director, conselho pedagógico, conselho geral, outro	Processo formal Processo informal Justificação para a decisão Iniciativa
O trabalho desenvolvido pela equipa de autoavaliação	Saber como foi divulgado o projecto na escola Conhecer os recursos ao dispor da equipa Conhecer quais os objectivos da auto-avaliação Perceber como foram definidas as áreas a avaliar Identificar o quadro conceptual adoptado	Processo de comunicação Envolvimento dos <i>stakeholders</i> Planificação Formação Quadro conceptual

Aprendizagem	<p>Perceber as necessidades sentidas</p> <p>Identificar os principais constrangimentos/obstáculos</p> <p>Saber o que mudariam se iniciassem o processo agora</p> <p>Identificar as principais aprendizagens teóricas e práticas</p>	<p>Apoio da liderança de topo</p> <p>Tempo</p> <p>Dados recolhidos</p> <p>Lições aprendidas</p> <p>Experiências marcantes</p>
Mudança e melhoria	<p>Identificar possíveis alterações na organização da escola e no trabalho com os alunos decorrentes da autoavaliação</p> <p>Saber se houve mudanças nas atitudes das pessoas face e decorrentes da auto-avaliação</p>	<p>Atitudes das pessoas</p> <p>Organização administrativa</p> <p>Organização pedagógica</p> <p>Qualidade</p> <p>Cultura de avaliação</p> <p>Planos graduais de melhoria</p>
Organização do processo	<p>Saber como foi construída a equipa de autoavaliação</p> <p>Perceber como foi feita a planificação do processo</p> <p>Perceber quanto tempo demorou a construção do sistema de auto-avaliação</p>	<p>Recursos</p> <p>Investigação</p> <p>Experiências anteriores</p> <p>Envolvimento das pessoas</p> <p>Vencer as resistências</p>
Reflexão e resultados	<p>Saber como foram divulgados os resultados</p> <p>Perceber a quem foram divulgados os resultados</p> <p>Saber o que foi feito com os resultados da avaliação</p> <p>Saber se existe ligação com a avaliação externa</p>	<p>Impacto na organização</p> <p>Impacto na sala de aula</p> <p>Apropriação pelos principais atores</p> <p>Bem-estar das pessoas</p> <p>Qualidade</p> <p>Reforço da profissionalidade docente</p>

2. GUIÃO DA ENTREVISTA AO DIRETOR

OBJETIVOS GERAIS: Perceber a importância atribuída à autoavaliação; Perceber o apoio prestado à realização da autoavaliação; Perceber das expectativas relativas à autoavaliação

Assuntos	Objetivos	Tópicos
Justificação da autoavaliação	Saber o que levou à decisão Perceber a estratégia adoptada	Imperativo legal Uso da autonomia Necessidade sentida pela escola
Qualidade da escola	Perceber o entendimento sobre a qualidade da escola	Significado da qualidade Reflexo na aprendizagem dos alunos Reflexo no ensino dos professores
Aprendizagem	Conhecer o apoio e o acompanhamento que fez do processo Saber das expectativas em relação ao processo	Pontos fortes Pontos fracos Experiências significativas
Melhoria	Conhecer a percepção sobre as mudanças e melhorias decorrentes da auto-avaliação	Organização administrativa Organização pedagógica Atitude das pessoas Profissionalismo docente
Organização	Perceber se pretende articular com os outros órgãos da escola Saber da articulação com a avaliação externa	Articulação horizontal e vertical Desenvolvimento do projecto educativo Articulação com a avaliação externa
Resultados	Saber o que pretende fazer com os resultados Saber como pretende divulgar os resultados Perceber a quem quer divulgar os resultados	Plano gradual de melhoria Resultados sustentados Reconhecimento social Aumento do bem-estar Prestação de contas

3. GUIÃO DA ENTREVISTA AO PRESIDENTE DO CONSELHO GERAL

OBJETIVOS GERAIS: Recolher a percepção sobre a autoavaliação; Perceber o papel e a atitude do Conselho Geral no processo; Contrastar perspetivas e triangular dados

Assuntos	Objetivos	Tópicos
Legitimação	Explicar os objectivos e o processo da entrevista	A construção do sistema de auto-avaliação Participação no processo Conhecimento do processo
Apresentação	Obter dados relativos ao entrevistado	Nome Anos de serviço Habilitações Anos na escola Disciplina que lecciona
Qualidade da escola	Perceber o entendimento sobre a qualidade da escola	Significado da qualidade Relação entre a qualidade e a auto-avaliação
Aprendizagem	Conhecer sobre a aprendizagem de novos referenciais teóricos Conhecer sobre a interiorização de novos elementos de reflexão	A autoavaliação e as aprendizagens A autoavaliação e o ensino
Melhoria	Conhecer a percepção sobre as mudanças e melhorias decorrentes da auto-avaliação	Organização administrativa Organização pedagógica Atitude das pessoas Profissionalismo docente
Organização	Conhecer as percepções como o processo foi organizado Conhecer a articulação com a equipa de auto-avaliação Perceber da percepção sobre a articulação com a avaliação externa	Articulação horizontal e vertical Desenvolvimento do projecto educativo Articulação com a avaliação externa
Resultados	Perceber o que se deve fazer com os resultados Perceber como se deve divulgar os resultados Perceber a quem divulgar os resultados	Plano gradual de melhoria Resultados sustentados Reconhecimento social Aumento do bem-estar Prestação de contas

4. GUIÃO DA ENTREVISTA AO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS

OBJETIVOS GERAIS: Saber do conhecimento e da participação no processo; Conhecer a percepção sobre a qualidade da escola; Perceber a importância e expectativas atribuídas à autoavaliação.

Assuntos	Objetivos	Tópicos
Legitimação	Explicar os objectivos e o processo da entrevista	A construção do sistema de autoavaliação Participação no processo Conhecimento do processo
Apresentação	Obter dados relativos ao entrevistado	Profissão Habilitações académicas Idade Anos no cargo
Qualidade da escola	Perceber o entendimento sobre a qualidade da escola	O que é a qualidade Áreas de qualidade na escola Áreas de não qualidade na escola
Aprendizagem	Saber sobre a aprendizagem de novas práticas nas escolas Conhecer sobre a interiorização de novos elementos de reflexão	A autoavaliação e as aprendizagens A autoavaliação e o ensino A autoavaliação e a escola
Melhoria	Conhecer a percepção sobre as mudanças e melhorias decorrentes da auto-avaliação	Organização administrativa Organização pedagógica Atitude das pessoas Profissionalismo docente
Organização	Conhecer as percepções como o processo foi organizado Conhecer a articulação com a equipa de auto-avaliação Perceber da percepção sobre a articulação com a avaliação externa	Desenvolvimento do projecto educativo Melhoria das aprendizagens Melhoria do ensino Melhoria da organização escola
Resultados	Perceber o que se deve fazer com os resultados Perceber como se deve divulgar os resultados Perceber a quem divulgar os resultados	Resultados das aprendizagens Desempenho dos professores Atitude dos funcionários Elaborar plano gradual de melhoria Prestar contas

5. GUIÃO DA ENTREVISTA AO REPRESENTANTE DOS ALUNOS

OBJETIVOS GERAIS: Saber do conhecimento e da participação no processo; Conhecer a percepção sobre a qualidade da escola; Recolher a percepção de como melhorar a escola e da contribuição dos alunos nessa área.

Assuntos	Objetivos	Tópicos
Legitimação	Explicar os objetivos e o processo da entrevista	A construção do sistema de autoavaliação Participação no processo Conhecimento do processo
Apresentação	Obter dados relativos ao entrevistado	Ano de escolaridade Idade Anos na escola
Qualidade da escola	Perceber o entendimento sobre a qualidade da escola	O que é a qualidade Áreas de qualidade na escola Áreas de não qualidade na escola
Aprendizagem	Saber sobre a aprendizagem de novas práticas nas escolas Conhecer sobre a interiorização de novos elementos de reflexão	A autoavaliação e as aprendizagens A autoavaliação e o ensino A autoavaliação e a escola
Melhoria	Conhecer a percepção sobre as mudanças e melhorias decorrentes da auto-avaliação	Organização administrativa Organização pedagógica Atitude das pessoas Profissionalismo docente
Organização	Conhecer as percepções como o processo foi organizado Conhecer a articulação com a equipa de auto-avaliação Perceber da percepção sobre a articulação com a avaliação externa	Desenvolvimento do projecto educativo Melhoria das aprendizagens Melhoria do ensino Melhoria da organização escola
Resultados	Perceber o que se deve fazer com os resultados Perceber como se deve divulgar os resultados Perceber a quem divulgar os resultados	Resultados das aprendizagens Desempenho dos professores Atitude dos funcionários Elaborar plano gradual de melhoria Prestar contas

6. GUIÃO DA ENTREVISTA AO REPRESENTANTE DO PESSOAL NÃO DOCENTE

OBJETIVOS GERAIS: Saber do conhecimento e da participação no processo; Conhecer a percepção sobre a qualidade da escola; Conhecer como percebem a autoavaliação.

Assuntos	Objetivos	Tópicos
Apresentação	Explicar os objectivos e o processo da entrevista	A construção do sistema de autoavaliação Participação no processo Conhecimento do processo
Legitimação	Obter dados relativos ao entrevistado	Habilitações académicas Idade Anos de serviço Anos na escola
Qualidade da escola	Perceber o entendimento sobre a qualidade da escola	O que é a qualidade Áreas de qualidade na escola Áreas de não qualidade na escola
Aprendizagem	Saber sobre a aprendizagem de novas práticas nas escolas Conhecer sobre a interiorização de novos elementos de reflexão	A autoavaliação e as aprendizagens A autoavaliação e o ensino A autoavaliação e a escola
Melhoria	Conhecer a percepção sobre as mudanças e melhorias decorrentes da auto-avaliação	Organização administrativa Organização pedagógica Atitude das pessoas Profissionalismo docente
Organização	Conhecer as percepções como o processo foi organizado Conhecer a articulação com a equipa de auto-avaliação Perceber da percepção sobre a articulação com a avaliação externa	Desenvolvimento do projecto educativo Melhoria das aprendizagens Melhoria do ensino Melhoria da organização escola
Resultados	Perceber o que se deve fazer com os resultados Perceber como se deve divulgar os resultados Perceber a quem divulgar os resultados	Resultados das aprendizagens Desempenho dos professores Atitude dos funcionários Elaborar plano gradual de melhoria Prestar contas

ANEXO 18 – Guião das Entrevistas (2.ª Fase da Investigação)

Local	Data de realização	Idade	Sexo do entrevistado
Cargo desempenhado		N.º de anos de serviço	N.º de anos na escola

Blocos	Objetivo	Questões Orientadoras
Bloco A – sistema de autoavaliação	Perceber como se organizam as escolas para a autoavaliação e como ocorreu o desenvolvimento do sistema de autoavaliação	<ul style="list-style-type: none"> - Porque se decidiu construir o sistema de autoavaliação - Quem decidiu o que avaliar - Que referencial foi adotado - Como se envolveram os <i>stakeholders</i> - Fatores de sucesso - Constrangimentos
Bloco B – Ação educativa	Perceber quais os efeitos decorrentes da autoavaliação na ação educativa dos professores	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento e supervisão da prática lectiva - Coerências entre práticas de ensino e avaliação - Metas e objectivos em termos de resultados - Identificação das necessidades educativas dos alunos - Estratégias de aprendizagem inovadoras - Monitorização dos resultados - Trabalho em equipa
Bloco C – Organização escolar	Perceber os efeitos da autoavaliação na forma como a escola se organiza para que os alunos aprendam melhor	<ul style="list-style-type: none"> - Gestão dos recursos - Parcerias e projectos - Articulação curricular - Organização das turmas - Plano de formação - Participação dos pais - integração de novos professores - Apoios aos alunos

ANEXO 19 – Transcrição das entrevistas (1.ª fase)

Entrevistado: E1A **Dia:** 14/11/2011 **Hora:** 13:20

Local: Escola A

Condições em que decorreu a entrevista: tranquilidade e sossego, entrevistador frente a frente com entrevistado

Eu – Qual o teu conceito de escola de qualidade?

E1A – É uma escola com bons professores, que tenha uma boa organização. É isto acima de tudo.

Eu – O que é isso de boa organização?

E1A – Quero dizer em termos de escolha da qualidade dos professores, fazer uma séria avaliação dos professores também. Ajudar os alunos.

Eu – Ajudar os alunos como?

E1A – Por exemplo em todas as escolas há aqueles alunos com dificuldades, a nível de ensino, boas salas de estudo, apoios, isso tudo.

Eu – Esta é uma escola de qualidade?

E1A – É um bocado complicado...antes de ter as obras e tudo...mas sim é. Dá para reparar que tem várias nacionalidades aqui na escola não é e vê-se que há apoio a esses alunos de várias nacionalidades.

Eu – Quais são as áreas fortes da escola?

E1A – Áreas fortes como assim?

Eu – Onde é que a escola é melhor?

E1A – Onde é que é melhor? Onde é que é melhor? Em termos do meu curso os professores em geral são bons, nos outros cursos que eu já frequentei, também o curso de ciências, acho que em geral tem bons professores, pronto. São professores que ajudam os alunos a nível geral é o que eu estou a ver. Temos também o sintético.

Eu – E pontos fracos?

E1A – é pá, pontos fracos...temos agora o refeitório...aquela comida é de plástico. A escola em termos financeiros tem uma má organização, porque quando há visitas de estudo e isso não temos transporte da Câmara e temos que pagar nós as visitas.

Eu – Tens assento no Conselho Pedagógico?

E1A – Eu estou no Conselho Geral. Sou o representante dos alunos. Lá tratamos de tudo da escola. Assuntos financeiros, visitas de estudo...

Eu – Os alunos costumam intervir?

E1A – Sim, sim, eu e a minha colega. Nesta reunião não estive presente por acaso mas na próxima tenho uma boas sugestões para dar.

Eu – Que sugestões é que têm dado para melhorar a escola?

E1A – Por exemplo demos a sugestão que quando acabarem as obras voltem as cozinheiras, porque aqui, quase todos os alunos comem na escola. S cozinheiras eram boas, faziam boa comida e agora quase ninguém quer a comida. O nosso assunto chave é para voltarem as cozinheiras. Alguns funcionários também deveriam mudar. Às vezes agem mal com os alunos, pronto.

Eu – O que é isso agir mal?

E1A – Hoje tivemos o caso de um funcionário ameaçar um aluno da minha turma e acho que isso numa escola normal não deve acontecer mesmo.

Eu – Qual é o elemento mais importante numa escola para ela ser boa, ter qualidade?

E1A – Um diretor como deve ser que, por acaso é o nosso caso, pois temos uma muito boa diretora.

Eu – Porque é que a diretora é boa?

E1A – é uma diretora que sabe ouvir a opinião dos alunos, ajuda, faz perguntas, quer sempre saber se os alunos estão bem cá na escola, mas por outro lado, temos uma subdiretora que é intragável.

Eu – Então a diretora é mais importante que os professores?

E1A – Acho que está tudo interligado. Com uma boa direção ao fim e ao cabo vmos ter bons professores dentro da escola. Não sei, acho eu.

Eu – Porquê?

E1A – Se a diretora for boa vai fazer perguntas aos alunos, todos os alunos, traz professores novos. Nós falamos com os diretores de turma e estes informam a diretora. Os professores novos que têm vindo são excelentes.

Eu – A escola tem melhorado ou piorado nos últimos anos?

E1A – Acredito que vai ficar melhor, pois estive muito mal, mesmo muito mal.

Eu – Esta a melhorar?

E1A – Está.

Eu – Esta a melhorar porquê?

E1A – Porque tem mais segurança, pelo que eu sei do projeto da escola nova vai ter muito mais apoio aos alunos.

Eu – Os alunos aqui são ouvidos?

E1A – Muitos deles sim.

Eu – Formal ou informalmente?

E1A – Muitos deles falam comigo e dizem para eu falar no Conselho Geral e eu transmito lá sempre as ideias dos alunos.

Eu – Já ouviste falar na autoavaliação da escola?

E1A – Não, por acaso não.

Eu – Tens ideia do que isso possa ser?

E1A – Acho que é avaliar a escola. Dar o número em que a escola está.

Eu – Já alguma vez tiveste conhecimento de algum relatório sobre com a escola está?

E1A – Não.

Eu – E já ouviste falar alguma vez sobre a avaliação externa feita pela Inspeção-Geral da Educação?

E1A – Não. Aqui não.

Eu – No Conselho Geral já alguma vez foi este ano discutido algo sobre a autoavaliação da escola?

E1A – Não, acho que não, não quero estar a afirmar nada, mas acho que não. Estivemos a rever alguns processos por termos passado a agrupamento, mas sobre a avaliação não me lembro de nada. Só fui a duas reuniões, mas acho que não.

Eu – Já ouviste falar no Observatório da Qualidade? A escola tem um há doze anos.

E1A – Tem? Risos... não sabia.

Eu – Cotumas consultar a página da Internet da Escola?

E1A – Pouco.

Eu – Conheces o Projeto Educativo da Escola/Agrupamento, o Plano Anual de Atividades, o Regulamento Interno?

E1A – O projeto educativo não.

Eu – (Explicação rápida do que é a autoavaliação da escola). Achavas importante haver um grupo a fazer a autoavaliação que incluísse os alunos?

E1A – Acho que sim que era muito importante. Mesmo muito, acho.

Eu – Não participaste na autoavaliação.

E1A – Pelos vistos já reparei que não.

Eu – Se participasses nesse grupo de autoavaliação que áreas próprias como importantes para avaliar?

E1A – A segurança da escola, a organização...

Eu – A organização em que aspetos?

E1A – Para mim é assim, como é que eu hei-de explicar, tenho uma ideia, explicar é que é mais complicado...no secundário mudei de escola. Em relação à minha outra escola esta é mais desorganizada. A outra escola tinha mais por exemplo visitas de estudo. Nesta escola quando temos visitas de estudo a primeira coisa que nos dizem logo é que temos de pagar. As fotocópias também temos que pagar.

Eu – Então é nesse aspeto? Visitas de estudo, fotocópias...

E1A – Temos também uma biblioteca muito fraquinha, já todos os professores se queixam disso. Talvez com as novas instalações. Espero que sim, espero que sim.

Eu – Voltando aos professores. Como é que é o seu ensino?

E1A – é bom, temos muito apoio dos professores.

Eu – Como funcionam os professores em sala de aula?

E1A – São autoritários quando têm que ser, pronto.

Eu – Sabem controlar a sala de aula? Fazem trabalho de grupo?

E1A – Sim, sim.

Eu – Numa aula e noventa minutos quanto tempo é dedicado à exposição e quanto tempo é dedicado a outro tipo de trabalho?

E1A - ...É quê? Uns sessenta minutos para nós estarmos a ouvir o professor e os outros trinta minutos para estar a fazer trabalho.

Eu – E isso é bom?

E1A – é assim...quando o tempo é bem aproveitado para explicar.

Eu – Explicar como?

E1A – No quadro, com o livro, oralmente. Os professores aqui sabem puxar por nós. Uma coisa boa aqui é que os professores puxam pelos alunos.

Eu – Então para ti e por ordem de importância quais são os fatores decisivos para se ter uma escola de qualidade?

E1A – Boas instalações para se ter material para trabalhar, bons professores, boa diretora.

Eu – Explica lá isso melhor.

E1A – Nós estamos aqui para aprender por isso temos que ter bons professores, instalações e boa diretora.

Eu – Então se vocês estão aqui para aprender e os professores para ensinar, porquê é que as instalações aparecem em primeiro lugar?

E1A – Porque os professores têm que ter boas condições para ensinar, têm que ter boas condições. No meu curso de informática se não tiver bons computadores é complicado aprender.

Eu – Então se não houver boas condições os alunos não conseguem aprender?

E1A – Conseguem, mas acho que é mais difícil, temos que aderir às novas tecnologias penso eu.

Eu – No entanto em noventa minutos de aula, durante sessenta ouvem o professor e durante trinta minutos praticam?

E1A – Pois é que os professores ao mesmo tempo que explicam estão a fazer-nos perguntas, às vezes nem sempre pesquisamos.

Eu – Então o ensino ainda é um pouco transmissivo?

E1A – É isso, si, aqui é.

Eu – De 1 a 10 numa hipotética escala de qualidade quantos pontos davas a esta escola?

E1A – À escola? Futura ou como está agora?

Eu – Do que conheces desde que está cá na escola?

E1A – Dou um seis.

Eu – Se fosses tu a escolher qual a primeira coisa que mudavas para a classificação aumentar?

E1A - Melhorava as instalações.

Eu – Vocês alunos têm ideia dos resultados que a escola alcança?

E1A – A escola até ficou bem situada.

Eu – Explica lá isso melhor por favor.

E1A – Ficamos em 2.º no concelho da Amadora no ranking de escolas. Por acaso tivemos acesso a isso.

Eu – Foram discutidos os resultados em algum lugar?

E1A – Acho que no conselho geral vamos tratar disso, mas ainda não é já, acho que vamos tratar disso.

Eu – Então não tens ideia se os colegas repetem muito, se há uma grande retenção?

E1A – Uma coisa eu sei, a escola está a ficar com menos alunos. Muitos alunos já se foram embora daqui devido à assiduidade, organização e é verdade, os funcionários.

Eu – O que se passa com os funcionários?

E1A – Muitos deles parece que estão aqui obrigados.

Eu – Pelo que percebo pelas tuas palavras os professores são bons e têm bom relacionamento com os alunos, a organização da escola é que deveria melhorar?

E1A – Acho que sim, a escola deveria trabalhar nisso.

Eu – Gostarias de participar na autoavaliação da escola?

E1A – Sim, eu e a minha colega do conselho geral acho que não nos importáramos de participar nisso, embora, não tenha conhecimentos sobre isso.

Eu – Mas nunca respondeste a nenhum questionário no âmbito da autoavaliação da escola?

E1A – Não, não me lembro.

Eu – Obrigado pela tua colaboração.

Entrevistado: E2A Dia: 15/11/2011 Hora: 10:15

Local: Escola A

Condições em que decorreu a entrevista: tranquilidade e sossego, entrevistador, frente a frente com entrevistado

Eu – O que é para si uma escola de qualidade?

E2A – Escola de qualidade é a que consegue ter o sucesso dos alunos dentro de níveis aceitáveis. Que possa proporcionar o sucesso aos alunos.

Eu – E como é que define esse sucesso dos alunos?

E2A – Pelo atingir das metas definidas nos programas da escola.

Eu – Acha que há uma relação entre qualidade e autoavaliação?

E2A – Há concerteza. A autoavaliação permitirá sempre melhorar a própria qualidade da escola. A partir do momento em que se consegue fazer uma avaliação correta da escola é que é possível que a qualidade seja melhorada.

Eu – Participou no grupo de autoavaliação da escola?

E2A – Não.

Eu – Tem sido debatido no Conselho Geral a autoavaliação da escola?

E2A – Estou no Conselho Geral só este ano. Em relação a este assunto ainda não houve nenhuma reunião para tratar especificamente dele. No entanto, já houve uma reunião sobre o relatório do Observatório da Qualidade que, quando chegou ao Conselho Geral eu entendi que aquilo não era propriamente um relatório sobre a qualidade da escola mas um levantamento de algumas coisas relacionadas com os exames e dali não se aferia a qualidade da escola.

Eu – Em sua opinião qual deve ser o principal foco da escola?

E2A – O sucesso dos alunos.

Eu – Mas qual deve ser a principal missão da escola?

E2A – Neste momento a questão dos saberes está um bocadinho fora do objetivo principal. Neste momento a questão da cidadania pelo que verificamos na escola já é muito mais premente, pelo menos nesta escola e penso que nas outras escolas também. Neste momento todas as questões relacionadas com a cidadania são prioritárias porque

só isso é que vai permitir que os saberes sejam adquiridos pelos alunos em condições normais.

Eu – Quais os fatores principais então para o sucesso dos alunos uma vez que referia que a qualidade tem a ver com o sucesso dos alunos?

E2A – Risos ...vamos lá a ver, primeiro a estabilidade do corpo docente que penso ser uma questão fundamental; segundo fazer com todos os alunos um levantamento exaustivo do que é a sua vida, quem são, donde vêm, meio familiar todas as questões relacionadas, todas as questões relacionadas com a família; terceiro fazer com que o corpo docente e os alunos estabeleçam uma relação saudável, sem grandes atritos. Em princípio está meio caminho andado par que o sucesso se possa verificar.

Eu – E as instalações, os equipamentos, a direção....?

E2A – Não me parece que isso seja fundamental. Mas se a escola estiver em termos de equipamento a zero isso é muito complicado. Basta a escola ter o mínimo de equipamento para trabalhar.

Eu – Então o fator principal para a qualidade é os professores?

E2A – Os professores, a origem dos alunos e estabelecer uma ligação com a família dos alunos. O sucesso passa obrigatoriamente por aí.

Eu – Já ouviu falar da avaliação externa a cargo da IGE?

E2A – Sim.

Eu – O que é que acha disso?

E2A – A avaliação externa? Acho que é uma maneira de gastar dinheiro neste país.

Eu – Porquê?

E2A – Porque a avaliação externa vem ver apenas aspectos puramente burocráticos das questões. Só vêm papéis e portanto não me parece que essa avaliação tenha algum interesse para as escolas.

Eu – A autoavaliação é então mais importante?

E2A – Muito mais importante.

Eu – Quem deve ser então o responsável pela autoavaliação na escola?

E2A – Não poderia ser a direção. Deveria ser por exemplo o Conselho Geral porque tem pessoas da escola e fora da escola. Deveria constituir-se um grupo que incluísse professores e não professores, autarquia por exemplo. Eu nunca tive medo de assumir a responsabilidade destas coisas. O Conselho Geral tem que ter essa responsabilidade não digo de vigilância mas de certa forma de acompanhamento do desenvolvimento dos projetos da escola.

Eu – Que áreas acha importantes avaliar na escola partindo do pressuposto que era o Conselho Geral o responsável pela autoavaliação?

E2A – O sucesso, a disciplina/indisciplina e nessa avaliação da escola tem que estar a avaliação dos professores. Não nos moldes em que é feita a avaliação nos dias de hoje mas de forma que o sucesso dos alunos também tenha a ver com a avaliação do próprios professores.

Eu – Concretizando melhor...

E2A – haveria um grupo responsável por avaliar o sucesso do alunos e a disciplina e indisciplina porque neste momento este último fator é determinante para o sucesso dos alunos.

Eu – No seu entender onde se localiza o coração da escola?

E2A – O coração da escola é a sala de aula. Isso é evidente. Mas o coração da escola só pode funcionar se as coisas dentro da sala de aula funcionarem. Quer dizer não pode haver níveis de indisciplina de tal ordem que o professor passe grande parte dos noventa minutos da aula a tentar que os alunos não falem mais alto que ele ou passem grande parte da aula a levantarem-se. Não pode haver indisciplina dentro da sala de aula.

Eu – E para o coração da escola funcionar os professores são o elemento fundamental?

E2A – Sim, mas não são só os professores. A qualidade da escola não se consegue como eu dizia ali há bocadinho enquanto os pais não forem responsabilizados pelo que se passa com os filhos na escola. Enquanto isso não acontecer não se vai a lado nenhum. Porque um professor quando manda sentar um aluno e lhe pergunta: mas tu quando estás em casa a comer também andas em pé? E o aluno lhe responde: sim, em casa quando estamos a comer anda tudo em pé. Se ele em casa anda a comer em pé é normal que também ande na sala de aula em pé. Enquanto os pais não tiverem um papel fundamental para os alunos serem alunos capacitando-os que estão aqui para aprender, nós não conseguimos ir a lado nenhum.

Eu – Como é que se consegue que os pais tenham esse papel?

E2A – Os pais têm que ser responsabilizados pela educação dos filhos. Não podem ser os professores os únicos responsáveis pela educação dos alunos. Os pais estão completamente demitidos da educação dos filhos neste momento.

Eu – E o processo de autoavaliação deveria ter algum ciclo para ser efetivo? Deveria realizar-se de quanto em quanto tempo?

E2A – Deve ser no final de cada ano letivo para poder aferir os parâmetros e saber se as coisas funcionaram.

Eu – E os resultados da autoavaliação devem ser divulgados a quem?

E2A – À comunidade.

Eu – E os resultados devem ser debatidos onde?

E2A – No conselho pedagógico por exemplo.

Eu – Os resultados devem ser colocados na página da Internet da Escola ou ser apenas divulgados a nível interno na escola?

E2A – Acha que devia ser do conhecimento geral. Acho que a escola não deveria ter medo da avaliação que lhe é feita. Concordo que essa avaliação deve ter implicação na escola. Concordo que os pais devem saber se a escola está a funcionar bem e para os pais poderem escolher a escola.

Eu – Se fosse o diretor da escola e soubesse de alguns pontos fracos como encararia a responsabilidade da direção?

E2A – Era de atacar esses pontos fracos no sentido que eles desaparecessem ou se tornassem melhores.

Eu – Acha que a autoavaliação deveria ser complementada com algum tipo de avaliação externa?

E2A – A partir do momento em que é feita uma autoavaliação da escola e ela é do conhecimento geral está autenticamente feita como avaliação externa.

Eu – Não sente que haja necessidade de uma avaliação externa feita por exemplo por um organismo independente?

E2A – Eu vou-lhe dizer o que eu quero dizer com isto. Eu estive alguns anos à frente desta escola e nessa altura muitos pais se sentaram à minha frente a dizer que queriam que os filhos viessem para esta escola independentemente de ser ou não esta a área geográfica da residência deles.

Eu – Porquê?

E2A – Porque essa era a avaliação que os pais faziam da escola. A que é a mais importante é a avaliação que chega aos pais e lhe permite dizer – esta é a escola para os meus filhos. Uma escola como esta em que há 12 anos atrás veio a televisão aqui perceber porque é que havia melhores resultados do que numa escola de cascais que tinham condições familiares favoráveis, isto significou o quê? Significa que era importante para aquele espaço televisivo saber porque é que aqui havia sucesso.

Eu - E conseguiu-se saber porquê?

E2A – conseguiu-se.

Eu – Tinham algum sistema de autoavaliação nessa altura?

E2A – Mal havia. Era uma escola que aparecia no lugar cimeiro dos rankings dos exames. Estava feita a avaliação por aí.

Eu – Então acha que os rankings são um fator indicativo da qualidade da escola?

E2A – Não só. Porque no ranking só apanhamos a parte final do processo dos alunos. Só já apanhamos os que chegam ao final (como no 12.º ano) e os que ficam pelo caminho? A questão dos rankings poderá ter importância ou não em função do quê? Em função do número de alunos que vão a exame nacional. Porque muitas vezes os rankings aparecem só em função de meia dúzia de alunos. Aquilo que são resultados fiáveis é pegar nos alunos que entraram no sétimo ano e saber quantos terminaram o nono ano. Quantos anos levaram para fazer esse percurso. Isto é que permite aferir os resultados dos alunos. É isso que se tem que fazer aqui. Isto é que é a qualidade da escola.

Eu – Não vê portanto necessidade de avaliação externa que complemente a autoavaliação?

E2A – Sim, mas essa avaliação externa feita por quem? Pelos senhores inspetores que vêm cá ver papéis? Atas? A avaliação externa será sempre feita pelos encarregados de educação que querem cá pôr os alunos ou não.

Eu – Mas os alunos e os pais podem estar satisfeitos com a escola pelo convívio que é proporcionado...

E2A – Não, não, pelos resultados que eles apresentam na escola. Quando eu lhe estou a dizer que é importante saber quantos alunos entraram no 7.º ano e quantos chegam ao 9.º ano e em quantos anos fizeram esse percurso, isso é que é importante os pais saberem.

Eu – Então a avaliação deve ser sistemática?

E2A – Claro.

Eu – E dela deverá resultar um plano de melhoria?

E2A – Claro, é por isso que deve ser anual para se saber para se saber se as fragilidades detetadas foram corrigidas.

Eu – E esse plano deve ser discutido em Pedagógico?

E2A – Claro.

Eu – E isso servirá como prestação de contas? Devem as escolas prestar contas à comunidade?

E2A – Devem, isso não tenho dúvidas nenhuma.

Eu – Há pouco acabou por não dizer quais os fatores que identificou como de qualidade quando veio cá a televisão.

E2A – Foi o corpo docente estável (cerca de 80%) e o facto de não haver indisciplina. Foram os fatores fundamentais.

Eu – Sendo certo que a população escolar provavelmente é muito diferente agora do que há doze anos atrás?

E2A – É muito diferente sobretudo na forma de estar na escola, mas isso é o resultado daquilo que eu lhe dizia há pouco, os pais não querem saber nada disto.

Eu – Comente por favor o seguinte: há quem diga que alguém que tivesse morrido há 200 anos atrás e ressuscitasse, ficaria muito surpreendido com a evolução que o mundo sofreu mas se entrasse numa escola e numa sala de aula talvez que a diferença não fosse assim tão grande (a disposição das carteiras, o sistema de classes...)

E2A – Não deixa de ter alguma razão em relação a essa parte física da escola. Agora há uma diferença fundamental, os alunos hoje em dia quando chegam à escola têm uma base de informação incomparavelmente superior à que tinham há 200 anos atrás. Logo quando falamos a um aluno sobre um determinado tema já têm um bocado de informação que apanham através das tecnologias de informação e comunicação e há uns anos atrás chegavam aqui quase a zero.

Eu – Os alunos estão melhor preparados quando chegam à escola?

E2A – Não, têm é mais informação. Se é correcta ou não tenho dúvidas. Absorvem tudo o que vem da Internet sem espírito crítico. Para eles isso é conhecimento.

Eu – Num bloco de noventa minutos como é dividida geralmente a aula?

E2A – Tenho dificuldades em responder a isso porque estou a trabalhar com alunos à noite.

Eu – Acha que os professores continuam muito agarrados a uma pedagogia transmissiva?

E2A – Tenho dificuldade em responder-lhe a isso porque os meus alunos são uma população diferente porque trabalho com adultos em que há muito poucas aulas expositivas, mas acredito que uma boa parte das aulas dos meus colegas de dia ainda passe muito pela exposição, pela aula em que o professor é que fala mais. Acredito.

Eu – Se a sala de aula é o coração da escola não seria importante observar aulas para saber o que lá se passa?

E2A – Essa análise é sempre feita pelos resultados que o professor tem com os alunos.

Eu – Então se a partir dessa análise dos resultados fossem detectados áreas sistematicamente frágeis como se faria para as melhorar?

E2A – Acho que os professores devem ser responsabilizados pelos resultados dos alunos.

Eu – Como deve ser feita essa responsabilização? Como alteramos o rumo dos acontecimentos?

E2A – Não lhe quero responder a isso porque a minha perspetiva é muito radical.

Eu – Ma é importante conhecermos a perspetiva das pessoas. Dispensava os professores é isso?

E2A – Sempre entendi a escola como uma organização e numa organização as pessoas também são responsáveis pelo que fazem. Mas isso tem que alterar toda a filosofia do ensino em termos de avaliação dos professores, os contratos dos professores, por isso é que eu lhe disse que não queria responder.

Eu – Então acha que é importante observar aulas?

E2A – Silêncio...a pensar

Eu – Pode ser observação pelos pares, pelo diretor...

E2A – Quando a escola deteta que há parâmetros menos bem conseguidos por algum grupo de professores deve fazer o acompanhamento desses professores, tem que haver dispositivos de acompanhamento.

Eu – Mas como é isso?

E2A – Pelos resultados, tem que ser obrigatoriamente pelos resultados.

Eu – Mas se o professor disser que a culpa não é dele mas sim do aluno que é indisciplinado e da família do aluno que não o apoia. Em suma, o professor é afinal um excelente professor?

E2A - Vamos lá a ver, se temos dentro de uma turma oito ou nove professores e se sistematicamente as coisas correm bem com seis ou sete e só mal com dois ou três, a culpa é desses três obrigatoriamente.

Eu – Mas como é que identificava o que esses professores estavam a fazer mal? Como detetava os pontos fracos desses professores?

E2A – Os pontos fracos do professor...continuo a dizer-lhe sempre a mesma coisa. Os resultados do professor.

Eu – Mas dava-lhe uma oportunidade e dizia-lhe que tinha que ir fazer formação ou simplesmente dispensava-o?

E2A – Tem que se fazer o acompanhamento do professor.

Eu – Então arranjava-lhe um supervisor pedagógico?

E2A – Por exemplo, não tenho dúvidas em relação a isso. Em vez dos coordenadores andarem para aqui a fazer papelinhos e termos tudo certinho, se acompanhassem os colegas com mais dificuldades...esse acompanhamento tem que ser feito, há com certeza pessoas dentro do grupo que tem que fazer o acompanhamento.

Eu – Acha que os professores estão preparados para esse tipo de trabalho?

E2A – Têm que estar. Aqui dentro desta escola há professores que não se importavam de assumir esse papel. Por exemplo no conselho geral já foram formadas comissões (uma para a disciplina/indisciplina outra para a qualidade de equipamentos e procedimentos e outra para acompanhar os projetos e documentos orientadores).

Eu – Sabe que a escola tem um observatório da qualidade há 12 anos?

E2A – Pois é capaz de ter.

Eu – Teve conhecimento do que disse o relatório da avaliação externa realizada pela IGE, em 2009?

E2A – Tive. Apontava para a autoavaliação como ponto fraco, muito fraco.

Eu – E a partir daí tem-se feito alguma coisa? Acha que há uma cultura de avaliação nesta escola?

E2A – Posso lhe responder de outra maneira. O observatório da qualidade apresentou o seu relatório este ano letivo e o conselho geral não aceitou esse relatório porque aquilo não é um relatório sobre a qualidade. Devemos produzir um relatório que reflita ou não a qualidade do agrupamento.

Eu – Porque é que o conselho geral não desenvolveu então iniciativas junto da direção para mudar o rumo das coisas?

E2A – O conselho geral propôs à senhora diretora determinados parâmetros para serem observados e virem a este conselho. O conselho geral está a orientar e a fazer a supervisão.

Eu – Considera importante a parte administrativa e financeira fazer parte das áreas a serem avaliadas pelo sistema de autoavaliação?

E2A – Não. Porque isso não tem a ver com professores e alunos.

Eu – E a questão pedagógica?

E2A – Há, isso sim. As questões administrativas têm que ter alguém que faça isso mas o fundamental é a parte pedagógica que deve ser avaliada. Os professores em vez de andarem a fazer de conta que têm uma sala de estudo, deveriam era ter tempo para preparar as aulas.

Eu – Acha que há partilha e reflexão entre os professores da escola?

E2A – Sim, sim, neste momento há uma maior preocupação com isso que tem que ver com a avaliação dos professores.

Eu – A avaliação dos professores deve ser feita pelos pares ou por alguém externo à escola?

E2A – À partida dir-lhe-ia pelos pares, mas à partida não é correto porque estamos a colocar a avaliar professores por outros que são concorrentes com eles. A avaliação dos professores é muito mais complexa porque comporta uma dimensão formativa e sumativa. A avaliação da escola é mais simples porque à partida deve ser apenas formativa.

Eu – Obrigado pela sua colaboração.

Entrevistado: E3A Dia: 16/11/2011 Hora: 11:30

Local: Escola A

Condições em que decorreu a entrevista: tranquilidade e sossego, entrevistador frente a frente com os entrevistados – entrevista em grupo

Eu – Como foi constituído o grupo de autoavaliação?

E3A1 – Fomos designados pela direção.

Eu – Foi então a direção que nomeou este grupo de trabalho?

E3A2 – Sim. Há dois anos o grupo era formado por 6 pessoas. Atualmente somos quatro pois é mais fácil termos horas em comum para trabalharmos e também porque um dos elementos do grupo inicial mudou de escola.

Eu – E continuaram o trabalho do grupo inicial?

E3A1 – Sim. O observatório tem uma lógica de continuidade.

Eu – É um grupo de autoavaliação ou é um grupo que faz parte do observatório da qualidade?

E3A1/2 – É um órgão que existe (observatório da qualidade) para fazer a avaliação quantitativa e qualitativa do sucesso da escola, tal como definido no projeto educativo.

Eu – Tiveram conhecimento do resultado da avaliação externa realizada pela IGE?

E3A2 – Sim, não foi boa, revelou algumas insuficiências.

Eu – São só professores que fazem parte deste grupo?

EA31 – Sim. São só professores que fazem parte do grupo do observatório.

Eu – Como foi divulgado o projeto aqui na escola?

E3A1 – Damos conhecimento ao conselho geral

Eu – Quem mais na escola conhece o trabalho que vocês estão a fazer?

E3A3 – Neste momento são produzidos relatórios que são enviados para a direção, para os coordenadores de departamento, para o presidente do conselho geral, para os coordenadores das áreas disciplinares e são discutidos tanto em conselho pedagógico como em conselho geral.

Eu – A avaliação é feita tendo por base algum quadro concetual? Como foram definidas por exemplo as áreas a avaliar?

E3A1 – Além da análise do sucesso quantitativo relacionado com o sucesso escolar dos alunos realizamos inquéritos para saber da qualidade dos serviços.

Eu – Mas seguem algum quadro concetual?

E3A3/A4 – Baseamo-nos na CAF.

Eu – Mas seguem rigorosamente a CAF?

E4A – Adaptamos a CAF.

Eu – Adaptam a CAF?

E3A1 – Sim, aquilo que a direção nos diz ou o conselho geral nos diz, aquilo que os órgãos de superintendência nos dizem é útil para a escola e temo-lo em consideração para as áreas a avaliar.

Eu – Mas estão a adaptar a CAF na totalidade ou partes da CAF?

E3A2 – Temos vindo a adaptar

Eu – Utilizam a escala de avaliação prevista na CAF?

E3A3 – Sim, sim, quando por exemplo estávamos a fazer os inquéritos.

Eu – Qual a escala utilizada atualmente nos inquéritos?

E3A3 – De 1 a 5.

Eu – Tentando perceber melhor. Analisam os resultados dos alunos com base nos resultados finais e para além disso aplicam questionários, é isto?

E3A2 – Sim, aplicamos questionários aos professores, ao pessoal não docente, aos encarregados de educação, aos alunos.

Eu – Por amostragem?

E3A1 – Por amostragem aos alunos e encarregados de educação e à totalidade dos professores e do pessoal não docente.

Eu – Esses questionários debruçam-se sobre o quê?

E3A2 – Então, sobre a qualidade dos serviços.

Eu – Que tipo de serviços?

E3A4 – Reprografia, bar, a qualidade das refeições, portaria, serviços de administração escolar.

Eu – Em síntese, do vosso sistema de autoavaliação constam dois elementos fundamentais: os questionários para satisfação dos serviços e uma análise dos resultados dos alunos tendo como suporte de apoio teórico a CAF?

E3A4 – Exactamente e depois fazemos a análise dos pontos fortes, fracos e a melhorar.

Eu – E a periodicidade dessa análise é anual?

E3A2 – Neste momento é de dois em dois anos. Estamos a melhorar os inquéritos neste momento para serem aplicados novamente no próximo ano letivo. A ideia é essa.

Eu – E quais são os objetivos dessa avaliação?

E3A2 – Tentar melhorar. Para já avaliar e depois tentar melhorar os pontos fracos.. Temos noção de que na escola há serviços que funcionam muito bem e outros que não. A reprografia por exemplo funciona muito bem.

Eu – As áreas a avaliar foram definidas por quem?

E3A3 – Foi a direção que nos solicitou. A diretora pediu os inquéritos, supervisionou.

Eu – Porque resolveram avaliar essas áreas e não outras?

E3A2 – Porque ela (diretora) disse-nos para avaliar a qualidade dos serviços. Pensámos nos serviços que a escola oferece e tentamos abranger o maior número possível.

Eu – Para vocês o que é uma escola de qualidade?

E3A1 – Uma escola de qualidade?

Eu – Sim.

E3A1 – Em que aspectos?

Eu – Como definem uma escola de qualidade, de um modo geral o que é que associam ao conceito de escola de qualidade?

E3A2 – É uma escola na qual todos os elementos se sentem motivados e felizes, e se sentem a trabalhar para um bem comum que é o sucesso dos alunos.

E3A1 – É uma escola em que os órgãos pedagógicos funcionam bem. A hierarquia está bem estabelecida. Sabemos qual é a atribuição do conselho pedagógico e do conselho geral. O conselho geral emite solicitações por exemplo em termos da nossa qualidade. Fê-lo agora com o nosso trabalho em termos do observatório da qualidade a pedido do presidente. Toda a gente sabe o seu papel, os órgãos funcionam bem. Exactamente (**E3A3**). Às vezes não funcionam idealmente. Os encarregados de educação como a gente gostaria, os funcionários, as estruturas de coordenação, as diretivas do conselho pedagógico. As hierarquias estão definidas, as funções estão bem definidas. Sabemos que temos que trabalhar para o sucesso dos alunos e em que moldes temos que o fazer. Depois temos a preocupação de fazer a avaliação do nosso trabalho. Mas temos a noção de que a avaliação da escola não foi a melhor. Por isso a direção nos diz que temos que melhorar. Mas nós também temos metas quantitativas definidas no projeto educativo da escola que temos de atingir.

Eu – Que principais dificuldades ou constrangimentos é que têm sentido ao longo do vosso trabalho?

E3A4 – O tempo. Temos de trabalhar em equipa e precisamos de tempo em comum livre.

Eu – Só isso?

E3A2 – E a formação, também precisávamos de formação nesta área.

Eu – Se iniciassem o processo agora o que é que mudavam? (risos)

E3A2 – A pergunta típica. Talvez não mudássemos nada. Temos vindo a evoluir. Temos vindo a melhorar o processo de recolha de informação.

Eu – Então quais foram as vossas principais aprendizagens?

E3A3 – As aprendizagens (risos)? É que a escola podia melhorar muito em termos de recolha de informação. Com grelhas que fomos pesquisar a outras escolas e projetos educativos de outras escolas que fomos pesquisar na internet, vimos que podíamos fazer outras coisas.

Eu – E outro tipo de aprendizagens mais práticas?

E3A2 – (risos). Nós neste órgão talvez tenhamos uma sensibilidade/conhecimento maior que o comum dos professores, digamos assim, sobre o sucesso global dos alunos. Agora temos essa noção mais clara.

Eu – E conseguiram identificar áreas passíveis de intervenção em face do vosso trabalho?

E3A2 – Não iria tão longe. O nosso objetivo para o observatório, o que nós conseguimos apontar é a níveis muito concretos, fatores que são particularmente críticos em termos de sucesso.

Eu – O que é isso de fatores críticos?

E3A1 – São factores que determinam o sucesso escolar. Por exemplo no 7.º ano temos oscilações, por força da influência da população escolar que não controlamos nesta zona. Por exemplo, por força dos alunos dos países africanos de língua oficial portuguesa que estão sempre a chegar o que nos afecta muito aqui. Há turmas do 7.º ano em que são todos ou quase todos alunos dos países africanos de língua oficial portuguesa. Também temos o problema dos 7.ºs anos que nos mandam para nós. Em parte devido à indisciplina, os 7.ºs anos são muito indisciplinados.

Eu – Quanto tempo demoraram neste processo de autoavaliação desde a definição das áreas a avaliar até ao relatório final?

E3A2 – Acho que fizemos perguntas a mais nos questionários, eram demasiado extensos. Demorámos seis meses até concluir o relatório que foi discutido no dia 22 de Julho passado com a direção.

Eu – Foi também presente ao conselho pedagógico e ao conselho geral?

E3A3 – Sim, vai tudo a conselho geral.

Eu – Acha que os resultados a que chegaram pode ajudar a mudar a atitude das pessoas?

E3A2 – Os resultados destinam-se a ser discutidos nos órgãos pedagógicos e daí extrairmos algumas conclusões, caso contrário não valia a pena estarmos a fazer isto. Ainda agora estamos a discutir se as estratégias devem ser alvo de um relatório à parte ou não.

Eu – Como é o processo de divulgação do relatório?

E3A4 – Vai primeiro à direção, depois ao conselho pedagógico e finalmente ao conselho geral. E o conselho geral tem uma palavra a dizer.

Eu – Existe algum tipo de ligação deste relatório com a avaliação externa realizada pela IGE?

E3A2 – Existe uma preocupação de relacionarmos com as metas do projeto educativo as conclusões do nosso relatório, e comparamos sempre com o ano anterior. Este ano até estamos a comparar os resultados dos últimos três anos.

Eu – Consideram mais importante a autoavaliação ou a avaliação externa?

E3A1 – Para o funcionamento da escola?

Eu – Sim.

E3A1 – Para nós é mais importante a autoavaliação. A autoavaliação é real e pode produzir orientações de estratégia educativa. Neste momento estamos a notar que os 10.ºs anos estão a piorar e temos que intervir com outras estratégias, eventualmente com outros apoios aos alunos.

Eu – Mas os professores de uma forma generalizada têm conhecimento dos resultados da autoavaliação?

E3A3 – Têm, através dos seus coordenadores e representantes das disciplinas, além dos coordenadores produzirem o seu próprio relatório de avaliação disciplina a disciplina que nos fazem chegar. Nesses são focadas as estratégias e os pontos fracos e fortes de cada ano e em relação a cada disciplina. Depois o nosso relatório reflete uma perspetiva global. É natural por exemplo que o grupo disciplinar de Físico Química não tenha a noção de que o 10.º ano tem vindo a piorar os resultados. Nós temo-la.

Eu – Na vossa opinião qual é a principal missão da escola?

E3A1 – Missão de uma escola? Da nossa escola está consignada no projeto educativo.

Eu – E o que está no papel corresponde à realidade?

E3A2 – O nosso objetivo é conseguir cidadãos preparados.

Eu – Como professores o que acham deve ser a principal missão da escola hoje em dia?

E3A3 – A escola?

Eu – Sim.

E3A2 – É preparar cidadãos para enfrentar um mundo dinâmico e em mudança.

Eu – Acham que a autoavaliação tem alguma relação com a qualidade?

E3A1 – Certamente.

Eu – Na vossa opinião quais os principais fatores que contribuem para que uma escola tenha qualidade?

E3A1/2/3/4 – (pausa – a pensarem). Há várias condicionantes. Temos que procurar o sucesso, temos que ter alguma estabilidade do corpo docente.

Eu – Mas como é que se consegue o sucesso?

E3A2 – Na nossa escola?

Eu – Sim.

E3A4 – Não é fácil no nosso caso. A escolha dos alunos não depende de nós o que nos condiciona fortemente, mas consegue-se com o empenhamento do corpo docente.

Eu – Então o principal papel é desempenhado pelos professores?

E3A2 – Sim, disso não temos muita dúvida. A escola funciona relativamente bem.

Eu – Consideram os professores o fator determinante e a seguir?

E3A1 – A orientação da direção e das estruturas pedagógicas é fundamental e os alunos também o são. Eu acho que os alunos também. Nós sabemos que os alunos começam a ser filtrados por nós.

Eu – Mas vocês filtram os alunos?

E3A1 – Filtrar é no sentido do percurso deles. Nós sabemos que os nossos alunos estão mal no 7.º ano e no 12.º ano estão muito melhor.

Eu – E qual é a percentagem dos que chegam ao 12.º ano?

E3A3 – É uma percentagem mais pequena em relação aquela que nós gostaríamos que fosse. É óbvio que temos a noção que não chegam ao 12.º ano os alunos que nós gostaríamos que chegassem.

Eu – Mas acham que a escola deve ser seletiva?

E3A4 – Nós não achamos isso, mas olhe temos por exemplo a escola secundária...onde eles selecionam os alunos.

Eu – Mas no vosso entender como professores e profissionais da educação quando é que eu posso afirmar em relação a uma escola que ela é de qualidade?

E3A2 – Mas é que há vários fatores.

Eu – E no vosso entendimento quais são?

E3A3 – Os professores e os alunos. Se os alunos não vierem com as competências básicas...

Eu – Mas vierem donde?

E3A4 – De outras escolas. Há sim, mas há alunos que até vêm da direção regional de educação.

Eu – Imaginem que eram diretores e eram vocês que orientavam a escola. Como faziam e agiam para a escola ter qualidade?

E3A2 – Para haver qualidade tem de haver sucesso dos alunos.

Eu – E o que é isso de sucesso?

E3A1 – É conseguirmos uma percentagem elevada de alunos que acabem o 3.º ciclo.

Eu – E o que faziam para que isso acontecesse?

E3A2 – É pormos os alunos, os professores e as estruturas intermédias a funcionarem. Como professores não temos visto isso na qualidade dos alunos que nos chegam.

Eu – Então diriam que o principal papel cabe ao professor?

E3A1 – Sem dúvida nenhuma.

Eu – Nesse caso onde está o coração da escola?

E3A3 – O que é que faz pulsar a nossa escola?

Eu – Sim, o que é que é determinante na escola?

E3A2 – O corpo docente e a organização dos seus serviços.

Eu – E onde é que os professores geralmente atuam?

E3A4 – Onde é que nós atuamos?

Eu – Sim, em que local da escola?

E3A4 – Atuamos diretamente com os alunos.

Eu – Onde?

E3A2 – Diretamente com eles na sala de aula. Na sala de aula.

Eu – Será que poderemos dizer que o coração da escola é a sala de aula?

E3A1 – Não é o coração de todas as escolas a sala de aula?

Eu – O que é que acham?

E3A2 – Eu acho que é o coração de todas as escolas. É lá que se dão as aprendizagens a todos os níveis.

Eu – Então vocês acham que o coração da escola é a sala de aula e que o fator decisivo para a qualidade da escola é a ação dos professores. Onde está no vosso sistema de avaliação a sala de aula?

E3A3 – A sala de aula são os resultados que os alunos obtêm. É refletido pelos resultados.

Eu – Então a avaliação dos professores está ligada aos resultados.

E3A4 – Também.

Eu – Imaginem que chegam à conclusão que existe algum problema em algumas áreas disciplinares, o que fazem em concreto?

E3A2 – Tentamos arranjar estratégias que nós achamos que vão trazer melhorias. A própria escola tomou a decisão de pedir a adesão aos territórios educativos de intervenção prioritária tendo a noção de que tem problemas de disciplina e socioeconómicas devido ao meio social e económico em que está inserida. A escola integrou-se conscientemente neste projeto.

Eu – Vocês não identificam professores com problemas, identificam disciplinas com problemas?

E3A4 – Nós sabemos bem, temos a noção quantitativa de quais são as disciplinas de sucesso. Às vezes depende da especificidade da disciplina e não do professor.

Eu – Então não há possibilidade de melhorar os resultados?

E3A2 – Há sim. Damos conhecimento às estruturas pedagógicas do problema que é detetado.

Eu – Há algum plano gradual de melhoria?

E3A1 – Não há mas é tudo assinalado. Nós no relatório colocamos os pontos a melhorar.

Eu – E quem é que vai melhorar esse pontos fracos?

E3A2 – A direção na parte organizativa e na parte pedagógica os professores e as estruturas intermédias.

Eu – Mas não há um plano gradual de melhoria?

E3A4 – Não diretamente, isso é verdade. Então deveria haver um grupo de trabalho?

Eu – Gostaria de saber a vossa opinião.

E3A1 – Eu por acaso já tinha colocado essa questão, lembram-se? Eu acho que deveria haver. Mas se está a perguntar se existe um grupo de trabalho que vai pegar no que o observatório diz e para o ano vai melhorar, não, não existe. Na escola não funcionamos assim. Mas é analisado na escola.

Eu – Acham que do grupo de trabalho da autoavaliação deveria fazer parte algum elemento da comunidade educativa que não fosse professor?

E3A2 – Eu acho que isso era importantíssimo. Sempre fui dessa opinião. Não sei se era fácil operacionalizar. Eu acho que era fundamental, sempre fui dessa opinião, porque têm outra visão. Não têm só a nossa visão como professores. Mas também é preciso dizer que não há um enquadramento.

Eu – Há uma cultura de avaliação na escola?

E3A1 – Há. Há no sentido de nós reconhecermos que temos que melhorar e qualificar o nosso sucesso. Aqui há a cultura de saber que temos e devemos melhorar. Mas aqui não temos uma tradição de participação dos pais como noutras escolas. Os pais até são chamados. Mas há muitos defeitos na nossa escola que estão a montante e nós não conseguimos intervir sobre isso. Por exemplo nos planos curriculares de turma verifiquei que a maior parte dos encarregados de educação só tem o 1.º ciclo.

Eu – Mas como sabem há escolas em contextos mais desfavorecidos que obtêm melhores resultados que escolas com contextos mais favoráveis.

E3A4 – Aqui temos os clubes e oficinas de línguas estrangeiras, temos o clube europeu que também funciona muito bem.

Eu – Pensam que era importante haver observação de aulas?

E3A4 – Por quem? Por entidades externas?

Eu – Pelos pares ao nível dos departamentos.

E3A3 – Fora do processo de avaliação dos professores?

Eu – Sim, por exemplo no contexto da autoavaliação da escola.

E3A2 – Sim, por exemplo no âmbito dos territórios educativos de intervenção prioritária temos a figura do par pedagógico que é uma colega que observa como damos as aulas.

Eu – E então? Sente-se mal por isso?

E3A2 – Não se calhar até gosto. Ela é mais nova do que eu.

Eu – Então acha que era importante observar aulas?

E3A2 – Eu acho importante. Eu há anos fui ver como isso era feito noutros países. Tive essa possibilidade nos Estados Unidos e sei que há estados que adotam a observação sistemática de aulas inclusive filmando.

Eu – Acham que esta escola está preparada para isso?

EA31 – Provavelmente não estará. Não será fácil coordenar isso. Acho que até grande parte dos professores estão recetivos. Se está a dizer os mais velhos com mais

experiência com mais experiência pedagógica observar os mais novos talvez não haja muito apetência para isso aqui.

Eu – Os mais velhos estão cansados?

E3A2 – Não é uma questão de estarem cansados. Nota-se uma maior renitência o que é natural pelos professores envolvidos.

Eu – Pensam que o vosso trabalho no observatório é levado a efeito por ser um imperativo legal, porque é uma necessidade sentida pelas pessoas ou é apenas um simbolismo?

E3A1 – Não creio que a atitude da direção seja apenas um simbolismo. O trabalho é esmiuçado no conselho geralnenalguns coordenadores de departamento questionam-nos sobre o significado de algumas coisas que constam do relatório. Há preocupação de se entender o que produzimos e pelas suas conclusões no sentido de melhorar e há apoio e abertura da direção.

Eu – Pela vossa experiência e para o trabalho funcionar melhor que condições precisavam?

E3A3 – Mais tempo.

Eu – E formação?

E3A4 – É evidente. Gostaria de conhecer melhor a CAF, entrar a fundo na CAF.

Eu – Basearam o vosso trabalho na experiência acumulada, com base na intuição, no saber acumulado?

E3A1 – Tivemos o cuidado de ir ver o que é que algumas escolas produziam. Nós trabalhamos em casa e através de mail uns com os outros.

Eu – Então há uma cultura de avaliação disseminada por toda a escola?

E3A2 – Ela é imposta de cima pela direção como eu acho que tem que ser. Alguém terá que impor. A direção comunicou a toda a comunidade escolar através de circulares e afixando avisos na sala de professores. Posso-lhe dizer que quando estive cá há 12 anos e agora, noto muito mais preocupação agora com o sucesso dos alunos.

Eu – E acha que isso acontece porquê?

E3A2 – Em parte por imperativo legal mas não só. Há mais preocupação por parte da diretora e subdiretora que são as mesmas. Há maior acompanhamento da direção em relação ao trabalho que temos vindo a fazer.

Eu – Obrigado pela vossa colaboração.

Entrevistado: E4A Dia: 15/11/2011 Hora: 12:40

Local: Escola A

Condições em que decorreu a entrevista: tranquilidade e sossego, entrevistador frente a frente com a entrevistada

Eu – O que é para si uma escola de qualidade?

E4A – É a que tem todas as condições para os alunos e para os professores. Condições humanas basicamente.

Eu – Quais os fatores importantes na escola para que isso se verifique?

E4A – Eu acho que somos todos. A comunidade escolar não pode viver sem alunos, os alunos não podem viver sem nós e sem os professores.

Eu – Como podemos então afirmar em relação a uma escola – Aquela escola é uma escola de qualidade?

E4A – É uma escola que reúne todas as condições humanas e outras.

Eu – O que é que entende por condição humana?

E4A – Bons professores e bons funcionários. Não quer dizer que sejam os melhores.

Eu – O que é para si um bom professor?

E4A – É um professor que entra na sala de aula, impõe respeito e os alunos não lhe faltam ao respeito. Atualmente não está a acontecer muito isso. Muitos professores não têm mão nos alunos. Não conseguem controlar a disciplina dentro da sala de aula. Os alunos fazem muito barulho. Os professores não se conseguem ouvir dentro da sala de aula. Ouvem-se mais os alunos. Mas isso também é das leis. Porque é assim se um aluno é posto na rua por qualquer motivo, ele (professor) não lhe pode levantar a voz, porque é assim.

Eu – Estando aqui há mais de vinte anos quais são as alterações mais significativas que tem presenciado?

E4A – Principalmente essa parte. A falta de respeito dos alunos essencialmente.

Eu – Qual é na sua opinião a principal função/missão da escola?

E4A – Se pudesse era castigar mais os alunos.

Eu – Dito de outro modo para que é que acha que a escola existe?

E4A – Existe para os alunos poderem ter uma parte de educação e ensinarem-lhe. Mas os professores aqui não conseguem.

Eu – Os professores aqui não conseguem ensinar?

E4A – Coitados estão baseados nesta lei que há, não se pode castigar muito os meninos eles depois podem ficar afetados.

Eu - E neste últimos vinte anos que mudanças houve na estrutura física da escola? Nas salas de aula?

E4A – Eu estava num pavilhão e não se ouvia a voz de um aluno a falar, só se ouvia a voz do professor. Os alunos não saiam de cinco em cinco minutos para ir à casa de banho, não saiam. Havia salas em que parecia que nem tinham estado lá turmas em termos de limpeza. A sala ficava limpa não é a porcaria que se vê agora. Deixam as salas imundas. O que o professor dissesse era sagrado. Cumpria-se e agora não. Não sei se é por causa das leis. As leis agora são diferentes. Tinham mais força, agora não.

Eu – Acha então que é por culpa das leis?

E4A – Eu acho que é porque nós às vezes vamos à direção levamos uma participação feita por nós..

Eu – Quem participa de quem?

E4A – Nós dos alunos. Eles no recreio têm muitos problemas connosco. Se calhar até têm mais problemas cá fora do que lá dentro.

Eu – Porquê?

E4A – Entram no pavilhão aos gritos. Dizemos-lhe para se calarem e respondem: calo-me agora, calo-me agora. Eles faltam-nos ao respeito. Dizem logo que vá mandar calar não sei quem. Ao fim de não sei quantas participações é que vão para casa. Enquantam esperam e não esperam vão sendo malcriados porque acham que não lhes acontece nada. Os miúdos atualmente acham que são inatingíveis.

Eu – Mas a escola não costuma atuar nesses casos?

E4A – Sim, sim. Às vezes até vamos ler os avisos às salas a dizer as penas que foram aplicadas. A diretora às vezes coitada tem semanas e semanas que não faz outra coisa senão aplicar castigos. Mas o aluno não pode ser expulso da escola. Os pais são chamados e não aparecem. Os miúdos vão e vêm e nós quase não conhecemos os pais.

Eu – Para si quais são os pontos fortes da escola?

E4A – Tirando a indisciplina os professores aqui até se esforçam e nós também. O ponto forte é a direção que nós temos. Eles até têm tentado. A diretora se não faz mais é porque não pode. Diz que tem que cumprir as leis. Eles são humanos e tentam fazer o melhor que podem, mas é o sistema.

Eu – Se fosse diretora o que faria para a escola ser melhor?

E4A – Não podia fazer mais por causa das leis.

Eu – Mas como é que sabe isso das leis?

E4A – Mas é verdade.

Eu – Faz parte de alguma estrutura/órgão aqui na escola?

E4A – Não, mas já fiz parte da assembleia de escola e sabia das leis. Tinha que se fazer assim porque tinha que se cumprir.

Eu – Os funcionários participam em algum órgão da escola?

E4A – No conselho geral e no conselho pedagógico.

Eu – Recorda-se de alguns questionários relacionados com a autoavaliação da escola?

E4A – Sim, quando foi do observatório da qualidade.

Eu – E o que perguntavam os questionários?

E4A – Vários aspetos a nível de condições humanas e se nós concordávamos com os horários e as condições que nós tínhamos. Basicamente era isso.

Eu – A nível da avaliação da escola o que é que conhece? O que é que ouviu falar?

E4A – A avaliação da escola em geral?

Eu – Sim. Tem conhecimento por exemplo de algum sistemas de autoavaliação?

E4A – Agora ainda não tivemos. Uma colega nossa que está no conselho geral é que trata disso. Às vezes falamos. Se calhar com ela é que deveria ter sido esta entrevista e temos outra colega no conselho pedagógico.

Eu – Acha que é importante ter lá esses representantes no conselho pedagógico e no conselho geral?

E4A – Acho que sim.

Eu – Vocês dão sugestões de melhoria?

E4A – Sim, às vezes a própria direção pergunta a opinião sobre o que vão fazer e nós damos a nossa opinião.

Eu – E que tipo de sugestões dão?

E4A – Sobre o funcionamento dos pavilhões, as horas dos funcionários.

Eu – Os funcionários aqui faltam muito?

E4A – Não, não. Não temos esse problemas. Se faltarem também lhes descontam e eles não podem faltar muito. Aqui não temos esse problema.

Eu – A maioria dos funcionários gosta do que faz?

E4A – Pode haver um ou outro que não, mas no geral sim.

Eu – Mas o representante dos alunos disse-me que os funcionários geralmente estão com má cara e estão sempre a ameaçá-los?

E4A - ! Nós podemos é ser poucos. Quando vim para esta escola cada pavilhão tinha quatro pessoas, agora temos horas em que está uma pessoa por pavilhão. Se um alunos se porta mal e o professor pede para levar o aluno à sala de estudo o pavilhão fica sem ninguém. Mesmo assim já estivemos muito pior.

Eu – Voltando ao princípio, acha que esta escola é uma escola de qualidade?

E4A – Sim.

Eu – Porquê? Numa escala de 1 a 10 como classificava esta escola?

E4A – Tirando as instalações que estão muito foleiras dava um 8.

Eu – Porquê?

E4A – Porque as pessoas que cá estão são boas. Gostam de trabalhar.

Eu – As pessoas são boas mas parece que os alunos não aprendem?

E4A – Mas eles não aprendem porque não querem. Tem as salas de estudo, os alunos podem aproveitar mas não aproveitam. Os professores que vão para a sala de estudo chegam a estar à espera que lhe apareçam alunos mas não aparece ninguém. Os professores queixam-se muito disso.

Eu – A sala de estudo é em regime de voluntariado?

E4A – Sim, sim. Os alunos só vão lá se quiserem. Nos apoios em que os alunos são obrigados a ir eles também não vão. O aluno pode aproveitar o apoio e fica na rua.

Eu – Aqui há clubes de enriquecimento curricular?

E4A – Há. Este ano temos três clubes.

Eu – Então os professores estão a ser mal aproveitados?

E4A – Pois são. Quer dizer os alunos é que não aproveitam. O de música tem muita afluência.

Eu – Se compreendi bem o fator mais importante para a escola ter qualidade são as pessoas, incluindo a direção, pessoal docente e pessoal não docente?

E4A – É isso.

Eu – Tem filhos na escola?

E4A – Nesta não mas já tive. Agora está noutra.

Eu – Acha importante haver sistemas para avaliar as escolas?

E4A – Acho que sim. Todas as escolas e toda a gente deviam ser avaliados

Eu – E a escola deve avaliar-se a si própria ou deve haver uma avaliação externa?

E4A – Deve vir alguém de fora.

Eu – Porquê?

E4A – Acho que é mais fiável. As pessoas aqui até têm boa vontade, têm bons professores.

Eu – Então para a escola melhorar é mais importante haver uma autoavaliação ou vir alguém de fora fazer essa avaliação?

E4A – Acho que de fora era melhor.

Eu – Porquê?

E4A – Porque as pessoas podem estar a avaliar cá dentro e as pessoas dizerem que são todas amigas, estão todas feitas umas com as outras.

Eu – Acha que essa avaliação deveria ser divulgada às pessoas?

E4A – Acho que sim. Se houvesse alguma coisa que não estivesse bem a gente depois melhorava.

Eu – Essas pessoas de fora que viriam avaliar que áreas deveriam analisar/verificar?

E4A – Tudo, era tudo.

Eu – Explícite mais por favor

E4A – Professores, funcionários, alunos.

Eu – Acha que era importante observarem as aulas dos professores?

E4A – Acho que sim, acho que sim. Nem tinham aqui problemas nisso e a escola nem estava contra isso. Eu a nível do pessoal não docente estou mais à vontade para falar. Tivemos até agora muito trabalho como funcionários. Nós temos que limpar as salas. Sei que há escolas que não limpam. Só tomam conta de meninos. Nós limpamos tudo e eu às vezes pedia às pessoas para fazerem um pouco mais de tempo e nunca ninguém se importou e ninguém lhes pagou mais por isso.

Eu – Gostava de fazer parte de um grupo para avaliar a escola?

E4A – Gostava. Não me importava. Porque não?

Eu – Se esse grupo de avaliação fosse interno que áreas acha deveriam ser avaliadas?

E4A – A maior parte dos problemas dá-se porque os alunos deveriam estar dentro das aulas e não estão. É esse o problema com que nos debatemos aqui mais.

Eu – Se quiser faltar fica no pátio é isso?

E4A – Sim. Ninguém vem buscá-los.

Eu – Conhece o regulamento interno da escola?

E4A – Sim, sim, conheço.

Eu – Como teve conhecimento dele?

E4A – A diretora fez questão de colocar na nossa sala par nós vermos se quiséssemos.

Eu – Costuma consultar a página da internet da escola?

- E4A** – Não, por acaso não. Eu acho que aqui as pessoas até se esforçam bastante.
- Eu** – A que acha que a escola deveria divulgar os dados da avaliação?
- E4A** – A toda a gente.
- Eu** – E de que modo?
- E4A** – Acho que na internet era uma boa ideia.
- Eu** – Os funcionários têm alguma ideia dos resultados que os alunos obtêm?
- E4A** – Não. Só no final do ano temos curiosidade e vamos ver as listas que saem dos alunos. Quem tem interesse em saber vai consultar.
- Eu** – Os funcionários costumam fazer formação?
- E4A** – Sim, sim.
- Eu** – Onde?
- E4A** – Nos centros de formação.
- Eu** – Em que áreas?
- E4A** – Disciplina/Indisciplina; como atuar no bar e refeitório; higiene e segurança.
- Eu** – Se pudesse mudar alguma coisa na escola para ela melhorar o que é que mudava?
- E4A** – Mudava a lei. A das faltas dos alunos para eles não faltarem quando querem e lhes apetece.
- Eu** – Mudava o estatuto dos alunos?
- E4A** – Sim. Principalmente a nível das faltas.
- Eu** – O que é que mudava?
- E4A** – Como era no meu tempo. Se faltassem demais iam para casa, reprovavam. No meu tempo era assim e nós aprendíamos.
- Eu** – Está a dizer-me que há uma boa parte dos alunos que vem à escola mas não vai às aulas?
- E4A** – Sim. Andam cá fora porque têm que comer.
- Eu** – Vêm à escola para comer?
- E4A** – Sim, para irem ao bar e ao refeitório. Andam aí sem interesse.
- Eu** – Vê alguma forma de aumentar esse interesse?
- E4A** – Não sei, não faço ideia. Tem que haver forma para isso. Eu no meu tempo por exemplo não tinha as ocupações que os alunos agora têm. Aqui têm e não aproveitam.
- Eu** – Há aqui uma sala onde os alunos possam estar e investigar na internet?
- E4A** – Sim, na ludoteca. Mas só quando têm que fazer um trabalho de casa e não têm computador em casa. Utilizam pouco os computadores. Eles gostam é de estar nos jogos

e noutras coisas que não interessam muito. As condições que têm não aproveitam para estudar. Há muito desinteresse.

Eu – Obrigado pela sua colaboração.

Entrevistado: E5A Dia: 17/11/2011 Hora: 11:00

Local: Escola A

Condições em que decorreu a entrevista: tranquilidade e sossego, entrevistador frente a frente com a entrevistada

Eu – Reparei que criou um observatório da qualidade há 12 anos atrás pode-se saber porquê?

E5A – Porque queria saber como é que os serviços estavam a correr. A nível interno e no que concerne ao sucesso dos alunos para apoiar os grupos disciplinares a fazer uma reflexão para saber como correm as coisas e para acertar estratégias.

Eu – Mas porquê observatório da qualidade? Inspirou-se em alguma coisa?

E5A – Não, apenas daquilo que se ia ouvindo. Para haver um grupo para apoiar a reflexão dos grupos disciplinares pois estes podem ter tendência para analisar os resultados de forma enviesada embora fizessem sempre a análise pelos resultados. Na altura não se falava nisso, agora sim, mas sempre houve preocupação de tomar medidas para elevar o sucesso dos alunos. Entendi por seminários e reuniões fui tendo ao longo da carreira que já tem alguns anos, que era bom haver um grupo que se debruçasse sobre a avaliação para sabermos pois é uma coisa que interessa a todas as escolas. Precisamos de ter sucesso e de saber quando não temos o que é que havemos de fazer para melhorar. Precisamos também de saber nos diversos serviços se as pessoas estão contentes ou não. Nesta autoavaliação que fizeram foram ouvir toda a gente mas a direção não foi ouvida não sei porquê.

Eu – A inspeção esteve cá em 2009 a fazer a avaliação externa. Qual a sua opinião sobre essa avaliação?

E5A – Sempre se aprende alguma coisa.

Eu – Foi útil em alguma coisa?

E5A – Sempre foi útil em algo.

Eu – Acha que deve haver avaliação externa?

E5A – Sim

Eu - Realizada pela IGE ou por uma outra entidade?

E5A – Tanto faz. A IGE vem ver como a escola funciona mas depois não aconselha, não deve limitar-se a dizer o que está mal.

Eu – Acha que o relatório da avaliação externa da IGE foi útil?

E5A – Foi útil mas acho que deveriam fazer mais considerações. Apontam os pontos fortes e fracos o que é útil pois assim sabemos o que funciona bem e menos bem. Depois podemos fazer o contraditório. Às vezes não vêem bem a situação. São poucos dias.

Eu – Para avaliar as escolas deve haver apenas autoavaliação, avaliação externa ou ambas?

E5A – Para mim tem que haver uma autoavaliação e quanto à externa não tenho nada contra isso. Defendo as duas. Autoavaliação porque a escola tem que se autoavaliar e a externa porque a visão de fora também é bom para ver se estamos viciados ou não.

Eu – Qual acha que é a mais importante?

E5A – A autoavaliação.

Eu – Qual acha a mais fiável e rigorosa?

E5A – Risos...Quer dizer a autoavaliação se for feita seriamente e por um grupo de várias áreas disciplinares em princípio é fiável. De fora às vezes pode-se é correr o risco de não conhecer as áreas e estruturas de uma escola. Ainda pensei em pedir à universidade de Aveiro na altura mas pediram-me muito dinheiro e a escola precisa de dinheiro para várias outras áreas e portanto foi ficando para trás. Às vezes não sei se estão bem dentro da organização da escola. Podem julgar que isto é uma empresa mas não é uma empresa privada. É uma organização. Agora os dinheiros que se movimentam, o pessoal que tem, mas tem um cariz diferente, não é essa a finalidade.

Eu – O que é para si uma escola de qualidade?

E5A – É aquilo que todos nós queremos. Para já como a escola existe por causa dos alunos, é aquela em que os alunos tenham cada vez mais sucesso. Infelizmente o que se está a verificar é o contrário.

Eu – E o que é o sucesso para si?

E5A – Nós traçamos uma metas como agora se diz mas temos que ter em atenção a população escolar que temos. Eu gostaria concerteza que acabassem 95%, mas temos que olhar ao tipo de população. Temos muitos alunos com grandes dificuldades. Pedir 95% de sucesso para a população que temos é utopia. Daí se fixar objetivos mais realistas.

Eu – Quando ouve dizer relativamente a uma escola que ela é de qualidade o que lhe vem à cabeça?

E5A – Ai que pena não ter também aquele tipo de alunos (risos).

Eu – Resumindo para si uma escola de qualidade é

E5A – Pronto, para mim é aquela em que os alunos saiam bem preparados, que tem o máximo possível de sucesso e em que os serviços funcionam bem e tem todas as condições para os alunos, professores e funcionários que aqui trabalham. A minha luta pela requalificação da escola é para ver se finalmente temos equipamentos, computadores, tudo equipado para que o professor possa rentabilizar mais o seu trabalho e os alunos também facilitem e os funcionários tenham condições agradáveis.

Eu – Quais são então os fatores determinantes numa escola para ela ter qualidade?

E5A – Para já estar bem equipada.

Eu – Em primeiro lugar vêm os equipamentos?

E5A – Quer dizer...ter bons professores para transmitir..que se empenhem nas tarefas.

Eu – Como diretora com uma longa experiência e se tivesse maior autonomia o que queria ter e não tem?

E5A – Agora vou ter uma escola nova com equipamentos. Com a população escolar que tenho em que constantemente estão a chegar alunos vindos dos Países Africanos de Língua Portuguesa e de outros sítios, queria que nos fosse permitido criar o ano zero. Para esse alunos que vem de um sistema educativo diferente, que não dominam a língua e concerteza que iriam render mais no ano seguinte e não iriam prejudicar turmas onde estão integrados.

Eu – Precisava então de maior autonomia na organização das turmas?

E5A – Das turmas sim. Dos horários isso consegue fazer-se. Como é que podemos ter turmas de vinte e oito alunos com este tipo de alunos? Estes alunos deveriam ter possibilidades de uma melhor integração.

Eu – Se as obras de requalificação da escola já estivessem concluídas e tivesse essa autonomia na constituição das turmas, teria maior qualidade na escola?

E5A – Para mim o fator que privilegio é os alunos.

Eu – É a matéria prima? Pode-se fazer essa analogia?

E5A – Matéria prima humana sim.

Eu – E o papel dos professores?

E5A – É evidente que eles têm que se dedicar mas isso aí eu não ponho em causa. Acima de tudo eu sou professora e parto sempre do princípio que eles são competentes. E na escola quando se tem um quadro estável isso também é importante.

Eu – Em relação ao processo de autoavaliação e ao observatório da qualidade que aprendizagens/experiências é que retirado?

E5A – É difícil responder...

Eu – O que faria diferente, que aprendizagens teve desde que o grupo se constituiu?

E5A – Tinha dado mais tempo aos membros da equipa de autoavaliação se tivesse tempo disponível para lhe dar. A dimensão do grupo ideal é de quatro pessoas. Se calhar deveria haver alguém do pessoal não docente no grupo.

Eu – O presidente do conselho geral disse-me que se calhar esta iniciativa da autoavaliação deveria ser feita no âmbito daquele órgão e deveria englobar mais pessoas. O que pensa sobre isto?

E5A – Isso até era ótimo eles terem esse trabalho. Não é só fiscalizarem. Mas se eles vão fiscalizar como é que saía de lá o grupo?

Eu – Acha então que deve ser uma iniciativa da direção?

E5A – Sim para mim deve ser da direção.

Eu – Onde é que acham deveriam ser debatidos e analisados os resultados da autoavaliação?

E5A – No conselho pedagógico como foi e depois no conselho geral.

Eu – Do relatório produzido que conclusões/consequências retirou?

E5A – Que são necessárias medidas para combater a indisciplina.

Eu – Se fosse a Dr.^a a avaliar que áreas acharia importantes serem verificadas na escola?

E5A – O sucesso dos alunos para saber o aproveitamento; ouvir os professores e funcionários sobre os problemas da disciplina dentro e fora da sala de aula, porque nós não podemos andar fora do gabinete sempre. Até porque cada vez temos mais burocracia com a qual perdemos muito tempo.

Eu – Disciplina/Indisciplina...

E5A – Aí está. Por os termos ouvido nesse campo é que resolvemos avançar com os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária para melhorar a indisciplina.

Eu – Então para si qual é o coração da escola?

E5A – O coração da escola são os alunos.

Eu – E a principal missão da escola?

E5A – É formar os alunos como cidadãos.

Eu – E onde acontece essa formação aqui na escola?

E5A – Dentro da sala de aula também.

Eu – Onde ocupam os alunos a maior parte do seu tempo na escola?

E5A – Infelizmente com as aulas pois têm um currículo muito grande.

Eu – Então o que pensa do coração da escola ser a sala de aula?

E5A – Pois é, é onde passa mais tempo.

Eu – E como é que sabe o que se passa lá dentro?

E5A – Porque os professores têm que transmitir. Quando se lê as atas dos conselhos de turma, das reuniões intercalares, verificamos lá que determinadas turmas são perturbadoras. Então como é que vou combater isso? Temos que ter técnicos mediadores, assistentes sociais, psicólogos, daí termos tido a ideia dos territórios educativos de intervenção prioritária. Isto sucede em geral por falta de apoio das famílias. Não têm atitudes, não têm valores, isso reflete-se nas suas atitudes insolentes, não respeitam o professor. Felizmente até agora não houve agressões físicas mas houve agressões verbais. Tudo isto porque há um desinteresse total desses alunos. Eles até gostam de vir à escola mas para conviver não para aprender.

Eu – No seu entender quais são os pontos fortes e fracos da escola?

E5A – Fortes são os professores que tem. Felizmente tenho bons professores. Fracos é a indisciplina.

Eu – Em termos percentuais como diria ser a percentagem de bons professores?

E5A – 75% a 80% para aí.

Eu – E o que faz aos outros 20% a 25% que não são bons professores? Como melhora a prestação deles? É intuitiva essa avaliação?

E5A – A pessoa vê aquele professor que se dedica no conjunto geral não é só na sala de aula. Vê-se a maneira como se disponibiliza para estar com os alunos por exemplo nos espaços de apoio. E há professores que não fazem isso.

Eu – Mas vocês fazem observação de aulas?

E5A – Não. Só se pedirem para ir observar aulas.

Eu – Mas para perceber se o professor é bom verifica os resultados dos alunos?

E5A – Sim, pelos resultados e pelo condução e empenho para além da sala de aula. Há professores que dão boas aulas mas depois desligam enquanto outros empenham-se. Costumamos até dizer que é por carolice.

Eu – Se tivesse maior autonomia dispensava os professores que não consideram bons ou mandava-os para formação?

E5A – Para a formação coitados. Para a rua, para o desemprego, não.

Eu – Acha que era importante haver observação de aulas como estratégia de melhoria?

E5A – Alguns se calhar precisavam para ver se melhoravam. Mas isso são casos esporádicos que costume ter conhecimento. E já assisti a aulas de dois professores.

Eu – O presidente do conselho geral disse-me que as horas de coordenação deveriam ser utilizadas para fazer acompanhamento e supervisão a esses professores com problemas. O que pensa disto?

E5A – Mas isso o coordenador de departamento e os coordenadores das áreas disciplinares têm que fazer como parte das suas funções. Têm essas regras de lhes dar apoio. Assistir a aulas não temos esse hábito. Só houve dois casos onde cheguei a essa conclusão. Ouvi encarregados de educação e alunos e disse tenho que ver como é que o colega está a dar as aulas.

Eu – Pediu para assistir como fez?

E5A – disse que ia lá assistir às aulas. Se às vezes vou às aulas porque me chamam por causa de alunos que estão a ter comportamentos incorretos, também disse porque não ir lá. Mas avisei o professor para não ir lá de repente.

Eu – Acredita que a autoavaliação é importante para a melhoria da escola?

E5A – Sim.

Eu – E as áreas a avaliar são na sua opinião a disciplina/indisciplina e a satisfação das pessoas relativamente aos serviços?

E5A – Sim.

Eu – A autoavaliação deve ser complementada com a avaliação externa?

E5A – Sim, para se cruzarem os olhares.

Eu – Onde e como devem ser divulgados os resultados da autoavaliação?

E5A – Na própria escola. Toda a comunidade deve saber.

Eu – Devem colocar-se os resultados na página da internet da escola ou deve ficar apenas no domínio do conhecimento do conselho pedagógico e do conselho geral?

E5A – Para além do conselho geral e do conselho pedagógico também não há problema nenhum em divulgar aos pais, famílias e funcionários.

Eu – O que deve fazer-se com os resultados?

E5A – Devem melhorar-se os pontos fracos.

Eu – Em sua opinião qual deve ser o ciclo da autoavaliação?

E5A – Nós não temos muito tempo para ler sobre estas coisas. Gostava de lhe perguntar a si. Nós agora vimos com os inquéritos alguns pontos fortes e fracos. Em relação a alguns pontos fracos até nem concordo porque as pessoas não têm os dados todos. Por isso vamos tentar traçar agora o plano de melhoria.

Eu – Comente por favor o seguinte: há quem diga que alguém que tivesse morrido há 200 anos atrás e ressuscitasse, ficaria muito surpreendido com a evolução que o mundo sofreu mas se entrasse numa escola e numa sala de aula talvez que a diferença não fosse assim tão grande (a disposição das carteiras, o sistema de classes...)

E5A – Em relação aos alunos as coisas são diferentes.

Eu – Então a grande diferença é os alunos?

E5A – Nas tecnologias de informação e comunicação também melhorou, o que ajuda e facilita o trabalho com os alunos, não sei se se ajuda as famílias.

Eu – Obrigado pela sua colaboração.

Entrevistado: E6A Dia: 14/12/2011 Hora: 16:30

Local: Escola A

Condições em que decorreu a entrevista: tranquilidade e sossego, entrevistador frente a frente com o entrevistado

Eu – O que é para si uma escola de qualidade?

E6A – Essencialmente é uma escola limpa. Quando digo limpa digo no sentido de haver uma orientação, ou seja, os alunos serem bem inseridos nessa escola, terem conhecimento dos seus direitos e deveres, terem professores que os orientam bem e fazer com que esses mesmos alunos sintam a escola em si.

Eu – Quando houve falar na comunicação social, jornais, televisão que uma determinada escola é de qualidade o que é que associa a essa escola?

E6A – Muito sinceramente parto do princípio que será o ambiente escolar ou seja, os alunos são oriundos de um estrato socioeconómico favorável, os professores estão bem inseridos, os pais são pais interessados e acompanham o ensino dos educandos.

Eu – As escolas para si são todas semelhantes?

E6A – Não. São diferentes.

Eu – Acredita que as escolas podem fazer a diferença na vida dos alunos?

E6A – Sim.

Eu – Se as escolas são diferentes provavelmente umas serão melhores que outras?

E6A – Isso são com certeza.

Eu – Então o que é que acha que faz a diferença na qualidade das escolas?

E6A – A área onde estão inseridas. Isso essencialmente.

Eu – Está-se a referir ao meio socioeconómico?

E6A – Sim.

Eu – Acha que um aluno pobre, oriundo de um meio socioeconómico mais desfavorecido não pode ser bem sucedido na escola?

E6A – Não. Penso que terá todas as hipóteses de ser bem sucedido, só que o ambiente que o rodeia poderá não ser o mais indicado. Parto do pressuposto que uma escola que está inserida como esta numa área com grandes problemas socioeconómicos, neste caso mais sociais, se torna um pouco complicado obter esse sucesso.

Eu – Mas há pouco afirmou acreditar que a escola pode fazer a diferença.

E6A – Pode fazer a diferença quando há um interesse por parte do professor.

Eu – Então uma escola de qualidade para si é...?

E6A – Para mim é uma escola em que o aluno é bem recebido pelo professor, é bem encaminhado, é-lhe explicado as regras de funcionamento da escola e o aluno tem que seguir aquela regra de encaminhamento.

Eu – Qual é para si a missão fundamental da escola?

E6A – Ensinar. Não vou dizer educar pois esse é um papel dos pais. Mas, poderá ser esse o segundo papel. O ensinar e o educar.

Eu – Para si qual é o elemento decisivo para uma escola ter qualidade?

E6A – Os professores.

Eu – Acha importante as escolas serem avaliadas?

E6A – Sim.

Eu – Já ouviu falar alguma coisa sobre a avaliação externa feita pela IGE?

E6A – Já ouvi sim.

Eu – Teve conhecimento aqui da avaliação externa feita nesta escola?

E6A – Tive umas noções por algumas coisas que ouvi aqui no conselho pedagógico.

Eu – Acha mais importante as escolas serem sujeitas a avaliação externa ou possuírem um sistema de autoavaliação?

E6A – Ambas as avaliações são importantes.

Eu – É defensor da existência de ambas as avaliações?

E6A – Exatamente.

Eu – Tem conhecimento sobre o que foi feito na autoavaliação desta escola?

E6A – Tive uma noção através de uma das reuniões do conselho pedagógico.

Eu – Foi lá discutida a autoavaliação?

E6A – Foi.

Eu – Pode concretizar o que lá foi discutido?

E6A – Assim exatamente não lhe sei dizer ao pormenor porque foi no início do ano letivo. Não lhe sei dizer assim ao pormenor. Os professores estavam a discutir a avaliação e as formas de avaliação.

Eu – Com o conhecimento que tem desta escola e se pertencesse ao grupo de autoavaliação que áreas considera importantes avaliar?

E6A – O aspeto disciplinar.

Eu – Na sua opinião como deve ser constituído o grupo de autoavaliação?

E6A – Diretora da escola, diretores de turma, docentes de cada uma das áreas, pais, funcionários e alunos. Os pais têm que ser chamados à escola para participar mais.

Eu – O que é que a escola pode fazer para que os pais participem mais?

E6A – Comunicando melhor com os pais através da caderneta, chamando os pais para falarem com os alunos em ações de formação.

Eu – Pensa que os pais podem ter outro tipo de intervenção na escola?

E6A – Eu penso que sim. Os pais têm que se integrar mais na escola. Neste momento temos um problema com a associação de pais que é pouco participativa.

Eu – Voltando atrás, as áreas fundamentais a avaliar na escola são...?

E6A – A disciplina/indisciplina e os professores.

Eu – Como é que se avaliam os professores?

E6A – Os alunos fazem uma avaliação.

Eu – Mas os alunos têm conhecimentos e maturidade para isso?

E6A – Penso que sim. Penso que os alunos têm essa “autoridade” pois eles convivem diariamente com os professores.

Eu – O que é para si um bom professor?

E6A – É o que ensina, avalia e ao mesmo tempo interage com o aluno. Um professor que consiga com um punho forte impor disciplina.

Eu – Acha que os alunos gostam desse tipo de professor?

E6A – Sim, porque se um professor conseguir disciplinar os alunos e ao mesmo tempo conseguir abrir uma janela de aproximação os alunos gostam.

Eu – Acha que os professores deveriam ter aulas assistidas?

E6A – Sim, sim.

Eu - Quem deveria assistir a essas aulas?

E6A – Os pares. Deve-se começar primeiro por aí. Os colegas são os primeiros críticos.

Eu – Em relação à escola qual acha mais importante a autoavaliação ou a avaliação externa?

E6A – As duas, porque uma avaliação interna poderá às vezes desculpar comportamentos que, não sendo corretos, não são sinalizados porque as pessoas já se conhecem. Havendo uma avaliação externa dá para fazer um cruzamento e isso já será mais fiável.

Eu – E os resultados da autoavaliação devem ser divulgados a quem?

E6A – Devem ser divulgados e discutidos no conselho pedagógico e no conselho geral.

Eu – Acha que os resultados devem ser divulgados na página da internet da escola?

E6A – Sim, também acho saudável que isso aconteça.

Eu – E o que se deve fazer quando detetadas áreas de fragilidade?

E6A – Serem corrigidas. Neste caso deve ser chamada a atenção dos professores e entre eles fazerem as próprias correções.

Eu – Acha mais importante avaliar o bar, o refeitório, a indisciplina ou o ensino dos professores por exemplo?

E6A – O ensino dos professores para mim é o essencial. Começo por aí e depois é tudo, porque isto complementa-se tudo.

Eu – Defende então uma avaliação global da escola?

E6A – Com certeza.

Eu – Mas pelo que eu estou a sentir valoriza mais a área pedagógica?

E6A – Eu dou mais importância à área pedagógica embora ache que tudo o resto vem por acréscimo. Imagine que a casa de banho está limpa e o ambiente é saudável, o bar está limpo e as refeições são boas, então os alunos sentem-se melhores.

Eu – A qualidade é então para si um todo?

E6A – Certo. Começa por chegarmos ao portão e vemos um portão limpo, vemos o chão limpo e sem buracos, vemos que há caixotes do lixo. Tudo isso proporciona um bom ambiente. Eu olho para a escola e vejo as coisas desta forma: há alunos bons, menos bons e medíocres, mas se tentarmos desviar os alunos menos bons só para bons, tudo o que vai ficar para trás fica pior. Acho que os alunos devem ser distribuídos e misturados.

Eu – Acha que a nossa escola é seletiva?

E6A – Eu acho que não é.

Eu - Comente por favor o seguinte: há quem diga que alguém que tivesse morrido há 200 anos atrás e ressuscitasse, ficaria muito surpreendido com a evolução que o mundo sofreu mas se entrasse numa escola e numa sala de aula talvez que a diferença não fosse assim tão grande (a disposição das carteiras, o sistema de classes...)

E6A – Nas salas de aula parece que parou tudo um pouco no tempo, mas a sensação que eu tenho é que quando eu estudava havia mais disciplina, ou então é da geração de agora. Nota-se agora que as ferramentas que os alunos têm é muito superior às que havia antigamente. Os alunos têm todos essas ferramentas mas na altura havia outra disciplina.

Eu – Então porque é que acha que há essa indisciplina?

E6A – Isto vem também de casa.

Eu – Na opinião de um pai oq eu precisa de ter a escola para que os pais se sintam tranquilos e satisfeitos com a sua qualidade?

E6A – Regra, disciplina e saber que o meu filho está realmente dentro da escola, porque o que eu vejo às vezes e que não acontece muito é integrar os pais na escola.

Eu – Mas isso não acontece porquê? Os pais não têm tempo e parece que não têm muito interesse. O que eu vejo é que as crianças com mais dificuldade os pais não aparecem quando deveriam ser os principais interessados. Mas também deverá ser a escola a cativar essas crianças, cativando as crianças também leva a que os pais venham à escola. O professor faz a diferença. Tem que saber cativar o aluno e por sua vez o pai. Se o professor está na escola debita as matérias mas quando o aluno chega a casa não tem acompanhamento pelos pais, o aluno vê que os pais não ligam muito então pergunta-se porque é que há-de ligar ao professor.

Eu – Muito obrigado pela sua colaboração.

Entrevistado: E6L Dia: 29/11/2011 Hora: 14:40

Local: Escola L

Condições em que decorreu a entrevista: tranquilidade e sossego, entrevistador frente a frente com os entrevistados – entrevista de grupo

Eu – Qual o vosso conceito de escola de qualidade?

E6L1 – Tenho que ir buscar primeiro as ideias. Quando atingimos os resultados que são esperados. Quando atingimos os objetivos propostos pela escola no seu projeto educativo. Aquela em que os alunos gostam de trabalhar e o fazem à vontade e com vontade.

Eu – Quando ouvem dizer aquela escola é uma escola de qualidade que ideias associam a esse facto?

E6L2 – Eu ia acrescentar mais. Eu acho que uma escola de qualidade é aquela que é capaz de perceber em cada momento qual é o desafio que se coloca seja qual for a área da vida da escola e vai à procura de respostas de excelência para as questões que são colocadas em cada momento. Uma escola de qualidade é uma escola atenta, disponível para se questionar e que encontra dinâmicas.

E6L3 – E que se autoregula.

E6L4 – Que procura sempre a excelência e nunca a mediania.

Eu – O que significa isso de excelência?

E6L4 – Significa todos os limites que são commumente aceites e que podem ser sempre revistos e alterados e postos em causa em função do que as pessoas entendem ser o melhor.

Eu – Na vossa opinião qual deve ser a missão principal da escola?

E6L1 – Ensinar em todos os parâmetros. Ensinar a ser boa pessoa, ensinar aspetos cívicos e não cívicos para alcançar bons resultados. Ensinar a vida prática.

Eu – Todos concordam?

E6L3 – Basicamente formar e informar. Formar a pessoa como cidadão e dar-lhe cultura, e formar pedagogicamente.

Eu – Há pouco diziam é superior aos padrões de excelência...Mas quem define esses padrões de excelência?

E6L1 – Para mim são as empresas (risos).

E6L2 – Geralmente são assumidos como intrínsecos às áreas de trabalho da escola. Tem a ver com o que é um ideal de prática e de conceção que tem que ser desenvolvido, perseguindo a inovação, a novidade, a criatividade. Quando se tenta alcançar este desiderato está-se a caminhar para a excelência. A excelência perde-se quando pensamos que já atingimos o topo e que não há nada para fazer. A excelência é uma utopia que se coloca no horizonte.

E6L3 – Aqui nesta escola há outra coisa em termos de padrão de excelência que é o passado, uma tradição, e nós estamos em diálogo com a tradição, com o passado e em diálogo com o futuro. A procura de padrões de excelência está nesse caldear entre a tradição e a inovação e a responsabilidade do diálogo. Os padrões constroem-se não são impostos a nível externo.

E6L5 – Eu penso que os padrões de excelência vêm sempre primeiro do exterior, se o exterior não o exigir, se o mundo do trabalho for facilitador a escola não se esforça tanto. O interior trabalha em função das exigências do exterior.

Eu – Então os fatores principais para se ter uma escola de qualidade são...

E6L4 – E será que se não tivermos esses níveis de exigência e uma escola de qualidade isso é entendido?

Eu – O que é que os outros acham?

E6L1/2/3/5 – Exigência, bons professores, rigor, uma boa liderança, alguém que comande o leme, criação de boas expectativas e bom ambiente e termos bons chefes é essencial.

Eu – Mas o que é mais importante?

E6L1 – Tudo isto equilibradamente. Pode haver uma liderança, mas a experiência, o rigor, a vontade de fazer sempre melhor são os fatores mais importantes. Os fatores materiais claro que ajudam mas podemos ter as melhores das instalações e não os melhores dos trabalhos.

E6L4 – Sim, mas não se julgue que se pode ter sempre as pessoas entusiasmadas sem mais nada.

E6L2 – Penso que o bom ambiente de trabalho também é importante. O comportamento dos alunos é fundamental. Nesta escola não há problemas desses mas noutras escolas penso que há. O bom ambiente entre os colegas também é fundamental. Trabalhar num ambiente onde há zangas é muito mau.

Eu – E o que é que pode contribuir para esse bom ambiente?

E6L2 – Os chefes.

Eu – O que é isso os chefes?

E6L2 – São aqueles que nos mandam fazer um trabalho. Os coordenadores de departamento, as lideranças. Se os chefes não forem competentes o ambiente torna-se mau.

Eu – O que é isso um chefe competente?

E6L4 – É alguém atento, com flexibilidade e capacidade de leitura e que não submete a liderança a uma convicção absurda e cega. É alguém com capacidade de ponderar a realidade humana que tem em presença e escolher o caminho que pode conduzir a melhores resultados com a sua perspectiva mas de acordo com as dinâmicas próprias do grupo. Tem que ser uma liderança que passa por uma percepção da realidade que existe e não agir sobre a realidade. Quando isso acontece há rutura. E quando há rutura as pessoas não trabalham, não se disponibilizam.

O bom ambiente é fundamental.

Isso vê-se até ao nível do professor e da turma.

Eu – Há várias definições de organização conforme os autores...qual é que vocês acham que se enquadra melhor para definir a escola?

E6L3 – Isso não sei. Esses senhores é que dão nome a essa coisas.

Eu – Como é que definem então a escola como organização?

E6L1 – Um lugar de oportunidades, por exemplo.

Sim. Esta escola é um lugar de oportunidades, é uma organização que aprende com a sua própria dinâmica. Esta escola tem uma forte ligação não tanto com a comunidade, com o bairro, porque há miúdos aqui que vêm de Santarém de comboio, de Setúbal e de outras áreas. A nossa relação com a comunidade envolvente não é com a que cerca a escola, é antes com uma comunidade que se alastra, com os museus, os teatros, as câmaras.

Eu – Então vocês constituem o grupo de autoavaliação da escola?

E6L2 – Grupo de avaliação interna é a designação mais correta.

Eu – Foram designados para este grupo por quem?

E6L1 – Autopropusemo-nos.

Eu – Estão a realizar um trabalho formal ou informal?

E6L3 – As duas coisas.

Por iniciativa do conselho pedagógico que criou uma alínea no seu plano anual de atividades que tinha a ver com a autoavaliação/avaliação interna da escola e cada um de nós por razões diversas se inscreveu nessa atividade para participar.

Eu – Essa inscrição apareceu onde?

E6L4 – Eu por exemplo era do conselho geral

A mim a minha coordenadora perguntou-me se eu queria pertencer e eu disse está bem.

Eu – Vocês estão a ser supervisionados por alguém? Responde perante alguém?

E6L4 – Respondemos perante duas estruturas, a direção e teoricamente deveria ser o conselho geral a outra (risos).

Eu – Alguém vos questiona sobre o vosso trabalho?

E6L5 – O diretor de vez em quando pergunta-nos.

Eu – Este trabalho foi encomenda de alguém?

E6L3 - Encomenda, encomenda não, mas o diretor reúne-se connosco de vez em quando.

Eu – Mas são um grupo formal ou informal?

E6L2 – Formal porque estamos numa estrutura. O grupo foi legitimado a partir do momento em que o conselho pedagógico aprovou aquela atividade.

Nasceu por influência da avaliação externa da IGE que já cá esteve. O diretor começou a falar do assunto e levou a conselho pedagógico e nós oferecemo-nos.

Eu – Então por influência da avaliação externa da IGE e pela necessidade de cruzarem os olhares nasceu esta iniciativa?

E6L2 – Sim. O diretor levou a conselho pedagógico e este aprovou-o como atividade e a partir daí com o contributo do nosso trabalho voluntário tornou-se oficial.

Eu – Qual a justificação para fazer a autoavaliação?

E6L1 – O processo de autoavaliação fazia parte de contingências da vida da escola. Era uma imposição legal que fazia com que a escola tivesse que o fazer.

Eu – Pode dizer-se que na vossa escola a autoavaliação teve na sua génese um imperativo legal?

E6L1 – Exatamente. Mas ao mesmo tempo por conta de uma reflexão que se vinha fazendo há alguns anos da necessidade de nós olharmos um bocado para a escola. Só que entretanto estas coisas às vezes levam anos a consolidar-se.

Eu – Então quais são os objetivos da vossa autoavaliação da escola?

E6L2 – São aqueles que em princípio qualquer autoavaliação tem e estão estipulados no determinado para a avaliação interna que é perceber quais são as fragilidades, perceber quais as oportunidades de melhoria, perceber quais os pontos fortes. E depois inicia-se um processo de reflexão, depois uma intervenção, depois fazer a avaliação com a consequente reformulação.

Eu – Quais foram as áreas que decidiram avaliar na escola?

E6L1 – As que estão estipuladas na legislação.

Eu – Qual o quadro concetual que resolveram adotar?

E6L2 – Utilizamos a CAF como referência, depois utilizamos o modelo de avaliação das escolas escocês e também o referencial da avaliação externa da IGE.

Eu – Fizeram então uma prospeção do que havia pela internet e adaptaram ao contexto da escola?

E6L3 – Isso. Tentámos perceber como é que se entrava no sistema e depois percebemos que o ideal era utilizar o que já estava estruturado e esse era o da IGE.

Eu – Tentaram estar o mais próximo possível do referencial da avaliação externa da IGE?

E6L3 – Exatamente. Para poder haver uma comparação, um diálogo e preparar para o futuro.

Eu – E os recursos ao vosso dispor para a realização do trabalho foram suficientes?

E6L4 – Não tivemos problemas. Nas componentes não letivas dos horários deram-nos esse tempo. Tivemos tempo em comum. Tivemos apoio da direção.

Eu – Como divulgaram o processo na escola?

E6L4 – Tivemos uma ação de sensibilização/formação. Fizemos um desdobrável. Informámos o conselho pedagógico e iniciámos o trabalho com um questionário aberto. O diretor também informou todos e a explicação das dinâmicas foi também feita através do conselho pedagógico que passou a mensagem para os departamentos.

Eu – E porque não ter aqui neste grupo outros elementos sem ser professores?

E6L5 – Os pais simplesmente não aparecem. Mas como a iniciativa surgiu sempre aberta, isto foi por voluntariado, apareceu quem quis.

Eu – A escola no seu todo sabe que vocês existem e conhece o vosso trabalho?

E6L5 – Isso sabem e de que maneira, não foi por falta de informação.

Eu – Tiveram apoio da liderança de topo? Houve constrangimentos?

E6L3 – As pessoas entenderam o que nós estávamos a fazer e a necessidade de funcionamento deste grupo. Há uma perceção muito cristalizada do que deve ser feito

ou não em termos de avaliação o que dificulta o aparecimento de novas perspetivas e o que provoca tensões.

Eu – Sentiram então resistências?

E6L3 – Sim, sim, sim.

Eu – Porquê? Não perceberam o que se pretendia?

E6L2 – De um universo de 160/170 indivíduos e ao longo de dois anos de trabalho só 2 ou 3 revelaram grande estranheza e dúvida. Mas as pessoas sempre que nos questionaram tiveram as explicações para as suas dúvidas e isso foi levado à exaustão. O universo de resistências e de dúvidas foi relativamente restrito. Há sempre um grupinho na escola do contra. Ao nível da superestrutura foi o confronto de dois paradigmas metodológicos diferentes. Uma abordagem mais quantitativa com descritores e a nossa.

Eu – Que dados é que vocês recolheram?

E6L2 – Tínhamos o relatório da equipa anterior. Pegámos nas questões que a avaliação externa utiliza nos painéis de entrevistas e colocámos essas questões à comunidade escolar através de um questionário de resposta aberta por escrito, aplicado a 150 professores, 20 ou 30 funcionários e alguns alunos e poucos pais.

Eu – Não acham essa metodologia adotada de resposta aberta um pouco pesada?

E6L1 – Foi. Evidentemente que foi pesado tanto para os respondentes como para nós na análise de conteúdo. Mas foi interessante porque permitiu-nos não ter uma leitura a seco de sim, não, talvez mas o que são as justas necessidades das pessoas. Verificámos que as pessoas misturavam muitas vezes a perceção da escola que tinham e da escola que desejavam. Mas apesar de ter sido difícil fazer a triagem permitiu criar um documento de sugestões em relação às expectativas que as pessoas tinham. Permitiu-nos perceber também que comunidade escolar é que temos. As pessoas não são neutras, têm dinâmicas, vontades, convicções, dúvidas. Através da análise das respostas abertas tivemos esta imagem.

Eu – Quais foram as vossas principais aprendizagens teóricas e práticas?

E6L1 – Que o modelo funciona em primeiro lugar. E que temos de motivar as pessoas, explicar-lhes, melhorar o processo. Temos que envolver as pessoas. O processo de comunicação no início é fundamental. As pessoas gostavam de responder na certeza do anonimato. Têm ainda receio de se exporem e que nós soubéssemos quem estava a responder. Isto antes de saberem das entrevistas em painel. O que nós fomos fazendo foi um processo por etapas, que gerou tensões e que foi sendo construído a pouco e pouco.

O nosso maior investimento foi feito na altura dos painéis de entrevistas em que íamos esclarecendo as dúvidas que as pessoas colocavam. O constrangimento maior foi em dois grupos que temos dificuldade em envolver no processo e que estamos a apostar para este ano: os alunos e os encarregados de educação.

Eu – Os questionários não foram dirigidos aos alunos?

E6L3 – Foram, mas tivemos uma falha porque o questionário lançado aos alunos foi no final do ano letivo o que é uma altura má para o fazer. Em relação aos encarregados de educação não conseguimos envolvê-los para além da disponibilidade que eles têm porque um número elevado de alunos vem de longe.

Eu – E a associação de pais?

E6L4 – Aqui não é um interlocutor habitual e também falhou a parte de ter sido feito no final do ano letivo. Assim, este ano, vamos começar pelos alunos e encarregados de educação.

Eu – No fundo faltam aqui as vozes dos alunos e dos encarregados de educação?

E6L5 – Precisamos de maior expressão. Temos que envolvê-los mais, é uma área que precisa de ser trabalhada.

Eu – Para a autoavaliação ser efetiva qual é o tempo que pensam deve mediar entre a recolha de dados e a produção do relatório final?

E6L5 – Um ano. Deve coincidir com o ciclo do ano letivo.

Eu – Esta equipa tem autonomia mas não tem capacidade de decisão?

E6L2 – É uma questão de princípio. Temos que nos adaptar à cultura da escola e à cultura dos indivíduos que vai chocar contra o que é ideal. Para termos um processo eficaz de responsabilização e envolvimento temos que envolver outros órgãos no processo. Nesta escola as coisas têm que ser feitas de forma colegial, caso contrário, se tivesse havido a nomeação por parte de um órgão específico, ficávamos demasiado expostos.

Eu – A quem vocês reportam diretamente?

E6L2 – Ao diretor. É a ele a quem nós entregamos primeiro o relatório. E ao mesmo tempo ao conselho pedagógico. Por inerência ao mesmo tempo que damos ao diretor damos ao conselho pedagógico. Nós precisamos que nas escolas existam diferentes lideranças: diretor, pedagógico, conselho geral. Existe algum pudor com que estes grupos exibem a sua liderança/poder. Isto faz com que nenhuma destas entidades tente pisar um terreno que não é o seu. Isto por respeito.

Eu – No vosso relatório final já fazem propostas de melhoria?

E6L1 – Não só apresentamos o diagnóstico.

Eu – E na sequência disso aconteceu algo?

E6L1 – Está a acontecer. Não é atributo ou característica desta escola impor nada. As dinâmicas decorrentes deste trabalho tem o seu tempo próprio da cultura da escola.

Eu – Existe uma cultura de avaliação na escola?

E6L2 – Existe aquilo que se espera exista a nível legal. Muito informal. Estruturada a nível dos departamentos mas não plasmada em documentos. Há sempre um exercício de autoavaliação no final de cada período quando o conselho pedagógico lança esse repto.

Eu – Há dificuldade de formalizar esse processo, de colocar essa reflexão em termos de um documento do tipo plano de melhoria?

E6L3 – Exatamente. Os departamentos desfrutam de muita autonomia. A dificuldade está em arranjar essa unidade,

Eu – Pensam que o vosso trabalho teve algum impacto na escola ou trata-se de um mero instrumento simbólico e de retórica?

E6L3 – Sim, sim, teve impacto. Começou por ser um imperativo legal mas teve um impacto na confirmação de que esta escola tem uma cultura informal muito rica que lhe empresta ao mesmo tempo uma fortaleza e uma fragilidade. Permitiu-nos ao cruzar as diversas visões criar um quadro global da escola. E foi surpreendente entrecruzar olhares daquilo que só tínhamos uma visão parcelar.

Eu – Ao elaborarem o relatório final ficaram surpreendidos?

E6L4 – Nalguns casos ficámos. Contudo tudo isto neste momento ainda tem um carácter muito embrionário dentro desta escola. Não há uma cultura de avaliação formal e sistemática.

Eu – Que recomendações fariam para um trabalho futuro mais efetivo?

E6L4 – A maior recomendação é a de continuarmos este processo.

Eu – Acham mais importante a autoavaliação ou a avaliação externa?

E6L5 – A autoavaliação.

Eu – E a avaliação externa?

E6L1 – Tem um espaço específico dentro da avaliação.

Eu – Cada escola deve encontrar os seus próprios mecanismos de autoavaliação?

E6L2 – Sim, sim, sem dúvida. Dentro da autoavaliação é preciso deixar espaço para as pessoas atuarem

Eu – E o plano de melhoria?

E6L2 – Nós identificámos pontos fortes e pontos passíveis de melhoria. Pontos fracos nesta escola não há (risos). Procura-se deixar espaço aberto para que a nível do conselho pedagógico, dos departamentos se possa olhar para o relatório e fazer a sua proposta de melhoria. Pretende-se que toda a estrutura se pronuncie no processo. Existe muita desconfiança em relação à avaliação.

Eu – Os resultados devem ser divulgados como?

E6L5 – Devem ser postos à disposição de toda a comunidade.

Eu – Não pensam que sendo o coração da escola a sala de aula o sistema de autoavaliação passou ao lado da sua principal razão de ser que é melhorar as aprendizagens e o ensino?

E6L3 – Claro. Isso é tão óbvio que já não mencionamos. Nós não colocámos aqui essa questão porque nós percebemos que ninguém nem nenhuma estrutura sentia essa necessidade porque a perceção que tinham é que havia uma boa relação com os alunos e que os alunos estavam satisfeitos. De facto não há nenhum instrumento para perceber essa relação, mas a relação com os alunos é tão direta e tão verídica que não sentimos essa necessidade de justificar se os alunos estão bem ou mal.

Eu – Identificaram áreas de fragilidade?

E6L2 – Sim, sim. Temos duas disciplinas frágeis: inglês e geometria descritiva. São áreas onde há fragilidades mas não existe inércia. Há uma consciência de que algo tem que mudar, pode é não haver a noção exata de como vão chegar lá.

Eu – Obrigado pela vossa colaboração.

Entrevistado: E4L **Dia:** 05/12/2011 **Hora:** 13:45

Local: Escola L

Condições em que decorreu a entrevista: tranquilidade e sossego, entrevistador frente a frente com a entrevistada

Eu – Qual o seu conceito de escola de qualidade?

E4L – É uma escola que clarifica bem quais são os seus objetivos e adequa as estratégias e o trabalho que se faz nessa escola a esses objetivos.

Eu – Pode clarificar um pouco mais?

E4L – Não fico muito impressionada com as estatísticas que divulgam nos jornais, isso para mim não é o suficiente para dizer que uma escola é de qualidade. Há muitos outros dados que podem interferir nos resultados independentemente dos processos. Sem querer menosprezar os resultados penso também eu os processos são muito importantes.

Eu – Esta escola é uma escola de qualidade?

E4L – Considero que sim.

Eu – Porquê?

E4L – Porque é uma escola que dá muita atenção aos problemas dos alunos, que não está histericamente preocupada com os resultados.

Eu – Quais então os elementos mais importantes para uma escola ter qualidade?

E4L – Penso que uma escola de qualidade como não está centrada nos resultados não vai passar como hei-de explicar pela classe social ou nível cultural dos alunos. O que nós procuramos é que as escolas que tem mais sucesso, menos reprovações e notas mais altas coincidam com alunos com mais alto nível cultural. E uma escola que pode ter muitos alunos com dificuldades do ponto de vista sociocultural pode não conseguir ter resultados tão espetaculares e os processos serem todos de grande qualidade.

Eu – Então para esses processos serem de grande qualidade quais os fatores preponderantes na vida das escolas?

E4L – Os professores.

Eu – Então o elemento fundamental são os professores?

E4L – Sim, sim.

Eu – Qual é que acha que é a missão fundamental da escola de hoje?

E4L – Preparar as pessoas para um elemento com o qual nós vamos ter que lidar que é a imponderabilidade, ou seja, para alterações constantes, para a capacidade de adaptação, para uma inteligência abrangente, para a curiosidade, para o sentido de cooperação.

Eu - Comente por favor o seguinte: há quem diga que alguém que tivesse morrido há 200 anos atrás e ressuscitasse, ficaria muito surpreendido com a evolução que o mundo sofreu mas se entrasse numa escola e numa sala de aula talvez que a diferença não fosse assim tão grande (a disposição das carteiras, o sistema de classes...).

E4L – Sim ao nível da essência acho que não evoluímos muito. Da filosofia da educação e da aprendizagem estamos ainda muito perto da escola fábrica.

Eu – O que é necessário então mudar?

E4L – O medo de não sermos suficientemente eficazes se alterarmos várias coisas ao nível da essência.

Eu – Quem incute esse medo?

E4L – Esse medo nós adquirimo-lo desde pequeninos. Quem não transforma esse medo terá grandes responsabilidades ao nível social e governamental, penso que os professores também são um bocado responsáveis por isso. É uma questão que tem a ver com as mentalidades o que é uma evolução lenta e portanto...

Eu – Acha que os professores são resistentes à mudança?

E4L – Acho que sim. Acho que numa percentagem bastante razoável sim.

Eu – O que é sabe sobre o processo de autoavaliação da escola?

E4L – Tenho acompanhado. Fui entrevistada enquanto membro do conselho geral e tenho ouvido as pessoas falar sobre isso. Tenho lido os relatórios.

Eu – Já foi discutida em conselho geral a autoavaliação?

E4L – Sim, sim, já este ano.

Eu – Acha mais importante a autoavaliação ou a avaliação externa?

E4L – Acho que a autoavaliação é mais importante.

Eu – Devem existir as duas ou só haver autoavaliação?

E4L – Devem existir as duas.

Eu – Porquê?

E4L – Para evitar tentações autocomplacentes que é uma coisa muito humana.

Eu – O olhar externo é importante para complementar?

E4L – Sim pode ajudar. Nas escolas fala-se muito mas discute-se pouco.

Eu – Qual acha que é a mais rigorosa?

E4L – Não me parece que a avaliação externa por ser externa é mais rigorosa. Depende de como for feita uma e outra. A avaliação externa não me parece que garanta rigor.

Eu – Como acha que deveria ser constituída a equipa de autoavaliação?

E4L – Não seria mau que tivesse nele diferentes formas de proporcionar um diálogo que às vezes não existe.

Eu – Quais deveriam ser em seu entender as áreas a avaliar pelo sistema de autoavaliação?

E4L – O trabalho nos grupos disciplinares e nos departamentos. O trabalho de cooperação falando com as pessoas e questionando-as, isso desperta a consciência das pessoas para se questionarem se estão a fazer as coisas corretamente.

Eu – Em sua opinião qual deve ser a periodicidade da avaliação?

E4L – Acho que anual é um ciclo curto, precisamos distância no tempo para perceber melhor algumas coisas em relação a todas as áreas da vida de uma escola.

Eu – Pensa que deve haver um referencial considerado ideal em relação ao qual as pessoas as pessoas devam ser questionadas?

E4L – Quer dizer, pode haver muitos referenciais considerados ideais apenas como metodologia. Escolhe-se este mas podia ser outro.

Eu - Acha que a autoavaliação deve usar um referencial já conhecido, já experimentado noutras escolas, ou deve ser a escola a elaborar o seu próprio referencial?

E4L – Silêncio...é uma boa pergunta essa. Não sei se sei responder (risos)

Eu – Sabe de certeza. Aqui não há respostas certas...

E4L – Pode ser útil partir de um referencial já existente mas com adaptações às características da escola. Mas a questão que estava a levantar à pouco era que as perguntas que são colocadas aos vários membros da escola podem também ter essa função educativa de inquietar ou abrir outras janelas para questões ainda não pensadas ou praticadas. É como a avaliação em relação aos alunos, ou é uma forma de refletirem sobre a sua aprendizagem ou perder tempo não vale a pena.

Eu – Está a falar de uma reflexão contemplativa ou de uma reflexão para a ação?

E4L – Refiro-me a uma reflexão ativa.

Eu – Qual deverá ser então a consequência da auto-avaliação?

E4L – Os vários parceiros na escola, os que foram questionados devem em função das conclusões a que se chegou fazer uma reflexão no sentido de alterar os comportamentos que acharem devam ser alterados.

Eu – Como deve ser feita a divulgação do relatório da autoavaliação?

E4L – Deve ser dado à direção e conselho pedagógico em primeiro lugar. A partir daí aos departamentos e grupos disciplinares e ao conselho geral.

Eu – O relatório deve ser conhecido pela escola ou ser divulgado externamente (colocado por exemplo na página da internet da escola)?

E4L – Pode ser delicado... às vezes fico muito indecisa.

Eu – Tem conhecimento do relatório da avaliação externa da IGE?

E4L – Sim.

Eu – Como deve ser divulgado então o relatório da autoavaliação?

E4L – Acho que deve ser divulgado para o exterior mas isso pode trazer problemas.

Eu – Como, que problemas?

E4L – Questões políticas. Porque num momento de crise a divulgação pode dar origem a uma má interpretação da informação que é veiculada.

Eu - Há vários autores que classificam a escola recorrendo a várias imagens ou metáforas tais como...como definiria a escola?

E4L – É isso tudo.

Eu – Então qual é a sua definição de escola?

E4L – De escola real ou ideal?

Eu – De escola real.

E4L – Nunca me pediram para definir escola. É uma organização.

Eu – Que tipo de organização? Qual a imagem melhor para a descrever?

E4L – Essas coisas não se negam umas às outras. Essa de anarquia organizada é engraçada mas não diz grande coisa. A escola como nós a temos é mais uma burocracia.

Eu – A legislação é igual para todas.

E4L – Sim, mas a apropriação é muito diferente, isso até ao nível dos programas. Tem muito a ver com a apropriação que se faz dentro da missão principal da escola.

Eu – Disse-me que os professores são o elemento principal para uma escola de qualidade. E os alunos, onde passam eles a maior parte do tempo?

E4L – Risos...com os professores.

Eu – Onde?

E4L – Nas aulas. Na sala de aula.

Eu – Então porque não vai este processo de autoavaliação à sala de aula?

E4L – No sítio, no espaço, não passa sim. Mas fala com os alunos.

Eu – Qual a opinião que tem em relação à qualidade dos professores aqui da escola?

E4L – Penso que esta escola tem uma percentagem muito elevada de bons professores.

Eu – E o que faria aos outros que não entram nessa percentagem de bons professores?

E4L – Deixava-os estar. Nós não vivemos num mundo perfeito. Nós também precisamos desse. Os alunos têm que se confrontar também com o menos bom e têm que aprender. Eu não vou dizer isto em todo o lado.

Eu – Não acha que os alunos têm direito a bons professores?

E4L – Têm, mas também a conhecer professores menos bons.

Eu – Para quê? Para fazer comparações?

E4L – Para aprenderem a lidar com todo o tipo de profissionais.

Eu – É curioso, nunca tinha ouvido esta visão.

E4L – Risos.

Eu – Imagine que era diretora e tinha os pais a queixarem-se por cusa desses professores?

E4L – Já fui, já fui. E já tive um professor com uma arma dentro da escola. Chamei-o ao meu gabinete e disse-lhe que is para junta médica ou punha-la um processo disciplinar, mas era um caso radical.

Eu – Mas os alunos não têm direito a aprenderem?

E4L – Claro, claro, mas isso agora já mexe com o conceito de aprendizagem.

Eu – O núcleo central da escola não será o ensino-aprendizagem?

E4L – Sim, sim, é óbvio para toda a gente. Agora o que é que é isso. Isso pode-nos levar muit longe. Aprender o quê? Como? Qual a base de ensino, qual a de aprendizagem

Eu – Há pouco disse-me que uma das áreas a avaliar deveria ser o trabalho feito ao nível dos departamentos e grupos disciplinares. Porque acha importante avaliar essa área?

E4L – Porque se os professores tiverem uma atitude de cooperação, de diálogo e de partilha e de saberes, obviamente que a prática na escola passará a ser muito melhor. Não é para uniformizar.

Eu – Disse-me que os professores eram resistentes à mudança.

E4L – Já foram mais.

Eu – Então, impõem-se novas mudanças que passam por esta nova partilha, porque é que este trabalho ainda não é feito na escola?

E4L – Porque é um processo lento.

Eu – Mas leva séculos?

E4L – Séculos ou milénios sabe-se lá (risos).

Eu – Então a grande função da autoavaliação é verificar o trabalho de cooperação feito ao nível dos departamentos e grupos disciplinares?

E4L – Sim, porque automaticamente esta a avaliar o que se passa dentro da sala de aula.

Eu – Acha? Quem dá os espelhos aos professores necessários para a melhoria?

E4L – Os professores devem ser suficientemente conscientes para se conseguirem autoespelhar. Mas nem sempre isso é assim não é?

Eu – Acha mal haver observação de aulas pelos pares?

E4L – Acho bem. Eu e mais duas colegas demos uma aula em comum e foi uma coisa que surgiu espontaneamente no ambiente de diálogo que vai havendo nesta escola.

Eu – Para si seria importante avaliar também a organização administrativa, os serviços como o bar, o refeitório?

E4L – Eu compreendo que é importante que isso funcione bem até para o conforto de quem aqui trabalha, mas não sei se é o mais importante, não acho que seja o mais importante.

Eu – Em síntese, julga que deve existir o cruzar de olhares entre a autoavaliação e a avaliação externa para evitar a autocomplacência?

E4L – Sim.

Eu – Mais importante é a autoavaliação que deverá ser feita de dois em dois anos para permitir um melhor distanciamento?

E4L – Sim.

Eu – O relatório deve abarcar todos os aspetos da vida da escola?

E4L – Sim.

Eu – De quem deve ser a iniciativa de designar o grupo de autoavaliação?

E4L – Do conselho pedagógico.

Eu – Uma escola de qualidade é uma escola...

E4L – É uma escola preparada para o presente e para o futuro.

Eu – E isso em termos concretos é...

E4L – Uma escola que forma cidadãos cultos, responsáveis, formados, cooperantes, criativos.

Eu – Acha que a escola neste momento tem demasiadas missões?

E4L – Com algumas coisas é difícil a escola lidar. A escola não consegue fazer tudo.

Eu – Como se consegue fazer despertar a criatividade?

E4L – Tudo tem a ver com o professor.

Eu – Então deve mudar a formação de professores?

E4L – A formação de professores pode não ser muito formal. Pode até ser uma formação contínua que se vá fazendo dentro da escola. Eu acredito mais na formação de professores feita dentro da escola.

Eu – Imagine um aluno que ingressa aqui no 10.º ano e quer concluir o 12.º ano em três anos. Qual o fator mais importante para isso acontecer: os professores, o aluno, a sua família?

E4L – Acho que há aqui um dado relacional. Por um lado o professor e por outro o aluno e o seu contexto.

Eu – Acredita que o professor pode fazer a diferença?

E4L – Sim, pode fazer mas também pode não o conseguir.

Eu – Acha que o contexto económico é determinante ou será que a escola pode fazer a diferença?

E4L – Nada é determinante só por si. Todos são importantes.

Eu – Então as escolas podem fazer a diferença na vida dos alunos?

E4L – Claro que podem.

Eu – Considera que neste momento temos uma escola de massas ou uma escola elitista?

E4L – As duas coisas ao mesmo tempo. Uma escola de massas acaba por ser uma escola elitista.

Eu – Porquê?

E4L – O sucesso para todos é uma coisa que não existe.

Eu – É importante os alunos virem à escola, estarem na escola ou aprenderem?

E4L – Para os alunos aprenderem o que a escola oferece é preciso virem. Uma coisa depende da outra.

Eu – Mas é importante virem ou aprenderem?

E4L – Se não gostarem de virem e de estarem não vão aprender. Nesta escola faltam muito e chegam muito atrasados, têm pouca assiduidade. Penso que tem a ver com a distância a que vivem e com algum facilitismo que já houve em tempos, aquilo que se chama a cultura da escola.

Eu – Para esta escola ser melhor o que mudava?

E4L – Melhorava o apoio social aos alunos porque isso vai ser um problema maior a partir de agora.

Eu – Obrigado pela sua colaboração.

Entrevistado: E1L Dia: 05/12/2011 Hora: 14:50

Local: Escola L

Condições em que decorreu a entrevista: tranquilidade e sossego, entrevistador frente a frente com a entrevistada

Eu – O que entende por uma escola de qualidade?

E1L – É aquela que tem boas condições para nós trabalharmos e para os alunos estarem. É a que tem bons materiais como as tecnologias de informação e bom ambiente.

Eu – Qual acha que deve ser a missão principal da escola?

E1L – Deve ser de formar as pessoas, os alunos tanto a nível dos currículos como do ponto de vista cívico, de modo a saberem-se respeitar uns aos outros.

Eu – Esta é uma escola de qualidade?

E1L – Eu gosto muito da minha escola. Talvez ainda não esteja no topo, há muita coisa a melhorar.

Eu – Pensa que a autoavaliação é importante?

E1L – Sim. Para nós vermos questões que se não as levantarmos não sabemos que existem esses problemas e depois para os melhorarmos.

Eu – Pensa que o grupo que é responsável pela autoavaliação deveria ser formado por professores ou incluir outros membros?

E1L – Acho que deveria ter outros intervenientes sem ser os professores tais como representantes do pessoal não docente, alunos, pais, como por exemplo existe agora no conselho geral.

Eu – Se fosse convidada para fazer parte desse grupo gostaria?

E1L – Sim, eu aceito sempre, estou sempre disposta. Já faço parte do conselho geral também.

Eu – Teve conhecimento da avaliação externa da IGE?

E1L – Sim, ouvi falar.

Eu – Considera que será mais importante a avaliação externa ou a autoavaliação?

E1L – Penso que deve ser a própria escola a fazer a sua avaliação. A avaliação externa acha que temos sempre funcionários a mais como a direção regional pois não conhecem

a realidade da escola. A avaliação interna é mais importante porque podemos discutir estas questões. Na avaliação externa não sabem o que se passa.

Eu – Que áreas deveriam ser avaliadas no decurso da autoavaliação?

E1L – Todas as áreas: os professores, os funcionários, os alunos.

Eu – Os professores na sala de aula?

E1L – Não, isso não. A assiduidade por exemplo, há muitos professores que não dão tantas aulas. Os alunos sobre a sua forma de estar.

Eu – E os serviços?

E1L – Também acho importante como os serviços administrativos.

Eu – Para ter então uma escola de qualidade qual o elemento mais importante?

E1L – Um bom diretor também. Todos os fatores são importantes.

Eu – Porque é que há escolas melhores e piores no seu entender?

E1L – Os alunos também fazem muito a escola. Os alunos são um fator muito importante.

Eu – Quando ouve na comunicação social dizer que há escolas com maus resultados e com problemas, isso deve-se aos alunos no seu entender?

E1L – Nem sempre será só por causa dos alunos.

Eu – Então para a qualidade da escola o mais importante é as instalações?

E1L – Também, isso também é importante, mas depois ponho-me a pensar e acho que não são só as instalações. É o ambiente, o bom relacionamento com todas as pessoas, entre os professores, o pessoal não docente e a direção.

Eu – O que é para si um bom professor?

E1L – É aquele que ensina mas que também é amigo e que quando há problemas com os alunos e funcionários ajuda sem se preocupar apenas com a matéria para ensinar. Deve contribuir para haver boa camaradagem. Quando achar que vir para a escola é um frete, acho isso muito mal. O fundamental é eu vir, não ter conflitos com ninguém e andar sempre tudo bem.

Eu – O sistema de autoavaliação deve existir para?

E1L – Para falar sobre questões que por vezes não há tempo para falar. Às vezes vou a reuniões e oiço coisas que não sabia que se tinham passado. Há pouco espaço e tempo para refletirmos.

Eu – A autoavaliação é então importante para refletir?

E1L – Sim é isso.

Eu – Quem deve designar o grupo de autoavaliação?

E1L – O diretor ou então o grupo oferecer-se.

Eu – O relatório de autoavaliação deve ser divulgado a quem?

E1L – Em primeiro lugar ao diretor.

Eu – Pensa que ele deve ser do conhecimento público?

E1L – Sim, pode ser publicado na nossa página da internet, é para isso que ela existe.

Eu – Como devem ser tratadas as áreas identificadas como frágeis?

E1L – Davam-se a conhecer à comunidade para esta fazer sugestões e depois o grupo de autoavaliação deveria tentar implementar as ações de melhoria.

Eu – No seu entender aqui na escola o que faz falta fazer para ela melhorar?

E1L – Silêncio...o diretor não deveria ter tanto poder porque o diretor agora pode fazer tudo. Dantes havia mais consenso entre ele e os colegas. A escola para funcionar bem deveria ser transparente.

Eu – Será então importante uma melhor estratégia de comunicação?

E1L – Sim, isso, para evitar comentários desagradáveis que por vezes não correspondem à verdade.

Eu – A autoavaliação é mais importante que a avaliação externa?

E1L – Sim. A avaliação externa como é que nos vai avaliar? Eles não nos conhecem. Eu acho que os externos não sabem. Não tem razão de ser. Não estão cá no dia a dia. Mesmo em relação aos professores eles não estão cá para ver quem trabalha ou não trabalha.

Eu – Não pensa que há o perigo da autoavaliação olhar apenas para os aspetos que têm interesse para os internos? Um outro olhar não poderá ser importante?

E1L – Não me parece. Para já nestes últimos dois anos em que tivemos autoavaliação acho que eram pessoas que não iam puxar para o interesse deles. São pessoas impecáveis.

Eu – Na sua perspectiva a escola existe para os alunos aprenderem?

E1L – Sim e o importante é um bom ambiente pois também se reflete nos alunos.

Eu – Então, para os alunos aprenderem o que considera importante?

E1L – Tem que haver bons professores também. É sempre tudo importante, está sempre tudo ligado.

Eu – Pelo que percebo na ótica do pessoal não docente o mais valorizado é a relação entre as pessoas?

E1L – É, é. Nós aqui não temos processos disciplinares.

Eu – Os aspetos a melhorar são então...

E1L – A divulgação das atividades, embora agora já estejam a tentat colocar tudo na página da internet da escola e termos pouco tempo para refletir sobre as questões. Nós bem dizemos que vamos reunir, vamos reunir, fazer uma reunião todos os meses, mas depois acabamos por não ter tempo.

Eu – E gostavam de reunir para quê?

E1L – Porque eu gosto que as pessoas estejam no trabalho de acordo com o perfil e a vontade de cada um. Acho que é muito importante haver diálogo.

Eu – Obrigado pela sua colaboração.

Entrevistado: E5L Dia: 14/12/2011 Hora: 18:15

Local: Escola L

Condições em que decorreu a entrevista: tranquilidade e sossego, entrevistador frente a frente com o entrevistado

Eu – O que é para ti uma escola de qualidade?

E5L – Uma escola onde os alunos aprendam da melhor forma possível.

Eu – Não te importas de concretizar um pouco melhor?

E5L – É uma escola onde os alunos se sentem bem, aprendem bem, onde os professores ensinam bem, onde os alunos encontram os meios para o desenvolvimento pessoal.

Eu – Quais são no teu entendimento os fatores principais para atingir essa qualidade?

E5L – Os professores. A competência profissional dos professores. Também é importante o nível que os alunos trazem. Mas os professores são uma peça chave.

Eu – E qual deverá ser hoje em dia a missão da escola?

E5L – Dotar os alunos das competências técnicas e profissionais necessárias para enfrentar o mundo.

Eu – Em teu entender qual é mais importante a avaliação externa ou a autoavaliação?

E5L – A interna eu penso que é a interna.

Eu – Porquê?

E5L – A interna obriga a um processo de reflexão que não ocorre da mesma forma com a avaliação externa. Evidentemente que o relatório da avaliação externa pode dispor-nos a produzir alguma reflexão, não vou dizer que não, mas a avaliação externa aborda a escola em dois dias, constitui e fica um modo um pouco distante daquilo que é o cerne da ação.

Eu – Qual achas que é a mais rigorosa?

E5L – A avaliação interna tem mais condições para ser mais rigorosa.

Eu – Porquê?

E5L – Porque leva os agentes a questionar o seu dia-a-dia, a sua atividade e a questionar a sua ação.

Eu – Pensas que os dois tipos de avaliação devem coexistir?

E5L – Sim. Não vejo mal nenhum nisso. O olhar externo também faz falta. São pessoas que aparecem aqui de repente. Provavelmente nunca aqui tinham estado, que trazem outro olhar e nos podem dar outras leituras.

Eu – No âmbito da autoavaliação que áreas achas devem ser avaliadas aqui na escola?

E5L – As do ensino. A prestação do ensino que acho que é fundamental. O modo como se ensina, como se aprende, o modo como se agarra nos miúdos e os levamos a obter o maior proveito da escola.

Eu – Achas que a autoavaliação existe porque é um imperativo legal porque é uma necessidade sentida pelas pessoas...?

E5L – A sua génese vem daí, é normativa, penso que sim. O que não quer dizer que numa sociedade onde hoje tudo se avalia e autoavalia mais dia ou menos dia as escolas não olhassem para si próprias ou não o façam até no seu quotidiano. Mesmo antes de haver formalmente a avaliação interna de algum modo já se fazia a autoavaliação. Embora de forma sistematizada a génese seja normativa.

Eu – Qual achas que deve ser a periodicidade da autoavaliação?

E5L – Todos os anos. Penso que o ideal é respeitar-se o ciclo anual. Deve desenvolver-se em permanência essa forma de questionamento.

Eu – Como achas que deveria ser constituída a equipa de autoavaliação para funcionar bem?

E5L – O ideal seria que tivesse elementos de todos os corpos. O problema é sempre a disponibilidade dos alunos devido à sua grande sobrecarga curricular, do pessoal não docente devido à sua escassez e à dificuldade de angariar junto deles mais que as sete horas diárias, em relação aos pais é a mesma coisa.

Eu – Será a autoavaliação então um campo de possibilidades, o possível face às circunstâncias?

E10L – Infelizmente é. Se tivéssemos todos nós uma outra postura perante o autoquestionamento. Nós como a sociedade.

Eu – Achas que há resistência à autoavaliação?

E5L – Não há essa prática muito enraizada, não diria tanto, resistência. Como povo penso que culturalmente não estamos muito habituados a refletir sobre aquilo que fazemos. É um traço cultural.

Eu – Quem deve ser responsável pela equipa de autoavaliação?

E5L – Eu confio mais que sejam as próprias pessoas a voluntariar-se.

Eu – Há pouco disseste que havia falta de cultura de autoquestionamento. Achas que é possível ficar à espera que as pessoas se voluntariem?

E5L – Deviam ser estimulados mas não ordenados. Nestas coisas o ordenar penso que não funcionam. Determinar superiormente penso que não resulta.

Eu – Mas no vosso plano anual de atividades faz parte desenvolver a autoavaliação? Quem estimula então esse desenvolvimento?

E5L – É o diretor. Neste caso é o diretor. A iniciativa partiu de mim, assim como partiu de mim chamar cá a IGE para a avaliação externa. Na altura houve aqui grandes guerras porque a assembleia não queria. Houve vários questionamentos, obstruções, contestações. Chamei cá a IGE como estímulo para que começassem a pensar nestas questões.

Eu – Achas que deveria haver uma assessoria externa para este tipo de questões?

E5L – Não, por acaso não. Entendo é que os professores e os elementos desta comunidade podem aprender com trabalho esta situação. Sei que há escolas que contratam inclusivamente serviços externos. Não penso que isso seja fundamental.

Eu – Estive a falar com o grupo de autoavaliação. Disseram-me que o grupo nasceu através de pessoas que se inscreveram. Achas que assim funciona bem?

E5L – A isso podem responder eles melhor. A ideia que eu tenho é que eles funcionam relativamente bem. O processo deve passar por angariar boas vontades no naipe o mais alargado possível de agentes, sejam professores, pessoal não docente, pais ou alunos. Isso seria o ideal. Agora nem sempre estamos perto do ideal.

Eu – Como achas que deve ser o processo de divulgação do relatório de autoavaliação?

E5L – O relatório vem em primeiro lugar para mim que depois o dissemino por toda a comunidade escolar. Eu difundo-o por toda a gente. Na plataforma moodle temos uma forma de divulgação e eu divulgo-o por toda a gente. Depois as pessoas fazem a sua análise e nas sedes onde têm assento fazem a sua reflexão.

Eu – Ainda não construíram um plano de melhoria?

E5L – Não, nessa aceção não. Cada estrutura deve desenvolver propostas para esse plano de melhoria. Estamos nessa fase.

Eu – O grupo de autoavaliação deve identificar as áreas frágeis e de melhoria e depois?

E5L – Penso que as várias estruturas devem refletir sobre os pontos que mais diretamente lhe dizem respeito e fazer as propostas de melhoria. O plano de melhoria deve resultar de uma concertação das várias propostas de melhoria das várias áreas.

Eu – E essas propostas devem ser agregadas num plano?

E5L – Sim, de preferência, para dar a ideia de um conjunto.

Eu – O que é que fizeram por exemplo na sequência do relatório da avaliação externa da IGE?

E5L – Foi analisado pelas diferentes estruturas incluindo o grupo de avaliação interna que partiu desse relatório para proceder à sua abordagem.

Eu – Então pensas que deve haver articulação entre a avaliação interna e a avaliação externa?

E5L – Sim, deve haver. Nós sabemos que por vezes as metodologias não são próximas, mas tem havido uma preocupação aqui do grupo da autoavaliação da escola de se guiar por parâmetros que estão na avaliação externa.

Eu – Há pouco disseste que os professores eram a peça chave da qualidade da escola. Depois disseste que as áreas a avaliar deveriam ser as do ensino e aprendizagem, correto?

E5L – Sim, sobretudo porque acho que essa é a missão principal da escola. Mas há aspetos como o bar, a papelaria, refeitório que podem ser avaliados.

Eu – Então a avaliação da escola deve ser global?

E5L – Deve ser global é evidente. Agora numa instituição educativa o cerne do trabalho é a educação e naturalmente a energia principal da autoavaliação deve ser para aí canalizada, até porque é também essa parte que nos rouba mais energia e mais tempo.

Eu - A autoavaliação será na tua opinião uma avaliação para a melhoria e a avaliação externa uma avaliação para a prestação de contas?

E5L – Não, não será assim em termos tão separados. Também só tivemos ainda uma avaliação externa. Vieram aí despertar-nos para determinado estágio de desenvolvimento. Em tese a autoavaliação deve ser mais formativa mas também não encarei assim a avaliação externa. Penso que a avaliação externa também pode constituir-se como avaliação formativa.

Eu – Achas que se as escolas possuísem uma cultura enraizada e sistemática de autoavaliação seria necessário uma avaliação externa?

E5L – Não com a mesma ênfase que tem hoje. Talvez para o sistema educativo em geral uma das vantagens que eu vejo na avaliação externa, embora haja discrepâncias nas avaliações conforme a constituição das equipas de inspeção da IGE, é podermos saber como as outras escolas funcionam. Penso que também há um efeito de contágio de boas práticas a partir a partir da observação dos relatórios das outras escolas. Neste sentido é bom saber dos relatórios da avaliação externa. É que de alguma forma as

escolas têm tendência a fechar-se sobre si próprias pois estão muito absorvidas com o trabalho do seu dia a dia e muito dificilmente dialogam com as escolas que às vezes estão perto. Eu por exemplo não sei nada do que se passa com a outra escola que está aqui a dois passos. São três minutos a pé e eu não sei o que lá se passa. Mas poderei saber alguma coisa do que lá se passa se ler o relatório de avaliação externa da IGE. Pelo menos há ali uma caracterização, um olhar.

Eu – Comenta por favor o seguinte: há quem diga que alguém que tivesse morrido há 200 anos atrás e ressuscitasse, ficaria muito surpreendido com a evolução que o mundo sofreu mas se entrasse numa escola e numa sala de aula talvez que a diferença não fosse assim tão grande (a disposição das carteiras, o sistema de classes...)

E5L – Na educação de facto as coisas andam muito lentamente é verdade. Do modo como funciona a educação as estruturas permanecem com alguma imutabilidade durante décadas e séculos. Há aqui um ritmo demasiado lento.

Eu – Como diretor presumo que tenhas uma ideia sobre a qualidade dos professores da tua escola?

E5L – Tenho uma ideia porque já estou aqui há uns anos. Mas penso que há aqui muito bons profissionais.

Eu – Consegues quantificar?

E5L – Talvez uns oitenta por cento de bons professores.

Eu – E como fazes com os outros vinte por cento?

E5L – Não sei, neste momento não sei. Se a escola tivesse a prerrogativa de seleccionar os seus professores mas não tem.

Eu – Como pensas que poderias melhorar o que se passa dentro da sala de aula com esses professores?

E5L – Dialogando mais uns com os outros sobre o que se faz dentro da sala de aula. Incrementando e intensificando o trabalho de grupo.

Eu – Será que o professor ainda é muito socializado numa lógica individualista e de trabalho expositivo?

E5L – Talvez.

Eu – E que tal um sistema de aulas assistidas pelos pares a nível dos departamentos?

E5L – Não, não acho nada mal. A via pela qual o autoquestionamento deveria ser feita e quebradas as barreiras era por essa via. Aqui fazemos aulas abertas para podermos trocar experiências. Eu já lancei esse repto às pessoas por mais que uma vez. Seria muito importante a partilha de experiências.

Eu – Então e uma vez mais uma escola de qualidade para ti é...?

E5L – Uma escola que presta um bom serviço onde os alunos aprendem bem e da melhor forma possível.

Eu – E como é que as escolas sabem se os alunos estão a aprender bem?

E5L – Pelos resultados, pelo produto do seu trabalho.

Eu – Em termos de cultura avaliativa como classificarias o estado atual da escola?

E5L – Estamos numa fase intermédia.

Eu – Estará ainda a autoavaliação a ser um mero ritual simbólico ou de cumprimento de obrigações legais e sem grande impacto na transformação das práticas?

E5L – Sem grande impacto talvez, mas penso que há uma predisposição das pessoas para se autoquestionarem, começa a haver essa predisposição. É um trabalho muito lento, também não faz parte da nossa cultura nacional. Não se pode divorciar a escola do contexto social em que estamos. A nossa cultura portuguesa não é uma cultura de avaliação.

Eu – Obrigado pela tua colaboração.

Entrevistado: E3L Dia: 13/12/2011 Hora: 16:30

Local: Escola L

Condições em que decorreu a entrevista: tranquilidade e sossego, entrevistador frente a frente com a entrevistada

Eu – Qual o seu conceito de escola de qualidade?

E3L – É uma escola que reúne vários fatores tais como boas instalações, professores competentes e em que para além da parte teórica haja uma parte prática importante.

Eu – Quando ouve falar na comunicação social que uma escola é de qualidade o que é que pensa?

E3L – O que penso em primeiro lugar é que os resultados são muito bons a nível de notas para entrar para a faculdade. Mas não é só isso, acho que tem também importância o facto de os alunos se sentirem bem ou não na escola e as relações que há entre professores e alunos.

Eu – Então para uma mãe uma escola de qualidade é...

E3L – É uma escola onde o programa seja administrado, seja cumprido e em que o aluno tenha aproveitamento não só a nível de notas mas que lhe sirva para alguma coisa no futuro e um local onde haja uma boa relação entre professores e alunos.

Eu – Então qual é o fator preponderante para a qualidade nessa escola?

E3L – Talvez seja... são os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

Eu – E como é que os alunos conseguem adquirir esses conhecimentos?

E3L – Através do professor. Acho que o principal é o professor sem dúvida. Agora analisando melhor acho que uma escola é boa se os professores são bons e o papel principal é sem dúvida o do professor.

Eu – Qual pensa deve ser a missão principal da escola?

E3L – Ensinar. Eu não diria educar porque penso que isso é também o papel dos pais, mas contribuir para o desenvolvimento dos adolescentes para que se tornem adultos responsáveis.

Eu – Já ouviu falar da avaliação externa das escolas?

E3L – Sei que há mas não sei como é que se processa.

Eu – Ao longo destes três anos em que o seu filho está cá como costuma obter informação sobre a escola?

E3L – Pelo o que o meu filho me transmite e pelo contacto com o diretor de turma e pouco mais. Procuro também na página da internet.

Eu – Nunca viu lá nada sobre a avaliação da escola?

E3L – Se existe não reparei, passou-me ao lado.

Eu – Julga que é importante as escolas serem avaliadas?

E3L – Sim, acho que sim, hoje toda a gente é avaliado. Acho que é importante para corrigir certos erros que possa haver.

Eu – Será mais importante uma avaliação interna ou externa ?

E3L – Eu penso que uma avaliação interna. A uma avaliação externa passa-lhe concerteza muita coisa despercebida. Será preferível uma avaliação interna com a participação de todos os intervenientes na escola.

Eu – Que áreas acha que deveriam ser avaliadas nessa avaliação interna?

E3L – As aulas. Mas uma avaliação deve abranger tudo, desde o funcionamento do bar até à forma como são ministrados os programas. Penso que devem ser avaliados todos os pontos.

Eu – Gostaria de fazer parte desse grupo de autoavaliação?

E3L - ...Não.

Eu – Porquê?

E3L – Acho que é uma tarefa difícil. Mas acho a avaliação importante. Penso que é necessária para haver uma consciência do que é que se está a fazer bem ou não.

Eu – Tem conhecimento do processo de autoavaliação aqui da escola?

E3L – Não.

Eu – Havendo autoavaliação a quem pensa devem ser dados a conhecer os seus resultados?

E3L – Penso que deve ser a toda a gente. Na página da internet também porque são as pessoas interessadas na escola que vão lá procurar informação.

Eu – Pensa que os professores deveriam ter aulas observadas?

E3L – Isso faz parte da avaliação dos professores não é? Acho que isso das aulas observadas não tem grande interesse.

Eu – Como pensa que podemos mudar o ensino e a prática docente se não soubermos o que se passa dentro da sala de aula?

E3L – Acho que essas aulas observadas geralmente são aulas marcadas e o professor prepara a aula. Acho que pode ser feito com base em reuniões entre professores para se saber o que é realizado. Pode-se ver pelos trabalhos dos alunos, pelo que o professor pede aos alunos para fazer.

Eu – Como é que se consegue ver então se um professor é bom professor?

E3L – Acho que é um bocado complexo. Um bom professor consegue transmitir a matéria de uma forma clara e o aluno consegue aprender, tem um bom relacionamento com o aluno e tem também a preocupação de indicar aos alunos vias de obterem os conhecimentos trazendo materiais e indicando pistas.

Eu – Pensa que as escolas e os professores podem fazer a diferença na vida dos alunos?

E3L – Sim, podem. Penso que um professor é muito importante por exemplo para a escolha de determinadas opções profissionais. Um professor pode influenciar positivamente ou negativamente um aluno.

Eu – Como vamos então perceber se um professor é bom ou não?

E3L – Eu acho que é muito importante também o eco dos alunos, o eco dos pais.

Eu – Então na avaliação do professores os pais devem ser auscultados?

E3L – Isso também é complexo porque há pais e pais. A opinião dos pais às vezes também é um bocado injusta para com o professor.

Eu – Então qual acha que será a melhor maneira de avaliar o trabalho do professor?

E3L – Ouvindo os alunos e o próprio professor.

Eu – Então a autoavaliação da escola deve avaliar também o professor?

E3L – Sim, sim. Penso que se tem de ouvir os professores, os alunos, e talvez assistir a algumas aulas mas não preparadas e não apenas uma aula.

Eu – Deve existir apenas autoavaliação, avaliação externa ou ambas?

E3L – Só autoavaliação.

Eu – Não pensa que se corre o perigo da autoavaliação ser autocomplacente?

E3L – Não desde que as pessoas sejam conscienciosas.

Eu – O seu filho já frequentou outras escolas. Pensa que as escolas são muito iguais?

E3L – Não.

Eu – Então quais as grandes diferenças?

E3L – O meu filho em todas as escolas teve bons professores e outros menos bons.

Eu – Como sabia isso?

E3L – Sempre procurei auscultar o diretor de turma e também via o que o meu filho trazia da escola e os trabalhos pedidos e materiais fornecidos. Também pela opinião do

meu filho. Sempre confiei na sua avaliação dos professores. Além do mais há toda uma série de pequenas coisas que no fim do ano tudo somado se percebe. Também nas reuniões com os pais, pelos comentários de uns e outros percebemos quais os professores que são melhores.

Eu – Então a grande diferença entre as escolas é marcada pelos professores?

E3L – Penso que sim.

Eu - Comente por favor o seguinte: há quem diga que alguém que tivesse morrido há 200 anos atrás e ressuscitasse, ficaria muito surpreendido com a evolução que o mundo sofreu mas se entrasse numa escola e numa sala de aula talvez que a diferença não fosse assim tão grande (a disposição das carteiras, o sistema de classes...)

E3L – Não acho. O ensino hoje em dia é mais massificado. A escola hoje em dia é diferente na relação professor aluno que é mais próxima.

Eu – Porque é que acha que existe tanto insucesso no ensino secundário?

E3L – O nosso país tem tido muitas reformas ao longo dos anos. Umas são bem sucedidas outras não. Julgo que há falta de bases no ensino básico que está relacionada com a dispersão curricular. No 1.º ciclo havia mais concentração de disciplinas básicas como a matemática e a língua materna, agora não.

Eu – Pensa que temos uma escola elitista?

E3L – A determinada altura seleciona mesmo, é quase uma seleção natural.

Eu – A autoavaliação da escola é útil para...

E3L – Para melhorar.

Eu – Para melhorar o quê?

E3L – Alguns erros que estejam a ser cometidos.

Eu – Que tipo de erros?

E3L – Na organização da escola.

Eu – Que tipo de organização é a mais importante para si, a administrativa, a pedagógica, a financeira?

E3L – A pedagógica.

Eu – Então como melhora o que se passa dentro da sala de aula?

E3L – O núcleo é o professor mas é difícil dizer o que fazer.

Eu – E o relatório da autoavaliação o que fazer com ele?

E3L – Se é para meter na gaveta acho que não vale a pena fazer. Penso que deve haver uma reunião com o diretor e os órgãos responsáveis e corrigir o que está mal.

Eu – Pensa que as escolas devem prestar contas do que fazem?

E3L – A quem?

Eu – Aos pais, à comunidade, ao ministério. O que pensa?

E3L – Se eu soubesse ia para ministra da educação (risos). Para melhorar as pessoas devem dar as suas opiniões e devem existir reuniões entre os professores, os pais e os alunos com frequência.

Eu – Pelo que percebo os pais confiam bastante no trabalho dos professores não sentindo grande necessidade de um sistema de prestação de contas?

E3L – Acho que efetivamente há professores bons e outros não tão bons, sendo que estes últimos devem ser chamados à razão por alguém ou alguma entidade.

Eu – E qual deve ser essa entidade?

E3L – Deveria ser um conselho não propriamente um diretor.

Eu – Obrigado pela sua colaboração.

Entrevistado: E2L Dia: 13/12/2011 Hora: 17:35

Local: Escola L

Condições em que decorreu a entrevista: tranquilidade e sossego, entrevistador frente a frente com a entrevistada

Eu – O que é para ti uma escola de qualidade?

E2L – É aquela em que os alunos se sentem bem e podem participar na vida da escola. A participação dos alunos para mim é essencial. Uma outra questão é o nosso horário que é pesadíssimo.

Eu- Então o fundamental para uma escola de qualidade é os alunos sentirem-se bem?

E2L – Claro que sim, claro que sim.

Eu – Mas os alunos sentem-se mal porquê?

E2L – Quando os alunos sentem que são mais um número, quando não são ouvidos, não podem participar na vida da escola, quando não têm um papel importante na vida da escola.

Eu – E como é que os alunos sentem que são um número?

E2L – Pelo tratamento que têm por exemplo na atribuição das notas ou quando há um grupo de alunos que quer organizar atividades extracurriculares que ponham os alunos a relacionar-se uns com os outros e com os professores e encontram muitas barreiras pela frente, não conseguem organizar isso e não conseguem derrubar as barreiras.

Eu – Podes explicar isso um pouco melhor?

E2L – Quando queremos organizar uma atividade não nos dizem diretamente que não mas, depois, ou não nos proporcionam os meios ou dizem que não há tempo para o efeito.

Eu – E quem faz isso?

E2L - A direção por exemplo.

Eu – E quanto aos professores o que pensas deles?

E2L – Há bons e maus professores.

Eu – Achas que os professores ainda são demasiado transmissivos?

E2L – Muito, muito, muito. Eu noto isso ainda nesta escola.

Eu – As escolas precisavam de fazer algumas transformações?

E2L – Sim, não só esta, todas.

Eu – E no que se concretizava essa mudança?

E2L – Era necessário um maior envolvimento dos alunos na vida da escola e uma outra forma de ensinar.

Eu – Trata-se de um problema cultural que tem a ver com a ação das pessoas?

E2L – Claro que sim, claro que sim.

Eu – Então o problema não está na estrutura física da escola?

E2L – Estruturas? Muitas das escolas que foram reabilitadas o problema nem era das estruturas, tinha a ver com a atitude das pessoas.

Eu – Os alunos gostam de vir à escola?

E2L – Sim, os alunos gostam de vir à escola.

Eu – Para conviver?

E2L – (Risos), é isso principalmente. Mas gostavam ainda mais se houvesse outra forma de estar na escola

Eu – Os alunos gostavam de mais atividades práticas?

E2L – Não têm que ser mais atividades práticas, acho cansativo. É preferível atividades diversificadas e maior criatividade na forma de dar as aulas. Se estou numa aula a dar por exemplo...porque não vou então às fontes de informação que estão aqui perto da escola?

Eu – Isso acontece porquê? É o professor que não quer? É a organização? É a burocracia que impede?

E2L – É, é essencialmente por causa da burocracia.

Eu – A escola deve ser então um espaço de maior liberdade?

E2L – Completamente.

Eu – A escola continua a ser muito burocrática?

E2L – Muito burocrática, até para os próprios alunos que têm boas intenções mas não conseguem. Acaba por fechar as pessoas num círculo do qual elas não conseguem sair e leva-as a desistir pensando que não vale a pena.

Eu – Mas acreditas no valor da escola?

E2L – Eu acredito.

Eu – O que é para ti um bom professor?

E2L – É aquele que é exigente, que sabe relacionar-se com os alunos, que estabelece um objetivo para os alunos e os deixa atingir.

Eu – Uma escola de qualidade é...

E2L – É uma escola onde os alunos se sentem bem, participam, gostam de estar.

Eu – A principal missão da escola é...

E2L – É fazer com que os alunos saibam pensar, ensinar, ajudar os alunos a serem autónomos.

Eu – As escolas devem ser avaliadas?

E2L – Sim, sim.

Eu – Deve haver uma autoavaliação ou devem ser avaliadas por uma entidade externa?

E2L – Devem ser avaliadas de ambas as maneiras.

Eu – Já ouviste falar na autoavaliação aqui da escola?

E2L – Não, não participei nem conheço.

Eu – E já ouviste falar da avaliação externa da IGE?

E2L – Também não conheço.

Eu – Que áreas é que achas deveriam ser avaliadas na escola?

E2L – Os currículos. Acho que são muito grandes e desfasados da realidade.

Eu – Só os currículos?

E2L - Penso que a escola deveria ser avaliada numa forma global. Penso que todas as pessoas deveriam ser ouvidas.

Eu – Onde passam os alunos a maior parte do tempo?

E2L – Nas aulas.

Eu – Achas que as aulas deveriam ser observadas?

E2L – Não sei. Não sei até que ponto as aulas corresponderiam à realidade, nem sei quem deveria observar.

Eu – Qual achas mais importante, a autoavaliação ou a avaliação externa?

E2L – A autoavaliação.

Eu – A autoavaliação e a avaliação externa devem ser cruzadas?

E2L – Obviamente.

Eu – Como achas que deve ser constituído o grupo de autoavaliação?

EL – Penso que deve ser constituído por pais, alunos, funcionários e professores.

Eu – Gostarias de participar por exemplo num grupo de autoavaliação?

E2L – Porque não, acho que os alunos devem ter uma voz.

Eu – O relatório da autoavaliação deveria ser público?

E2L – Sim, sim.

Eu – Deve ser publicado na página da internet da escola?

E2L – Sim.

Eu – Em tua opinião qual deve ser a periodicidade da autoavaliação?

E2L – Para produzir efeitos penso que deve ser anual.

Eu – Acreditas que a escola pode fazer a diferença na vida dos alunos?

E2L – Sim, acredito.

Eu – E os professores podem fazer a diferença?

E2L – Sim, também acredito.

Eu - Comenta por favor o seguinte: há quem diga que alguém que tivesse morrido há 200 anos atrás e ressuscitasse, ficaria muito surpreendido com a evolução que o mundo sofreu mas se entrasse numa escola e numa sala de aula talvez que a diferença não fosse assim tão grande (a disposição das carteiras, o sistema de classes...)

E2L – Concordo. Os professores aqui parece que não gostam de chumbar ninguém. São muito pouco exigentes. Acho que não podem chumbar os alunos porque depois têm problemas.

Eu – Achas que a escola é seletiva?

E2L – Só nas classificações.

Eu – E os pais querem que os alunos passem ou aprendam?

E2L – Acho que querem que passem, porque querem que nós possamos sair de casa o mais depressa possível. Querem que nós arranjemos emprego.

Eu – Obrigado pela tua colaboração.

ANEXO 20 – Exemplo de Uma Análise de Conteúdo Efectuada (1.ª fase)

Dimensão	Categoria	Subcategoria	Enunciado
Sistema de autoavaliação	Construção do sistema de autoavaliação	Iniciativa	<p>“Fomos designados pela direcção” (E3A1).</p> <p>“Foi a direcção que nos solicitou. A directora pediu os inquéritos, supervisionou” (E3A2).</p>
		Natureza da avaliação	<p>“Tentar melhorar. Para já avaliar e depois tentar melhorar os pontos fracos” (E3A2).</p> <p>“Precisamos de ter sucesso e de saber quando não temos o que é que havemos de fazer para melhorar” (E5A).</p>
		Equipa de autoavaliação	<p>Fomos designados pela direcção” (E3A1).</p> <p>“Há dois anos o grupo era formado por 6 pessoas. Atualmente somos 4 pois é mais fácil termos horas em comum para trabalharmos[...]” (E3A2).</p>
		Referencial	<p>“Além da análise do sucesso quantitativo relacionado com o sucesso escolar dos alunos realizamos inquéritos para saber da qualidade dos serviços” (E3A1).</p> <p>“[...] aquilo que a direcção nos diz, ou o conselho geral nos di, aquilo que o órgão de superintendência nos dizem é útil para a escola e temo-lo em consideração para as áreas a avaliar” (E3A1)</p>
		Constrangimentos	<p>“O tempo. Temos de trabalhar em equipa e precisamos de tempo em comum livre” (E3A4)</p> <p>“E a formação, também precisávamos de formação nesta área” (E3A2)</p>

Ação educativa	Melhoria	Indisciplina	<p>“A escola tomou a decisão de pedir a adesão aos TEIP tendo a noção de que tem problemas de disciplina[...]” (E3A2).</p> <p>“Ouvir os professores e funcionários sobre o problema da disciplina dentro e fora da sala da sala de aula, porque nós não podemos andar fora do gabinete sempre”</p>
Organização escolar	Melhoria	Dos serviços	<p>“[...] precisamos também de saber nos diversos serviços se as pessoas estão contentes ou não” (E5A).</p>

ANEXO 21 – Exemplo de entrevistas da 2.ª fase, Escola A e Escola L

Entrevistado: E8A **Dia:** 27/09/12 **Hora:** 10:00

Cargo: Coordenador TEIP/Departamento

Local: Escola A

Condições em que decorreu a entrevista: tranquilidade e sossego, entrevistador frente a frente com o entrevistado

Eu – Porque se decidiu implementar o sistema de autoavaliação da sua escola?

E8A – Ciente do carácter obrigatório e permanente que a Lei n.º 30/2002 atribui à autoavaliação das escolas e confrontada com a existência de avaliação externa da escola promovida pela tutela, o órgão de gestão decidiu, a partir de meados da década de 2000, por em marcha uma série de iniciativas que visavam estabelecer grupos de trabalho para recolha sistemática dos indicadores essenciais para a autoavaliação nomeadamente, de carácter quantitativo no respeitante aos resultados escolares de cada ano lectivo, abandono escolar, absentismo, etc. A análise destes indicadores deveria permitir a um grupo de docentes especialmente designado para o efeito a reformulação dos projectos educativos de escola trienais, destacando a relevância da autoavaliação interna como instrumento susceptível de desencadear uma prática reflexiva da eficácia da acção pedagógica.

Eu – Quem decidiu que áreas/domínios iria avaliar?

E8A – A tomada de decisões nesta matéria foi assumida pela direcção em articulação com o conselho pedagógico e, posteriormente, com os elementos do *Observatório da Qualidade* entretanto constituído com nova equipa a partir de 2005/2006.

Eu – Que referencial ou modelo foi escolhido para a construção do sistema de autoavaliação da escola?

E8A – Tratou-se em larga medida, de uma construção própria e faseada da escola. Em aspectos pontuais, como o da construção pelo *Observatório da Qualidade dos Inquéritos à Qualidade de Serviços*, aplicados em 2009/2010 foram tomados como ponto de partida e referencial modelos de instituições com maior grau de experiência na aplicação destes instrumentos (neste caso a escola secundária...)

Eu – Quais foram as áreas escolhidas para avaliar?

E8A – Após reflexão sobre o que se pretendia atingir com o processo de autoavaliação interna – sem perder de vista o seu enquadramento no espírito da Lei n.º 30/2002, e consultado o roteiro sobre a “efectividade da autoavaliação das escolas” onde se sustenta dever ser a autoavaliação, assegurada por uma prática sistemática e integrada na cultura das organizações escolares entendida como um processo reflexivo, que deve conduzir á acção, essencial para a consolidação dos processos de mudança e melhoria, o grupo de trabalho designado na altura identificou um conjunto de áreas que deveria passar a ser objecto de avaliação continuada e permanente. Estas áreas envolviam para além do domínio específico do sucesso escolar dos alunos, a relação do órgão de gestão com a comunidade e a qualidade dos serviços prestados pela escola. Este processo deveria desenvolver-se em torno do que é estipulado na Lei n.º 3072002.

Eu – O que foi feito para envolver as pessoas no processo de autoavaliação da escola?

E8A – Num primeiro momento a divulgação da iniciativa focou-se na comunidade docente da escola, dada a facilidade de proceder à circulação da informação por acção dos coordenadores de departamento e dos coordenadores de área disciplinar, fazendo-as chegar rapidamente a todos os docentes. Num segundo momento, por acção de outras estruturas, o conselho geral por exemplo, foram envolvidos outros elementos da comunidade escolar e solicitada a colaboração dos pais, alunos e pessoal não docente. Num terceiro momento, a adesão do agrupamento ao programa TEIP em 2009/2010 determinou a criação de órgãos próprios que promoveram outras medidas de divulgação de ações e práticas relacionadas directa ou indirecta com a autoavaliação.

Eu – Quais os principais factores que podem contribuir para o sucesso da construção e implementação do sistema de autoavaliação?

E8A – Em minha opinião, poderão ser elencados uma série de factores que determinarão o maior ou menor grau de sucesso na adoção do sistema de autoavaliação interna das escolas. De entre eles sublinharia quatro: 1. A adesão voluntária, ou seja, o projecto de autoavaliação e os seus mecanismos devem ser aceites por toda a comunidade escolar; 2. A avaliação total e colectiva, neste caso a escola deve ser avaliada por todos aqueles que estão abrangidos ou são objecto da sua atuação tais como docentes, alunso, pais, comunidade educativa; 3. Deve haver respeito pela identidade da escola, nomeadamente através da identificação de factores socioeconómicos e culturais que deverão ser considerados na autoavaliação; 4. Deve também existir a competência técnica e metodológica, ou seja, deve partir-se de uma base científica de trabalho que, no mínimo, legitime a validade dos dados recolhidos. Como é óbvio admito que este

pontos suscitem desafios à comunidade escolar. Referiria por exemplo, que continua a ser problemático na nossa escola o reconhecimento da relevância de práticas autoavaliativas por parte de alguns docentes. No entanto, julgo ser de sublinhar que a autoavaliação institucional não constitui panaceia para todos os males educacionais, embora possa assumir-se como instrumento relevante para a melhoria das práticas pedagógicas.

Eu – Quais foram os principais constrangimentos à construção e utilização do sistema de autoavaliação?

ESA – Se criar os instrumentos práticos envolvidos na autoavaliação foi um processo mais ou menos expedito, já a mudança de mentalidades, a diversos níveis, revelou ser mais problemática. Na sequência do que disse anteriormente, apontaria a larga experiência autoritária da prática educacional e a resistência à alteração dessa prática instalada ao longo de muitos anos nas escolas, bem como a grande inércia das estruturas de trabalho administrativo e de gestão de pessoal. Neste ponto continua a surpreender-me a confusão que persiste na classe docente e no nosso sistema de ensino entre a autonomia pedagógica do professor e uma certa noção de desresponsabilização pelos resultados práticos da acção pedagógica, ou seja pelos resultados dos alunos. Para alguns docentes, o ato de fechar a porta da sala de aula é visto como sinónimo de não ter de responder ou justificar estratégias ou metodologias pedagógicas absolutamente desfasadas das necessidades reveladas pelas turmas. Como coordenador do programa TEIP do meu agrupamento, constato com preocupação a incapacidade de muitos docentes para lidar com a inclusão nos parâmetros de autoavaliação das metas quantitativas imposta pela tutela. Confrontados com tal realidade, a primeira reacção é quase sempre a de contestar a existência de metas e não a de procurar estratégias para as atingir.

Eu – A quem foi divulgado os resultados da aplicação do sistema de autoavaliação?

ESA – A apresentação dos relatórios anuais do *Observatório da Qualidade* e a sua discussão em conselho pedagógico, de conselho geral e em reuniões de direcção com os elementos do órgão de acompanhamento do programa TEIP III garante um razoável grau de divulgação dos resultados apurados, ou seja, inquéritos à qualidade dos serviços, qualidade do sucesso escolar dos alunos na frequência anual e em exames nacionais, testes intermédios, etc, aos representantes dos diversos agentes da comunidade escolar.

Eu – Como se fez sentir os resultados da autoavaliação no acompanhamento da supervisão da prática pedagógica ou na articulação entre as práticas de ensino e a avaliação das aprendizagens?

ESA – Na tomada de medidas descentralizadas a partir dos momentos em que órgãos ou estruturas de decisão pedagógica analisam e avaliam os resultados da avaliação interna das aprendizagens dos alunos. Os resultados são analisados no final de cada período lectivo em conselho pedagógico, conselho de directores de turma, departamentos curriculares e áreas disciplinares. No caso da análise dos resultados da avaliação externa das aprendizagens, os resultados são analisados com base nos mapas de classificação enviados pelo GAVE. A directora divulga os relatórios ao conselho pedagógico e depois os coordenadores de departamento fazem a sua divulgação junto dos colegas. Numa segunda fase os resultados são objecto de discussão em conselho geral. Se procurarmos, em diversos níveis, evidências que decorram da acção deste metodologia, não posso deixar de concluir que há ainda um extenso trabalho a fazer para conseguir uma efectiva repercussão dos resultados da autoavaliação na melhoria da articulação entre práticas de ensino e avaliação das aprendizagens.

Eu – E no que diz respeito aos efeitos da autoavaliação na definição de metas e objectivos em termos de processos e resultados?

ESA – Tanto os resultados da autoavaliação como o relatório da última avaliação externa (2008/2009) foram objecto de análise pelas estruturas de coordenação pedagógica tendo sido identificados domínios. Sublinhe-se que o TEIP III para 2012/2013 passou a incluir a obrigatoriedade de atingir um conjunto de metas quantitativas bem definidas como condição para a manutenção dos apoios. Em consequência desta nova realidade, foi assumida a necessidade imperiosa de agilizar processos de tomada de decisão pedagógica e de reforçar o envolvimento da comunidade escolar.

Eu – Que efeitos se fazem sentir decorrentes da autoavaliação na identificação das necessidades educativas dos alunos, na definição de estratégias de aprendizagem inovadoras, na monitorização dos resultados e no trabalho em equipa dos docentes?

ESA – Com o aperfeiçoamento gradual dos mecanismos de autoavaliação, nomeadamente na recolha em tempo útil da informação relativa à qualidade do sucesso escolar dos alunos das duas escolas do Agrupamento, tornou-se possível identificar áreas de especial fraqueza no domínio do conhecimento da língua Portuguesa, do raciocínio lógico-matemático e do domínio de línguas estrangeiras, por exemplo, facto

que levou à introdução à criação da Turma Mais, coadjuvação em certas disciplinas, criação de um novo programa de tutorias, e criação do centro de apoio em Física e Química – CAFQ para desenvolver o PAAFQ – Programa de apoio às aprendizagens em Física e Química. A adoção destas novas metodologias de trabalho pedagógico em contexto de sala de aula e a existência de uma nova capacidade de resposta a situações concretas de dificuldade de aprendizagem representa, a meu ver, uma significativa evolução ou revolução das prática pedagógicas aqui na escola.

Eu – Quais os efeitos da autoavaliação na gestão dos recursos, espaços e equipamentos?

E8A – Neste momento é difícil responder face às obras que ainda decorrem da parque escolar.

Eu – Quais os efeitos da autoavaliação no estabelecimento de parceria e projetos?

E8A – No âmbito do programa TEIP, foi criado em 2010/2011 um gabinete técnico o Espaço Mias com agentes de mediação sócio-cultural que reforçou a capacidade de intervenção fora do espaço físico da escola, permitiu estabelecer parcerias com entidades locais e aumentar a interacção com as famílias dos alunos.

Eu – E quais os efeitos da autoavaliação na forma como se elaboram os horários e se organizam as turmas?

E8A – Face à maior disponibilidade de informação permite-se identificar quem são os alunos que devem ser encaminhados para as diferentes vias de formação. São dadas indicações às equipas que fazem as turmas nomeadamente sobre os alunos do 7.º e 9.º anos. Tem-se também procurado nos cursos profissionais ajustar a oferta às características dos alunos e proceder com cuidado á afectação dos docentes em áreas disciplinares tradicionalmente afectadas por maiores níveis de insucesso como a Matemática e a Física e Química.

Eu – E nas áreas da articulação curricular, participação dos pais na vida da escola, definição do plano de formação, integração de novos professores, como se tem feito sentir o efeito da autoavaliação?

E8A – julgo que houve algumas melhorias na articulação curricular sobretudo na transição do 1.º para o 2.º ciclo. Os domínios da definição do plano interno de formação e da participação dos pais são, a meu ver claramente deficitários, ainda que as causas sejam variadas e, no segundo caso, dificilmente superáveis.

Eu – Qual a periodicidade da autoavaliação na escola?

E8A – É anual.

Eu – Em sua opinião, quais os aspectos mais importantes que justificam a existência da autoavaliação?

ESA – No meu entender são dois. Em primeiro lugar a tomada de consciência de que a autoavaliação é um instrumento susceptível de proporcionar um maior grau de autoconhecimento à instituição, detectando especialmente os pontos fracos que carecem de intervenção. Em segundo lugar, o estabelecimento gradual, junto do docente, da noção de inevitabilidade da avaliação da eficácia das metodologias e práticas pedagógicas medida em relação direta com os resultados escolares dos alunos, e da necessidade do seu permanente escrutínio como via para melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Eu – Obrigado pela sua colaboração

Entrevistado: E16L **Dia:** 06/11/12 **Hora:** 15:00

Cargo – Coordenador de Departamento

Local: Escola L

Condições em que decorreu a entrevista: tranquilidade e sossego, entrevistador frente a frente com o entrevistado

Eu – Porque se decidiu implementar o sistema de autoavaliação da sua escola?

E16L – Para melhoras as práticas de ensino aprendizagem; para verificar as questões que havia necessidade de serem reforçadas; para compreender melhor o funcionamento da escola e as relações entre docentes, não docentes e alunos.

Eu – Quem decidiu que áreas/domínios iria avaliar?

E16L - Foi o conselho pedagógico, a direção e o conselho geral.

Eu – Que referencial ou modelo foi escolhido para a construção do sistema de autoavaliação da escola?

E16L - Considero que se baseou num modelo já existente na escola de anos anteriores e da própria IGE.

Eu – Quais foram as áreas escolhidas para avaliar?

E16L - As áreas escolhidas foram: o ensino-aprendizagem, a avaliação, a gestão de recursos humanos e as lideranças.

Eu – O que foi feito para envolver as pessoas no processo de autoavaliação da escola?

E16L - Houve dinamização de encontros com o grupo de autoavaliação da escola através de inquéritos e painéis de entrevistas. A abordagem do assunto foi feita em conselho pedagógico e depois em reuniões de grupos disciplinares.

Eu – Quais os principais factores que podem contribuir para o sucesso da construção e implementação do sistema de autoavaliação?

E16L – Julgo que contribuiu o interesse na melhoria do processo de ensino-aprendizagem ministrado na escola e a procura de desenvolver interrelações entre os diversos órgãos e membros da escola.

Eu – Quais foram os principais constrangimentos à construção e utilização do sistema de autoavaliação?

E16L - Falta de tempo para as pessoas se envolverem mais no preenchimento de inquéritos e na participação nos painéis. A dificuldade das pessoas se autoavaliarem.

Eu – A quem foi divulgado os resultados da aplicação do sistema de autoavaliação?

E16L – Foi divulgado a todos os docentes através do conselho pedagógico, das reuniões de grupos disciplinares e pela plataforma *moodle* da escola.

Eu – Como se fez sentir os resultados da autoavaliação no acompanhamento da supervisão da prática pedagógica ou na articulação entre as práticas de ensino e a avaliação das aprendizagens?

E16L – Houve uma clara procura de melhorar o processo de ensino e aprendizagem a par do recurso a novas práticas e novos recursos educativos. Houve a dinamização de algumas sessões de trabalho para dialogar sobre esses resultados.

Individual e colectivamente os professores procuraram entender os resultados da autoavaliação para desenvolverem novas práticas de ensino. Como se vem a desenvolver na escola um trabalho de dinamização e implementação de critérios de avaliação de acordo com novos descritores assentes nas competências tem-se vindo a sentir uma nova dinâmica no que concerne à avaliação dos alunos.

Eu – E no que diz respeito aos efeitos da autoavaliação na definição de metas e objectivos em termos de processos e resultados?

E16L – Nos grupos disciplinares e cursos procurou-se definir e realizar planos de melhoria que vão ao encontro de um trabalho que já vinha a ser desenvolvido nos grupos de análise dos resultados alcançados pelos alunos por período, em conjunto, procurando definir metas de aprendizagem a par de objectivos de superação e remediação das dificuldades detectadas.

Eu – Que efeitos se fazem sentir decorrentes da autoavaliação na identificação das necessidades educativas dos alunos, na definição de estratégias de aprendizagem inovadoras, na monitorização dos resultados e no trabalho em equipa dos docentes?

E16L – Com já referi o trabalho realizado em grupos disciplinares sobre a análise dos resultados obtidos, levou à definição de estratégias de aprendizagem em grupo, de forma a superar essas dificuldades.

Eu – Quais os efeitos da autoavaliação na gestão dos recursos, espaços e equipamentos?

E16L - Atendendo a que a escola se encontra num processo de intervenção de obras é difícil de referir os efeitos possíveis de autoavaliação na gestão de recursos, espaços e equipamentos. No entanto, na sua maioria a escola dispõe de ótimos recursos e espaços, a par de equipamentos. Trata-se de uma área de excelência da escola.

Eu – Quais os efeitos da autoavaliação no estabelecimento de parceria e projetos?

E16L – Neste caso as parcerias e projectos sempre existiram pelo que o efeito não se faz notar.

Eu – E quais os efeitos da autoavaliação na forma como se elaboram os horários e se organizam as turmas?

E16L – Talvez que tenha havido alguma influência na organização das turmas e na elaboração dos horários de alunos e professores. Mas estes efeitos estão sempre condicionados por sucessivas alterações legislativas anuais.

Eu – E nas áreas da articulação curricular, participação dos pais na vida da escola, definição do plano de formação, integração de novos professores, como se tem feito sentir o efeito da autoavaliação?

E16L – Tratando-se de uma escola com especificidades curriculares não senti efeitos a este nível de articulação curricular. O mesmo posso dizer em relação ao plano de formação. A integração dos novos professores faz-se naturalmente como todos os anos. Talvez que tenha havido algumas alterações nas estratégias de apoio aos alunos.

Eu – Qual a periodicidade da autoavaliação na escola?

E16L – Tem vindo a decorrer anualmente nos últimos 3 a 4 anos.

Eu – Em sua opinião, quais os aspectos mais importantes que justificam a existência da autoavaliação?

Se partirmos do pressuposto de que tudo e todos devem ser sujeitos a avaliação, então se encararmos a autoavaliação como um ato formativo com um *feedback* adequado e para o futuro, ou seja tendo em vista perspetivar o futuro, parece-me ser a sua maior justificação.

Eu – Obrigado pela sua colaboração